

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
CAMPUS MARÍLIA/SP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

SILVANA MANSANO

LITERATURA E ENGAJAMENTO: Lima Barreto, Um Pensador Social do Rio de Janeiro na Primeira República

Marília

2020

SILVANA MANSANO

LITERATURA E ENGAJAMENTO: Lima Barreto, Um Pensador Social do Rio de Janeiro na Primeira República

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Linha de Pesquisa 1, Pensamento Social, Políticas Públicas e Educação, da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, sob orientação do Prof. Dr. Marcelo Augusto Totti.

Marília

2020

M2861 Mansano, Silvana
Literatura e engajamento : Lima Barreto, um pensador social do Rio de Janeiro na Primeira República / Silvana Mansano. -- Marília, 2020
116 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília
Orientador: Prof. Dr. Marcelo Augusto Totti

1. Lima Barreto. 2. Pensamento Social Brasileiro. 3. Primeira República. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

SILVANA MANSANO

LITERATURA E ENGAJAMENTO: Lima Barreto, Um Pensador Social do Rio de Janeiro na Primeira República

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

BANCA EXAMINADORA:

Professor Doutor Marcelo Augusto Totti (Orientador)
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Filosofia e Ciências - FFC

Professor Doutor Luís Antônio Francisco de Souza
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Filosofia e Ciências - FFC

Professora Doutora Cristina Nunes de Sant’Anna
Programa de Pós-Graduação em Comunicação
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Marília, 10 de Dezembro de 2020.

À minha avó Maria Eugênia (in memoriam)

Aos meus pais Euzébio (in memoriam) e Lourdes (in memoriam)

Aos meus irmãos

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Euzébio (*in memoriam*) e Lourdes (*in memoriam*), que me ensinaram os mais nobres e fecundos valores, bem como a persistir nos meus sonhos.

Aos meus irmãos, Emerson e Odair, que me deram todo apoio, auxílio, compreensão e amor para que tornasse possível o caminhar da Pós-Graduação.

Ao meu orientador, Dr. Marcelo Augusto Totti, pela parceria, bom humor na condução dos ensinamentos e respeito pelo pensamento barretiano, que tornaram a jornada muito mais leve.

Ao meu orientador da graduação, Dr. Luís Antônio Francisco de Souza, pelo respeito imenso à memória e às obras de Lima Barreto, por ter acreditado em meu projeto, ter ajustado e apontado os rumos corretos a serem descortinados para que eu chegasse até aqui.

À UNESP de Marília pelo comprometimento com a excelência na formação acadêmica, por todo suporte material e aporte de grandes profissionais que contribuem, com sincronismo e dedicação, tornando prazeroso e eficiente estudar nesta Universidade.

A todos os professores, da Graduação e da Pós-Graduação, que, com o profissionalismo de ensinar e formar pensadores, foram pacientes, me inspiraram e me incentivaram a não desistir em momento algum, mesmo os mais difíceis, quando muitos desacreditaram que uma obra literária pudesse conter um pensamento social tão poderoso.

À minha avó materna, Maria Eugênia (*in memoriam*), pelo esforço abnegado pelos netos, por ter povoado minha infância de lindas histórias e por ter sido a grande fonte de inspiração para esta pesquisa.

À banca examinadora da qualificação e da defesa e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001".

“Hoje, pois, como não houvesse assunto, resolvi fazer dessa nota uma página íntima, tanto mais íntima que é de mim para mim, do Afonso de vinte e três anos para o Afonso de trinta, de quarenta, de cinquenta anos. Guardando-as, eu poderei fazer delas como pontos determinantes da minha trajetória, da minha vida e do meu espírito, e outro não é o meu fim. Aqui bem alto declaro que, se a morte me surpreender, não permitindo que as utilize, peço a quem se servir delas que se sirva com o máximo de cuidado e discrição, porque mesmo no túmulo eu poderia ter vergonha.”

Diário de Afonso Henriques de Lima Barreto, 03 de janeiro de 1905.

RESUMO

Lima Barreto aponta em sua produção literária os problemas enfrentados pela população vulnerável na nova conformação social que se apresentava na Primeira República (1890-1930). Por se dedicar a relatar os dramas dos excluídos, o escritor torna-se importante fonte de compreensão dos dilemas que despontaram durante o caminhar à *Belle Époque*. Com uma linguagem simples, adquirida no ofício como jornalista, o escritor assume um papel combativo contra as injustiças que permaneciam e se aprofundavam, criando uma literatura de engajamento e crítica. Neste trabalho buscamos abordar como Lima Barreto enxergou esses problemas e como sua literatura de engajamento foi formada e se intensificou com o passar dos anos em diferentes obras e crônicas. Discutindo inúmeros assuntos que pairavam em um país com intensas transformações, buscamos aqui abordar, além das influências que Lima Barreto recebeu e o forjou como escritor, temas como a mulher, o racismo, o crescimento desordenado das cidades, a exclusão dos negros. As fontes estudadas foram anotações, correspondências, crônicas e livros. Para compreendermos algumas questões da mulher negra, buscamos os dramas contidos em *Clara dos Anjos*; a extensão do racismo e seus mecanismos de bloqueio vemos com *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*; para entendermos a condição de outras mulheres trazemos personagens de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. A cidade do Rio de Janeiro, tão importante em suas obras, está presente em crônicas e na obra *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, que nos mostra como o negro e pobre foram empurrados para os arredores da cidade, aprofundando um drama social de difícil solução.

Palavras-chave: Lima Barreto. Pensamento Social Brasileiro. Primeira República.

ABSTRACT

Lima Barreto points out in his literary production problems faced by the vulnerable population in the new social conformation that appeared in the First Republic (1890-1930). Dedicating himself to reporting dramas of the excluded, the writer becomes an important dilemmas understanding source occurred during *Belle Époque* age. In a simple language, acquired as a journalist, the rite will assume a combative role against remaining and deep injustices, creating an engagement and criticism literature. In this paper, we approach how Lima Barreto saw these problems and how his engagement literature was formed and intensified over the years in different works and chronicles. Discussing countless subjects happening in a country with intense transformations, we will try to address, in addition to the influences Lima Barreto received and shaped him as a writer, themes such as women, racism, disorderly grow thou cities and black people exclusion. Studied sources were notes, mailings, chronicles and books. To understand some questions of the black woman, we looked for dramas contained in *Clara dos Anjos*; racism extension and its blocking mechanisms, we will see in *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*; to understand other women conditions, we brought characters from *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. City of Rio de Janeiro, important in his works, will be presented in chronicles and in the work *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, which shows us how black and poor people were taken to the city outskirts, detailing a difficult social drama to solve.

Key-Words: Lima Barreto. Brazilian Social Thought. First Republic.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 10 |
| CAPÍTULO 1- LIMA BARRETO E A PRIMEIRA REPÚBLICA | 20 |
| 1.1 Biografia de Lima Barreto..... | 25 |
| 1.2 Pensamento Social na Primeira República..... | 31 |
| 1.3 Lima Barreto revoltado..... | 36 |
| 1.4 O Pensador Social..... | 49 |
| CAPÍTULO 2 – O NEGRO E O RACISMO NA VIDA E OBRA DE LIMA BARRETO..... | 56 |
| 2.1 Racismo | 56 |
| 2.2 O Negro na Primeira República..... | 60 |
| 2.3 O Negro em Outras Obras Literárias da Época..... | 65 |
| 2.4 O personagem sempre presente: A cidade..... | 70 |
| CAPÍTULO 3 – AS MULHERES POR LIMA BARRETO..... | 74 |
| 3.1 Mulher Branca - Educação e Casamento..... | 75 |
| 3.2 Agressão Sexual à mulher negra | 83 |
| 3.3 Cuidados com a Retratação da mulher negra | 85 |
| 3.4 A História de Clara dos Anjos..... | 87 |
| 3.5 O Refúgio dos Infelizes e seus personagens..... | 92 |
| 3.6 Dona Margarida e Gabriela | 99 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 102 |
| REFERÊNCIAS (das obras de Lima Barreto) | 106 |
| REFERÊNCIAS (Geral)..... | 108 |

1 INTRODUÇÃO

“É necessário haver caos em si mesmo para dar à luz uma estrela cintilante.”
Nietzsche

O caminhar pelas obras de Lima Barreto, ainda na adolescência, sempre me despertou grande curiosidade de conhecer mais da sua vida e do período em que viveu e sobre o qual escreveu: a Primeira República. Assim, suas obras sempre tiveram um lugar especial em minha vida, seja pela literatura combativa, seja pela necessidade de compreender muitos dos dramas que o escritor nos apresenta. Na graduação em Ciências Sociais meu interesse se intensificou e escolhi o escritor como fonte do meu Trabalho de Conclusão de Curso, tendo como recorte a mulher negra descrita em *Clara dos Anjos*. Com a ajuda do meu orientador da Graduação, Dr. Luís Antônio Francisco de Souza, pude ter contato com diferentes estudiosos da vida e obra de Lima Barreto, que me possibilitaram o ingresso na Pós-Graduação, onde meu olhar se ampliou e se aprofundou. As diversas leituras me levaram a ver que eu precisa escrever mais sobre como o escritor processou as diversas transformações do país, pois suas obras são repletas de denúncias e injustiças que permaneceram na Primeira República.

Tendo a capacidade de nos revelar inúmeros dramas sociais de um país turbulento, as leituras na Pós-Graduação se alargaram e tentei compreender como Lima Barreto fez da literatura uma ferramenta de luta e resistência às injustiças que presenciava.

O escritor empenhou-se em mostrar em suas obras os problemas sociais que emergiram das fissuras na Primeira República; fez uma literatura com engajamento. Assim, busco mostrar que Lima Barreto não apenas registra, não apenas documenta, não apenas descreve. Sua literatura transpõe criticamente, é crítica e criação. Não é apenas uma literatura escrita por um negro, é uma literatura negra.

É com os movimentos abolicionistas no Brasil que se desperta o interesse pelas condições de vida dos negros enquanto fenômeno social e, conseqüentemente, como isso impactaria na construção dos novos caminhos do país. É um período de grande ebulição onde temos a abolição da escravatura, o fim da monarquia, a discussão dos rumos econômicos sem a mão-de-obra escrava, o avanço das teorias raciais e a seleção de uma elite que refletirá sobre a construção dessa nova nação. Assim, o final do Século XIX e o início do Século XX marcam o período da urgência do Brasil de ir ao encontro da modernidade, posto que

necessitava ter seu nome reconhecido no exterior, apartado da chaga de mais de três séculos de escravidão e suas consequências.

No calor dessas transformações que impactaram a Primeira República (1889-1930), o escritor Lima Barreto faz emergir suas reflexões sobre a inserção no negro na nova conformação social que se apresentava. De um talento inquestionável no manejo na escrita, busca, com sua literatura, empreender duas grandes batalhas: uma, que o reconhecimento de sua escrita o faria sair do fosso social que era reservado aos negros; outra, sulcar os caminhos de uma literatura que denunciasses as mazelas sociais infligidas aos negros e, por conseguinte, a ele mesmo.

O escritor nasceu e viveu no Rio de Janeiro de 1881 a 1922. Neto de escravos, filho de uma professora e um tipógrafo que viviam de forma muito modesta, mas conseguiram que o filho fosse apadrinhado e pudesse receber a melhor educação possível. Isso fez com que o escritor vivesse sempre entre dois mundos: em casa com sua família modesta e, na escola e depois no curso de Engenharia da Escola Politécnica, com os de condição socioeconômica muito privilegiada.

Segundo Sérgio Miceli (2001p. 24-48), no livro *Intelectuais à brasileira*, o fato de Lima Barreto ser negro – o que o estudioso chama de estigmas corporais – reforçou a interiorização de qualidades como a “sensibilidade”, que foram adquiridas durante todo esse processo de rejeição, onde os parentes pobres transmitem a seus filhos todas as modalidades de algemas ligadas à sua falsa posição social. O estudioso ainda reforça que o fato de Lima Barreto transitar entre os mundos de ricos e pobres, faz com que tenha uma grande experiência social capaz de transformar sua visão de mundo. Mas, o grande revés que se abate sobre o escritor, segundo Miceli, vem do fato de Lima Barreto abandonar o curso de Engenharia. Isso fará com que seja excluído do rol dos acadêmicos da época, bem como se sentirá desencaixado do próprio núcleo familiar – o que o transformará.

O princípio subjacente à experiência social de Lima Barreto (bem como as tomadas de posição estéticas e políticas que dela resultam) reside na convergência de dois movimentos opostos, a saber a familiarização com o universo de classe dirigente mediante a educação singular que recebeu por intermédio de seu padrinho, o Visconde do Ouro Preto e, de outro lado, a permanência do vínculo com a classe original. (MICELI, 2001, p. 35).

O revés da exclusão, aliada à experiência de compreender e se apropriar dos modos de pensar e sentir dos dois mundos que frequentou, fez com que sua literatura assumisse um

ponto de vista objetivo acerca do mundo social a partir de sua primeira experiência nesse mundo – no caso, sua visão a partir do mundo dos excluídos.

Muitos intelectuais brasileiros, a partir de 1870, se voltaram com maior atenção à produção cultural europeia, considerando-a capaz de nos alçar à modernização, com futuro promissor e ilimitado (SEVCENKO, 1995). Para eles, era urgente fazermos a atualização da sociedade aos moldes europeus, a modernização das estruturas da nação, ea integração com outros países para fazermos a elevação do nível cultural e material da população (1995). Contrário a esse cosmopolitismo, o escritor Lima Barreto, forjado entre os dois mundos citados por Miceli, insurgiu por meio de sua literatura, causando uma separação irremediável com os literatos da época. Sua escrita é marcada pelas críticas às fissuras sociais que emergiram com o processo modernizador, bem como pela ruptura estética.

Para Carlos Nelson Coutinho (1972), Lima Barreto avaliou a miséria estética e humana dos que escreviam sob o intimismo da sombra do poder o que justifica a busca de uma nova literatura “que conjugue indissolúvelmente a grandeza estética com um profundo espírito popular e democrático, com a aberta tomada de posição em favor dos ‘humilhados e ofendidos’.” (1972, p. 18). É dessa forma que o escritor, testemunha das transformações no início do Século XX, adotou uma estética com linguagem deslocada das normas cultas, sendo que sua ética o levou a abordar o espinhoso tema da exclusão dos negros e pobres do processo de modernização. Consciente da função do artista na sociedade e das mudanças e ressignificações da arte, Lima Barreto entendia que a literatura deveria produzir uma emoção estética com caráter social.

A produção literária do autor é vasta e sobre os mais variados temas. São 17 livros e, segundo Sant’anna (2013, p. 16), foram catalogadas 440 crônicas que publicou em 27 jornais e revistas. Embora a produção literária do escritor seja extensa, as obras escolhidas para análise neste trabalho são: *Clara dos Anjos*, *O triste fim de Policarpo Quaresma*, *Memórias do escrivão Isaías Caminha*, *Numa e Ninfa*, *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Além dessas obras ainda temos os contos *O Moleque*, *O Pecado*, *O filho de Gabriela*, e outros esparsamente mencionados no decorrer do texto.

Quanto ao *corpus* feminino, trazemos análises de algumas mulheres em suas obras, como em *Clara dos Anjos* a Dona Margarida Weber, Dona Engrácia e Dona Salustiana. Já em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, julgamos importante entender alguns dos diferentes espaços que foram destinados à mulher branca na Primeira República, por mostrar muitas das dificuldades que permaneceram na virada do século. Com Ismênia, Adelaide, Olga e

Maricota, destacamos as formas de bloqueios do patriarcado no que se refere ao casamento e à educação.

A obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* é a que melhor retrata o sistema de exclusão do racismo, tornando-se importante por nos mostrar os mecanismos de bloqueio de uma sociedade racista e como funciona o racismo. Assim entendemos como os personagens dos subúrbios muitas vezes permanecem nessa prisão social que os impedem de avançar socialmente.

A cidade do Rio de Janeiro na literatura de Lima Barreto é muito importante, pois se torna um dos personagens da trama. Em especial, isso ocorre em *Clara dos Anjos Gonzaga de Sá*. Por isso a opção de fazer uma análise mais detida dos subúrbios, que ele chama de *Refúgio dos Infelizes*, onde faz uma importante denúncia da questão da moradia e de onde os pobres, negros e desamparados foram morar com o processo modernizador. Como em *Clara dos Anjos* há somente a descrição do subúrbio (favela), trazemos a obra *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, que nos mostra as diferenças sociais da cidade do Rio de Janeiro. Os personagens Augusto Machado e Gonzaga de Sá passeiam pela cidade, de um extremo a outro, para nos mostrar os subúrbios contemplados pelo Estado e os que foram abandonados.

Ao ambientar o romance na cidade do Rio de Janeiro, o escritor apresenta um olhar refinado onde explana que a inserção em determinado espaço urbano pode comportar análises de diferentes temporalidades e espacialidades. Assim, estar no subúrbio contemplado pelo Estado ou no subúrbio abandonado e repleto de exclusão, torna-se o mote para que o escritor critique o processo de modernização e transformação que vieram com a *Belle époque*.¹ Nesta obra, Lima Barreto toma para si a responsabilidade de mostrar uma realidade que estava distante do centro, que se transformava almejando o progresso, e desnuda as omissões do Estado, o banimento do negro e do pobre para os arredores da cidade e as enfermidades sociais que emergiram com essas fissuras da Primeira República.

Na obra, o olhar crítico e de pensador social em Lima Barreto é contundente sobre as convenções sociais, hierarquias, banimento do pobre para os subúrbios, abandono do Estado e a apatia que isso gerava nessa população oprimida. Por outro lado, vemos que o escritor esclarece, no desenrolar da trama, que quanto mais a apatia se apodera dos excluídos, mais isso alimenta a tirania dos incluídos. A construção da sua obra mostra que a ingenuidade de um é o que alimenta a exploração do opressor.

¹ “É possível verificar que uma parte ampla da produção intelectual brasileira do Século XX está empenhada em conhecer as condições de modernização do país.” (IANNI, 2004, p. 34).

A estética adotada confronta as escolas literárias² da época, ao mesmo tempo em que escancara a realidade social que os poderosos desejavam ocultar. Assim diz Antônio Cândido:

Para Lima Barreto, a literatura devia ter alguns requisitos indispensáveis. Antes de mais nada, ser sincera, isto é, transmitir diretamente os sentimentos e as ideias do escritor, da maneira mais clara possível. Devia também dar destaques aos problemas humanos em geral e aos sociais em particular, focalizando os que são fermento de drama, desajustamento, incompreensão. Isso, porque no seu modo de entender, ela tem a missão de contribuir para libertar o homem e melhorar a sua convivência. (CÂNDIDO, 2006, p. 04).

Portanto, a obra literária de Lima Barreto nos mostra que mesmo uma obra ficcional pode conter elementos importantes de análise em um período histórico em que o pensamento social era incipiente no país. Como diz Ianni (2006), por meio da literatura o homem tem a intenção de se relacionar, imaginariamente, com a realidade histórica, já que lida com o singular, o privado, o subjetivado, o sensível; dessa forma, torna vivida a vida que a ciência precisa buscar, revelando dimensões invisíveis, incógnitas, recônditas. Assim, a obra literária lança luz sobre grandezas e pormenores da vida social com um brilhantismo importante para enriquecer as reflexões nas Ciências Sociais. E no Brasil, onde a Sociologia³, a literatura de Lima Barreto logra êxito em capturar e nos revelar nuances histórico-sociais de um período importante: a Primeira República.

Para melhor entendermos esse percurso, torna-se importante ressaltar que *Afonso Henriques de Lima Barreto* (1881-1922)⁴ se apresentou como voz dissonante na Primeira República, onde intelectuais - como Coelho Neto, Luís Edmundo, Paulo de Frontim - enfatizavam que a atualização da sociedade brasileira devia seguir os moldes europeus, com a modernização das estruturas da nação, com integração na grande unidade internacional, assim como elevar o nível cultural e material da população (SEVCENKO, 1995).

Contrário a esse cosmopolitismo, o escritor entendia que somente a descoberta e o desenvolvimento de uma originalidade nacional dariam forças para que o Brasil compartilhasse em igualdade de condições um regime de equiparação das sociedades,

² O período é, também, de grande ebulição literária, onde temos o fim do Romantismo. Mas ainda permanecem o Realismo, Naturalismo, Parnasianismo, Simbolismo. Lima Barreto não se encaixava em nenhuma dessas escolas e sua escrita inovadora levou anos pra ser reconhecida, mas abriu caminho ao Modernismo. (BOSI, 1994).

³ Antônio Cândido (1956) explica que, até então, a Sociologia no Brasil era desenvolvida a partir do ponto de vista de caráter mais intuitivo, e nesse sentido o escritor Euclides da Cunha inova com uma obra baseada numa situação social diretamente observada. Cândido parte de Sílvio Romero (1895), com uma interpretação da sociedade no sentido de evolução cultural segundo os fatores naturais do meio e da raça.

⁴ Francisco de Assis Barbosa publicou em 1952 a mais extensa e rigorosa biografia sobre Lima Barreto, exatamente por ter tido amplo acesso aos diários, obras inéditas e anotações deixados pelo escritor (BARBOSA, 2012).

envolvendo influência e assimilações recíprocas. Com este posicionamento, Lima Barreto lutou para forçar as elites a olharem para dentro da nação e não para a Europa. E, no caso da obra em tela, olharem para o subúrbio e o semelhante ali inseridos.

Ao ambientar seus romances na cidade do Rio de Janeiro, o escritor apresenta um olhar refinado onde explana que a inserção em determinado espaço urbano pode comportar análises de diferentes temporalidades e espacialidades. Assim, estar no subúrbio contemplado pelo Estado ou no subúrbio abandonado e repleto de exclusão, torna-se o mote para que o escritor critique o processo de modernização e transformação que vieram com a *belle époque*.⁵ Nesta obra, Lima Barreto toma para si a responsabilidade de mostrar uma realidade que estava distante do centro, que se transformava almejando o progresso, e desnuda as omissões do Estado, o banimento do negro e do pobre para os arredores da cidade e as enfermidades sociais que emergiram com essas fissuras da Primeira República.

Aliada às críticas, sua literatura rompe com as escolas literárias da época – Realismo, Naturalismo, Parnasianismo e Simbolismo (BOSI, 1994). Tanto as críticas quanto a nova linguagem lhe causaram imensos prejuízos financeiros, já que para ter seus livros publicados encontrava grandes dificuldades; também sofreu grandes prejuízos sociais, sendo estigmatizado com rótulos como “ressentido”, “louco” e “marginal”.

A escolha pelo escritor Lima Barreto para esta pesquisa se deu porque sua escrita nos mostra um potente discurso que analisa com precisão as injustiças de um período da nossa história e, em especial, nas obras escolhidas vemos a questão de gênero, raça e os desvalidos do subúrbio, uma verdadeira escrita que desnuda as relações sociais, revelando a forma de pensar no Brasil do período. Suas obras que, em princípio, parecem dramas simples, em análise mais profunda mostram pujantes e complexas reflexões sobre problemas sociais que não encontramos em outras obras. A ponte que nos conecta entre a atualidade e a análise de um período está na figura do escritor. No caso deste trabalho, vemos com os olhos de Lima Barreto, para entender e analisar os problemas sociais apresentados em uma obra inovadora que captura, compreende e revela que, tanto à jovem negra como ao pobre na Primeira República, restam a impossibilidade de viver com dignidade.

Para enxergarmos o que Lima Barreto nos relata, é importante compreender sua trajetória de vida, pois viveu em um contexto de intensas transformações e exclusões sociais. E um dos contextos que analisados é a construção deliberada de um pensamento científico com bases no evolucionismo, social-darwinismo e positivismo, que buscava o branqueamento

⁵ “É possível verificar que uma parte ampla a produção intelectual brasileira do Século XX está empenhada em conhecer as condições de modernização do país.” (IANNI, 2004, p. 34).

da população, já que a miscigenação era um empecilho para o país rumar ao progresso. Isso só aumentaria o fosso social entre brancos e negros. Diante desse tipo de pensamento, sua obra não revela um ressentimento pessoal, mas expõe um drama da coletividade que ele deseja modificar. Interessante observar que, para alguns críticos, a discriminação que Lima Barreto apresenta em sua obra é imediatamente ligada a um “ressentimento” que tem da sociedade branca, como se fosse fruto de um devaneio e não de uma realidade que ele e muitos outros negros vivenciavam cotidianamente.

Ao fazer emergir os subúrbios em suas obras, que são tão ricamente descritos, o contexto social não se torna meramente um pano de fundo, mas um dos “personagens” que nos possibilita ver a realidade de uma época. Portanto, com a análise dessa estrutura formal podemos ter um conhecimento específico de elementos da realidade social que o autor nos descreve (CEVASCO, 2015).

Ao decompor o que Lima Barreto nos apresenta - as diferenças entre o subúrbio contemplado pelo Estado e o “refúgio dos infelizes” – o objetivo é tecer um diagnóstico sobre as consequências de um problema social relevante que o autor denuncia e que desemboca numa imobilidade de parte dos moradores. Isso porque, importante observar, na rica descrição que traz o escritor, toda essa exclusão do “refúgio dos infelizes” conflui para o fato dos personagens ali inseridos serem apáticos, extremamente ingênuos, como se não tivessem forças, sequer, para ver as maldades que os rondam.

Maria Cristina Machado (2002) posiciona o escritor como pensador social, pois a sua visão aguçada, aliada à capacidade crítica de analisar uma sociedade excludente, faz com que seja fonte segura para entendermos muitas das incongruências da Primeira República. A autora mostra, em seu trabalho, o escritor como pensador que refletiu sobre as mudanças da Primeira República e todo seu entorno, as transformações físicas e sociais da cidade do Rio de Janeiro e as grandes mudanças do Brasil nesse encontro com a modernidade.

O escritor estava atento à contradição nas origens da sociedade brasileira que, ao nível da economia – com milhões de escravos na produção direta de meios de vida e produção mercantil – desdobrou-se na organização social, na síntese difícil das associações morais e das constelações de interesses, e isso se desenvolveu no nível da organização política, na unidade da vida pública e da vida privada (FRANCO, 1997). Para Lima, a modernidade surgiu, dentre outras críticas, com o enriquecimento criminoso da burguesia sob a proteção do Estado, em contraponto ao empobrecimento do povo.

Sendo o primeiro escritor brasileiro a se definir como negro, Lima Barreto trata de problemas sociais relevantes, dando ênfase à questão negra, diferindo em muito dos autores e

pensadores sociais de sua geração, ainda com resquícios do pensamento sobrevividos da escravidão ou embasados nas teorias raciais em ascensão (SCHWARCZ, 2010).

A fundamentação teórica desta pesquisa se baseia em seguir o método de análise crítica proposto por Antônio Cândido (2006) no que diz respeito à Literatura e sua relação com o contexto social, levando em conta as peculiaridades da forma de expressão artística de Lima Barreto, para compreendermos a estruturação histórica descrita, suas dinâmicas e contradições. Com o aporte teórico da obra *Literatura e Sociedade* fazemos uma crítica sociológica, mas nos atendo na busca de condicionantes sociais *externos* (o social), que nos importam não como causa ou significado, mas como elementos que desempenham importante papel na constituição da estrutura, tornando-se *internos*.

A pesquisa está alicerçada em três momentos importantes:

1) analisar o contexto histórico e social em que se inseria o escritor, repleto de grandes transformações rumo à modernidade, o pensamento social que aflorava com esteio em teorias raciais e saber o que outros autores escreviam sobre a mulher negra, os subúrbios, suas obras e as ideias ali desenvolvidas;

2) entender a vida de Lima Barreto, a opção por uma literatura original e combativa;

3) entender o tipo de literatura que desenvolveu, buscando elementos que nos mostrem o caminhar de um escritor que preferiu usar sua escrita como combate às injustiças que vieram com o processo modernizador.

Todos esses elementos, somados, nos permitem trilhar um caminho científico para compreendermos as representações contidas na obra. Ao fundirmos texto e contexto, almejamos uma interpretação dialética íntegra (CANDIDO, 2006).

O primeiro capítulo é dedicado a entender as transformações que emergiram na Primeira República, além da trajetória de vida do escritor e, para isso, a obra de Francisco de Assis Barbosa, *A vida de Lima Barreto*, se torna fundamental; outra obra que nos auxilia é *Lima Barreto: Triste Visionário*, de Lília Schwarcz. Torna-se importante a compreensão da Primeira República, assim, trazemos alguns dos dilemas que desembocaram na cidade do Rio de Janeiro, repleta de antíteses. Para tanto, buscamos respaldo em autores como José Murilo de Carvalho, e sua obra *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não*. Este autor, além de tratar da Primeira República, faz referências constantes a Lima Barreto para a compreensão do período.

Outro autor importante é Nicolau Sevcenko e sua obra *Literatura como missão*, onde debate o período em foco tangenciando os escritores Lima Barreto e Euclides da Cunha.

Já com a autora Lília Schwarcz e sua obra *O espetáculo das raças*, onde explica que foi uma época em que houve o crescimento da eugenia, com base no pensamento social selecionado para atender a um conservadorismo que vinculava ao negro tudo que havia de ruim no país. As teorias raciais que surgem mostram como o argumento racial foi política e historicamente construído, assim como o conceito de ‘raça’, que além de sua definição biológica, acabou recebendo uma interpretação, sobretudo, social (SCHWARCZ, 1993).

Um dos focos é analisar a perspectiva do pensamento social do escritor. Segundo Maria Cristina Machado (2002), o escritor sendo negro, pobre e suburbano, faz com que suas obras reflitam sobre preconceito, discriminação, humilhação e a impossibilidade do negro ter uma vida digna na sociedade pós-escravidão. A autora diz que Lima tornou-se um crítico voraz dessa modernização, já que para ele “o moderno é identificado ao novo corrompido, ao novo sem dignidade, à deterioração moral e intelectual do país” (2002, p. 77).

Já o autor Nicolau Sevcenko (1995) mostra que o início da República é marcado por sucessivas crises e que as reflexões de Lima Barreto surgem como contraponto a um pensamento social que foi posto por essa Primeira República, além de sua literatura ser uma forma de condensar tanto material heterogêneo que se apresentava e, assim, acaba oferecendo uma solução simbólica para a crise apresentada.

O segundo capítulo é dedicado ao negro e o racismo nas obras de Lima Barreto e como opera o racismo no período. O estudo que nos auxilia é o empreendido por Florestan Fernandes em *A integração do negro na sociedade de classes*, que analisa as décadas subsequentes à abolição da escravidão. O autor reflete sobre o mito da democracia racial e o nascimento da sociedade de classes, onde nem o Estado nem as famílias brancas se empenharam para fazer essa transição, sendo que os benefícios para quem vem da escravidão são bloqueados de todas as formas.

Para melhor demonstrar a inovação de Lima Barreto, fazemos um panorama da literatura, trazendo obras de outros escritores do mesmo período, com o objetivo de mostrar como tratavam a questão do negro de forma diferenciada. Assim, procuramos demonstrar como Lima Barreto foi não somente inovador em comparação com autores do seu tempo - como Euclides da Cunha (1984), Lino Guedes (2010), Menotti Del Picchia (1917), Jorge de Lima (1997), Monteiro Lobato (1979), Mário de Andrade (1993) - mas um contundente pensador e crítico social.

Em seguida, vemos alguns dos pensadores evolucionistas do período – como Nina Rodrigues (1933), João Baptista de Lacerda (1912), Paulo Prado (2012), Oliveira Vianna (1938) entre outros, demonstrando que houve uma seleção de estudiosos que exerceram a

função de estabelecer critérios diferenciadores de cidadania que respaldassem a inferioridade do negro. Com artigo de Antônio Cândido vemos a formação do pensamento social vigente no período de Lima Barreto, trazendo análises que fazem uma recuperação da nossa formação sociológica.

O *Terceiro Capítulo* é dedicado à mulher que Lima Barreto imprimiu em suas obras. No caso, vemos que o escritor não se furtou de falar do drama da mulher branca, que não conquistou com a modernidade a igualdade de direitos, passando a ter sua vida resumida a ser extensão do pai quando solteira e do marido, quando casada. Sua função era se dedicar ao lar e à criação dos filhos. Em seguida, mostramos a agressão sexual à mulher negra retratada na obra *Clara dos Anjos*. Por isso nos determos mais nessa obra, falando da retratação da mulher negra, da história da jovem e da infelicidade de se morar em um subúrbio. Ali destacamos, também, que mesmo um subúrbio como aquele tem mulheres fortes, como é o caso de dona Margarida. Além disso, ao trazermos no fim o conto *O filho de Gabriela*, buscamos encontrar o que ocorria com as jovens que, como Clara dos Anjos, engravidavam fora de um casamento.

Sendo assim, nosso intuito com esta pesquisa, que ampliou as discussões iniciais que se prendiam somente em *Clara dos Anjos*, foi trazer um contributo a outros trabalhos na área, além de instigar reflexões sobre o lugar mulher e do negro na Primeira República.

CAPÍTULO 1- LIMA BARRETO E A PRIMEIRA REPÚBLICA

No final do Século XIX o país passou por imensas transformações no campo político, com o fim da monarquia; no campo econômico, com o fim da escravidão e a chegada dos imigrantes e, no campo social, com uma imensa população de negros desamparados e sem qualificação necessária para se inserirem na nova ordem capitalista que se apresentava.

Neste cenário, a cidade do Rio de Janeiro era a maior metrópole do Brasil. Capital do país, a cidade detinha grande importância política, econômica e cultural, o que a tornava o centro das grandes transformações que empurravam o país à modernização e à tão sonhada civilidade (CARVALHO, 1987). Se, na Europa, Paris era o arquétipo da modernização, aqui o Rio de Janeiro seria o grande catalisador das maiores mudanças do país, totalmente inspirado pela *belle époque*.

Aqui cabe a ressalva de que os conceitos de *modernidade* e *modernização* sempre suscitaram muitas discussões conflitantes. As referências que nos levam a Max Weber (1999) tem sido presentes nos conceitos de modernidade de muitos autores, exatamente pela ideia de racionalização que ele traz, notadamente por mostrar que a história das sociedades sempre aprofunda essa caminhada à racionalização.

No Ocidente essa racionalização acabou por atuar com vigor na vida econômica e, assim, acabou por provocar a cisão nas formas de produção vindas do feudalismo, fazendo surgir um novo entendimento com base em estimativas, previsões e formas de contabilizar ganhos e perdas. Isso irá impactar diretamente a esfera política, pois a autoridade passa a ser descentralizada, ter sistema tributário centralizado, ter uma força militar permanente com uso da violência. Já na esfera da cultura, a racionalização fez afastar a sacralidade que antes havia nas visões tradicionais de mundo, que culminou na separação mais clara entre moral, arte, ciência e valores religiosos.

Partindo dessa concepção weberiana, Raymundo Faoro diferencia modernidade, um projeto coletivo, de modernização, projeto voluntário. A citação longa torna-se importante, pois consegue nos mostrar muito bem a diferença:

Diga-se, por enquanto, que a *modernidade* compromete, no seu processo, toda a sociedade, ampliando o raio de expansão de todas as classes, revitalizando e removendo seus papéis sociais, enquanto que a *modernização*, pelo seu toque voluntário, se não voluntarista, chega à sociedade por meio de um grupo condutor, que, privilegiando-se, privilegia os setores dominantes. Na modernização não se segue o trilho da "lei natural", mas se procura moldar, sobre o país, pela ideologia ou pela coação, uma certa política de mudança. Traduz um esquema político para uma ação, fundamentalmente política, mas economicamente orientada, para usar a

língua de Weber. A ação social, que dela decorre, não parte da economia, como expressão da sociedade civil. Na *modernidade*, a elite, o estamento, as classes — dizemos, para simplificar, as classes dirigentes — coordenam e organizam um movimento. Não o dirigem, conduzem ou promovem, como na *modernização*. A *modernização*, quer se chame ocidentalização, europeização, industrialização, revolução passiva, via prussiana, revolução do alto, revolução de dentro, ela é uma só, com um vulto histórico, com muitas máscaras, tantas quantas as das diferentes situações históricas. Talvez se possa dizer, ainda, que a *modernização*, ao contrário da modernidade, cinde a ideologia da sociedade, inspirando-se mais na primeira do que na segunda. (FAORO, 1992, p. 8).

Segundo Maria Cristina Machado (2002), os autores Marx e Engels, que escreveram o Manifesto Comunista, creditam à burguesia o fato de terem criado um mundo que se assemelhasse a eles mesmos, modificando os lugares. Assim, a burguesia precisa estar em todos os lugares e estabelecer diversas conexões e em muitas direções, diferentemente do que ocorria antes, quando ficava reclusa e com autossuficiência local e nacional. Dessa forma “a burguesia, pelo aperfeiçoamento rápido de todos os instrumentos de produção, pelos meios de comunicação imensamente facilitados, arrasta todas as nações, até a mais bárbara, para a civilização” (1998, p. 14). Ao criar um mundo a sua imagem, faz surgir a modernização. Dessa forma, vemos que a modernização é parte de um processo do modo de produção capitalista e que também se encontra dentro do processo de expansão territorial da modernidade.

Mas, para se modernizar, o Brasil teve que vencer uma complexidade de eventos que causaram um trauma social relevante. É nesse contexto que se encontra o Brasil no início do Século XX, o da *modernização*, e onde se concentra a literatura crítica de Lima Barreto. Sua grande produtividade literária acontecerá tendo como fulcro a crítica a essa expansão desordenada e considerada um carimbo europeu que desejavam imprimir ao país, sem considerar nossas particularidades – em especial a imensa massa de negros recém libertos e que não estariam incluídos nesse novo projeto de país que almejava copiar a *belle époque*. Para resolver esse grande problema, as teorias raciais surgirão como o encaixe perfeito para justificar o abandono do negro à própria sorte.

O que importava aos dirigentes dessa Primeira República era que o Brasil conquistasse uma nova imagem, assim poderia deixar para trás a marca repulsiva da escravidão e se modernizar, pois “somente oferecendo ao mundo uma imagem de plena credibilidade era possível drenar para o Brasil numa parcela proporcional da fartura, conforto e prosperidade em que já chafurdava o mundo civilizatório” (SEVCENKO, 1995, p. 29).

Ainda de acordo com Sevcenko (1995), a inserção compulsória do Brasil na *belle époque* fica demarcada por um período de negação do passado escravista e de forte espírito cosmopolita que impulsionou à modernização, assim como assinala que o país passa por um momento de intensa turbulência social que se arrasta por uma série contínua de crises políticas, como as de 1889, 1891, 1893, 1897, 1904. Com o advento de tantas crises no ambiente político, houve uma mudança nos cargos decisórios e rendosos, que passavam às mãos de grupos que acabavam de chegar à alta sociedade. Também havia uma intensa penetração do capital estrangeiro, o que contribuía para ativar inúmeros negócios.

As grandes mudanças da capital vieram com o Presidente Rodrigues Alves (1902-1906), que montou uma equipe de políticos e profissionais à qual concedeu poderes irrestritos, com a finalidade de tornar o Rio de Janeiro o cartão-postal do país (SCHWARCZ, 2017).

O Presidente nomeou, por decreto, o Prefeito Pereira Passos (1902-1906), que era engenheiro, ficando sob sua responsabilidade a condução da reforma urbana e a consequente necessidade de trazer o ar da *belle époque* à capital brasileira. Com o objetivo de modernizar a cidade, Passos realizou inúmeras demolições, prática conhecida como o “bota abaixo”, para trazer o ar de civilidade à capital. Fez o saneamento, alargou avenidas, modernizou os portos, inaugurou o calçamento asfáltico, fez a arborização, aumentou as linhas de bonde e muitas outras mudanças (REIS, 1977).

Foi assim que a cidade do Rio de Janeiro emergiu com intensa febre de consumo e começou a se despedir de seu aspecto de colônia para se assemelhar às grandes metrópoles europeias. O marco dessa grande mudança foi a construção da Avenida Central, em 1904; lugar de passagem que transformou-se em exposição de mudanças estéticas nas vestimentas, saindo o preto taciturno para dar lugar aos tecidos alegres e coloridos; a preguiça saía, para entrar o trabalho (SEVCENKO, 1995).

Para Schwarcz (2017) as diversões dessa nova cidade também estavam em mutação. Entre as mais populares estavam o “jogo do bicho” e os “novos” circos. O teatro ainda mantinha a proeminência do Império, e o cinema já estava bem consolidado. O primeiro jogo de *football* ocorreu em 1901 e o primeiro time de futebol, o Botafogo, surgiu em 1904.

No campo da literatura, o padrão era dado pela Academia Brasileira de Letras, fundada em 1897 por grandes personalidades como Machado de Assis, Rui Barbosa, Oliveira Lima, Joaquim Nabuco e Graça Aranha, mantendo o modelo francês de composição, com quarenta personalidades. Machado de Assis mantinha-se em plena atividade: *Dom Casmurro* em 1899, *Esau de Jacó* em 1904 e *Memorial de Aires* em 1908. Joaquim Nabuco, importante

personagem do abolicionismo, escreveu *Escritos e discursos literários* em 1901. Também em 1901 tivemos a ficção *Tormenta*, de Coelho Neto. Em 1902, dois livros importantes foram publicados: de um lado *Canaã*, de Graça Aranha, que trata de um Brasil branqueado pela imigração alemã; do outro, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, que trazia outro tipo de retrato do Brasil, o de uma chacina em Canudos, um arraial distante da capital civilizada. Entre os autores de não ficção destacavam-se Silvio Romero, professor da Escola do Recife que escrevia muito em jornais do Rio de Janeiro, e José Veríssimo com o livro *Ensaio de sociologia e literatura* (1901) e outro em parceria com João Ribeiro, *Compêndio de história da literatura* (1906). (SCHWARCZ, 2017).

Mas não houve apenas crescimento naquele Brasil em mudanças, pois muitas doenças eclodiam por aqui há algumas décadas, assim como o saber médico para erradicação das epidemias se intensificou. Entre as doenças que assolavam a população, tínhamos varíola, tuberculose, malária, febre amarela, cólera, peste bubônica e tifo (SEVCENKO, 2003).

Apontamos que há diferenças de visão sobre o processo republicano entre os estudiosos José Murilo de Carvalho (1987), Sidney Chalhoub (1996) e também com Sevcenko (2003). Para Carvalho, a população do Rio de Janeiro observou o golpe de Deodoro da Fonseca apenas “bestializado”, sem grandes reações. Chalhoub e Sevcenko, por outro lado, apresentam que houve inúmeros movimentos que questionaram o processo republicano e realizaram diversas reivindicações, que culminaram na Revolta da Vacina, em 1904.

Segundo Carvalho (1987) o homem selecionado para dar fim às inúmeras epidemias e promover o saneamento da capital era o médico sanitarista Oswaldo Cruz que, em 1903, foi nomeado Diretor Geral da Saúde, estando sob sua responsabilidade a erradicação da varíola, peste bubônica e febre amarela.

A obrigatoriedade de vacinação em massa, aliada à destruição de moradias humildes com a desculpa da profilaxia, culminou na Revolta da Vacina em 1904. Para Chalhoub (1996) a perseguição às moradias humildes, iniciada em 1873, era fruto de uma caça aos defensores do republicanismo e do abolicionismo, e teve continuidade nas décadas seguintes com o processo de modernização, que tentava excluir definitivamente esse tipo de moradia do centro da capital. O ápice à perseguição das moradias dos excluídos foi em 1893, com o fim do grande cortiço conhecido como “Cabeça de Porco”. E, no início do Século XX, a remoção compulsória continuou, tendo como justificava a erradicação de doenças e vícios (1996).

Sevcenko (2003) diz que a Revolta da Vacina ocorreu devido à indignação de inúmeros setores da sociedade carioca que eram contrários a essa nova *práxis*, levada com mais violência e autoritarismo a partir de 1902. Quem defendia a expulsão da população

humilde usava o discurso de que era necessária a “regeneração” para que o país fosse alçado à tão sonhada “modernização”, onde não haveria mais lugar para negros e pobres. O embate foi acirrado entre os defensores da expulsão e os contrários, que tinham entre eles os inimigos políticos e pessoais do Presidente Rodrigues Alves. O estudioso diz que a Revolta da Vacina tinha outras revoltas dentro, com inúmeras reivindicações, mas, ao mesmo tempo, sem lideranças, sem partidos, sem planos estabelecidos, sem plataformas nem objetivos diretos. Ao irromper e se propagar de forma desorganizada, a revolta não tinha como foco o poder ou a vitória, pois sendo desorganizada não poderia sair vencedora. Era tão somente um grito, uma vertigem de indignação e horror. Assim, o Presidente Rodrigues Alves saiu vencedor, ao que Sevcenko (2003) chama de vitória do projeto de “capitalização, aburguesamento e cosmopolitização”⁶.

A perseguição não era apenas às moradias, pois esse novo pensamento passou a repudiar tudo o que vinha de manifestações populares, tais como: festas religiosas, candomblé, capoeira, jogo do bicho, carnaval com fantasias que fizessem alusão ao folclore nacional (SCHWARCZ, 2017).

Tudo que se referia à chaga da pobreza passava a ser repudiado, perseguido, escondido. Mendigos, ébrios, prostitutas e todo tipo de marginal ficavam proibidos de circular pelo centro da “nova” cidade que, ao se despedir do velho, estava toda moderna, estava urbana. O avanço da ocupação urbana ocorreu em detrimento da destruição da natureza e do expurgo do negro para o entorno da cidade, para a obtenção de maior lucro desses novos empreendedores, todos colados às benesses da Prefeitura (SEVCENKO, 1995).⁷

Outro fenômeno importante a se destacar nesse período foi a chegada das teorias raciais, que emergiram como resposta científica para que o país tomasse rumo ao branqueamento da população, uma vez que tudo de ruim se vinculava ao negro. As teorias raciais se transformaram em um argumento de sucesso para o estabelecimento de critérios diferenciadores de cidadania, bem como meio de pensar um projeto civilizatório para o país, além de legitimarem as diferenças sociais da antiga ordem escravocrata (SCHWARCZ, 1993). Assim, o pensamento social foi selecionado para atender a interesses de uma elite conservadora.

⁶A cosmopolitização, explica Sevcenko (1995), se refere a vínculos sociais que são criados nessa teia de circulação mundial, onde podem surgir fenômenos que impliquem na solidarização intercultural; os cidadãos da pólis se tornam cidadãos do mundo.

⁷O início do Século XX nos mostra aberrações promovidas por alguns escritores: A Liga Contra o Feio (1908) e A Liga da Defesa Estética (1915), lideradas por Luís Edmundo e Coelho Neto, respectivamente. (SEVCENKO, 1995).

Amparada pelo governo e com base nesses ideais de branqueamento do Brasil, o que se observava era a intensa imigração europeia na Primeira República. Segundo Vieira (2004), os imigrantes, que já vinham aos poucos a partir de 1850 rumo às fazendas, passam a ser suporte de mão-de-obra para engrossar as poucas indústrias que se formavam.

Ao desembarcarem nos portos brasileiros, os imigrantes, vindos principalmente do sul da Europa, trouxeram suas experiências de reivindicação, pensamento, organização e luta. Ao se depararem com salários baixos oferecidos pelos fazendeiros e os poucos industriais, os trabalhadores acabaram se aglutinando em torno das ideias socialistas e anarquistas, muitas trazidas por companheiros de trabalho que vieram para cá deportados de suas pátrias, acusados que foram de insurreições e atentados. Mas, assim como ocorreu no sul da Europa, aqui o anarquismo se tornou mais forte que o socialismo (VIEIRA,2004).

A cidade transformada surpreendeu Lima Barreto, que escreve em *Os Bruzundangas*: “De uma hora para outra, a antiga cidade desapareceu e outra surgiu como se obtida por uma mutação de teatro. Havia na coisa muito de cenografia” (BARRETO, 2001, p. 106). Este jovem curioso amadureceu nesta cidade fronteiriça entre o antigo e o novo, repleta de transformações e, com elas, muitas contradições que castigavam os moradores mais vulneráveis.

Atento às mudanças, o escritor denunciou que esta modernização era superficial e ocorria ao custo de muito sofrimento da população menos amparada e, portanto, era apenas um espetáculo que mascarava e não solucionava a falta de inclusão social. E o meio usado para essa denúncia era a sua escrita. O espaço que conseguia em jornais e revistas era usado para publicar suas crônicas que protestavam e criticavam os governantes. Por outro lado, a sua produção literária, composta de 17 romances, traz um rico material do retrato de uma época turbulenta em que discutia as condições políticas e sociais do Brasil.

1.1 Biografia de Lima Barreto

Foi nesse período de grande ebulição que nasceu *Afonso Henriques de Lima Barreto*, exatamente sete anos antes da abolição da escravatura, na emblemática sexta-feira do dia 13 de maio de 1881. A origem da vida do escritor é importante porque, segundo Candido (2006), temos que compreender os motivos que o levaram a escrever sobre determinado tema. Com seu maior biógrafo, Francisco de Assis Barbosa (2012), encontramos, pormenorizadamente, todos os detalhes da vida do escritor. Seu extenuante trabalho de anos resultou numa obra recheada de particularidades até então desconhecidas, muitas fornecidas pelos irmãos de

Lima, em especial de Evangelina. Dessa irmã também vieram os escritos inéditos, além dos diários que resultaram em obras autobiográficas importantes – *Diário íntimo e Cemitério dos vivos* - que descortinam os mais profundos pensamentos do autor, suas esperanças, inquietações, desgostos e anseios. Outra vigorosa biografia, de Lília Schwarcz (2017), é recente e amplia os estudos empreendidos por Barbosa.

Filho de João Henriques, um tipógrafo filho de escrava com pai português, cuja paternidade nunca pode conhecer. A mãe Amália Augusta Barreto, professora, também era descendentes de escravos. A mãe sempre teve uma saúde extremamente frágil, vindo a falecer quando o escritor tinha somente seis anos, o que o marcou por toda vida (BARBOSA, 2012).

Com a morte da esposa, João Henriques se desdobrou para dar sustento aos quatro filhos. Trabalhou na imprensa nacional, mas foi exonerado com o advento da Primeira República. Passou, então, a trabalhar como escriturário das Colônias de Alienados da Ilha do Governador. Era monarquista, o que o ligou ao Visconde de Ouro Preto, um grande e rico ministro do império, que veio a ser tutor do menino. A partir disso, o escritor passou a ter uma educação esmerada. Assim, em 1897 Lima ingressou no Curso Geral da Escola Politécnica, onde ficou até 1902 ou 1903. Infelizmente foi reprovado em algumas matérias, o que não lhe permitiu concluir o curso.

As primeiras preocupações de Lima Barreto com a questão negra surgiram neste período. Ao mesmo tempo, o pai adoeceu severamente sendo diagnosticado com loucura e obrigado a se afastar em definitivo do serviço. A partir daí, o escritor passou a ser o arrimo da família, tendo que se mudar para o subúrbio do Rio de Janeiro e trabalhar em emprego não compatível com sua formação. Foi aprovado como amanuense⁸ em um concurso, um setor burocrático da Secretaria de Guerra. Trabalhou também, ao mesmo tempo, como jornalista em diversos jornais e revistas da época. Foram encontrados escritos do próprio Lima Barreto que, levantados pela pesquisadora Beatriz Resende (2016), mostram que o jovem escritor começa sua vida jornalística no jornal estudantil *A lanterna*, sendo que seus textos aparecem entre 1900 e 1902. Em 1903 trabalhou para *Tagarela*, *Revista da Época*, *Correio da Manhã* e, em 1907, *Fon-Fon* e *Floreal*. Também trabalhou por quatro anos na Revista *A.B.C.*

O escritor não perdeu o vínculo como jornalista, sendo que trabalhou de 1900 até sua morte em 1922 como colaborador em inúmeros jornais e revistas da época, sempre fazendo as mais variadas análises, o que acentuou sua verve de grande observador do cotidiano e das transformações que ocorriam no Brasil da Primeira República (BARBOSA, 2012).

⁸ Amanuense ou escrevente é o profissional que, manualmente, copia e registra documentos.

Para os autores Bradbury e Macfalane (1989), que analisam o Modernismo no período de 1890-1930, a nova cidade que surgiu – tão criticada por Lima em suas obras -, era repleta de grandes transformações, sendo o ambiente da consciência social. E foi neste espaço rapidamente transformado que uma profissão eclodiu, a de *jornalista*, sedento por analisar os novos espaços urbanos e relações sociais para publicar em jornais e revistas, que também surgiam aos montes (1989, p. 21).

Assim, enquanto jornalista, aproveitava o espaço que tinha para escrever suas reflexões desta nova cidade do Rio de Janeiro, que surgiu sob seu olhar atento de pensador social. Com a modernização galopante, o escritor sempre se colocou como uma voz solitária em posição radicalmente contrária à forma como se processava.

Uma obra importante para entendermos a importância da literatura para compreensão de alguns fenômenos sociais na Primeira República é *Literatura como missão*, de Nicolau Sevcenko (1995), que faz uma síntese dos anseios e frustrações da *intelligentsia* brasileira nos anos iniciais da República, centrando sua análise crítica em dois escritores marginalizados, tanto política quanto intelectualmente – Euclides da Cunha e Lima Barreto. Para o estudioso, os escritores usavam a literatura como meio de comunicação com a população para, assim, chamar a atenção de seus leitores para o que ocorria na transição de um sistema de governo para o outro.

Apesar dos escritores selecionados por Sevcenko (1995) usarem sua escrita para combater muitas das injustiças do período, cabe a ressalva de que há entre eles posição antagônica no que se refere à raça, ciência, civilização e a atuação do Barão do Rio Branco frente às mudanças do país. Euclides era um entusiasta do cientificismo que aflorava, a favor da vinda dos imigrantes e mantinha ótimas relações com o Barão do Rio Branco. Enquanto isso, Lima Barreto se posicionava contrário às teorias raciais, relacionava a vinda dos imigrantes com o aumento da marginalização dos negros e era opositor ao Barão do Rio Branco, pois entendia que a República era a fonte de infortúnios dos desvalidos.

Lima Barreto e Euclides da Cunha ficaram atentos às transformações que ocorriam na sociedade urbana e rural. Sevcenko (1995, p. 119) mostra que a permanência de Lima Barreto e Euclides da Cunha como grandes analistas da Primeira República se deveu a esse sentimento de *missão*, aliado por um impulso de uso da escrita para atuação política, assim como à nova linguagem que adotaram na escrita. Foi um período de arrefecimento das escolas literárias anteriores e esses autores souberam inovar na linguagem, abrindo as portas para o

que viria a ser chamado de Modernismo⁹. O objetivo do estudioso foi mostrar que esses escritores fizeram questionamentos e problematizações da sociedade posta naquele momento, indo de encontro com os interesses de uma sociedade aristocrática que primava por dar continuidade aos privilégios de outrora.

Dessa forma, o conjunto de circunstâncias históricas pelo qual o país atravessava se interseccionava com o processo de criação artística, tornando-se um elemento fundamental da própria estrutura interna das obras de cada autor. Assim, o escritor Lima Barreto sintonizava primorosamente seus textos literários com os fenômenos sociais contemporâneos que vivenciava (SEVCENKO, 1995, p. 232).

Dialogando sobre diversos temas, Lima Barreto trouxe o universo dos poderosos e as transformações da cidade; falou da mulher, dos subúrbios, da educação, do trabalhador, da exclusão etc. Mas abordou, também, um tema muito delicado até então: a inserção da população negra nessa nova conformação social.

O racismo e os mecanismos de bloqueio da ascensão social do negro estavam estampados em toda obra de Lima Barreto. Em anotações encontradas e reunidas por seu biógrafo Assis Barbosa, data de 1904 as primeiras menções a *Clara dos Anjos*. Escreve Lima: “Cinco capítulos de minha Clara estão na gaveta; o livro há de sair...”¹⁰. O enredo é, inicialmente, o mesmo da obra: uma adolescente negra que é deflorada e abandonada por um homem branco. E a sedução seria no emblemático dia 13 de maio - mesmo dia da abolição e mesmo dia do nascimento do escritor. A história se desdobraria em diversas outras, que Lima chamaria de *Germinal negro*, onde Clara seria o início de uma saga negra, chegando aos seus descendentes. Aqui já havia indícios de que *Clara dos Anjos* se tornaria a grande obsessão de sua vida. E são do próprio escritor essas palavras:

Veio-me à ideia, ou antes, registro aqui uma ideia que me está perseguindo. Pretendo fazer. Pretendo fazer um romance em que se descrevam a vida e o trabalho dos negros numa fazenda. Será uma espécie de *Germinal negro*, com mais psicologia especial e maior sopro de epopeia. Animará um drama sombrio, trágico e misterioso, como os do tempo da escravidão. [...]. Ah! Se eu alcanço realizar essa ideia, que glória também! Enorme, extraordinária e – quem sabe? – Uma fama europeia. (BARRETO, 1956, p. 84).

Mas a história da jovem Clara ficou engavetada por alguns anos, sendo que o primeiro livro do escritor foi *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, de 1909, um *roman à clé* que

⁹Euclides da Cunha, apesar de republicano, se mostrou descrente de que a mudança do regime democrático fosse catapultar nossa democracia a um patamar igualitário. O escritor tem grande importância porque desloca o pensamento de superioridade e o traz para a política.

¹⁰ Trecho encontrado em suas anotações pessoais que se tornou o livro **Diário Íntimo**.

o levou à ruína pessoal e financeira, já que ironizava diversas pessoas facilmente reconhecíveis na obra, e o sitiou dos círculos sociais e editoriais. O personagem que dá nome ao livro é tradução de um rapaz negro, potencialmente talentoso, mas que sofre as maiores humilhações possíveis – o que descreve bem o que Lima Barreto sofreu na escola Politécnica¹¹ e já sofria em um periódico onde trabalhava como jornalista. Detalhadamente, o escritor tece os sortilégios de uma vida cerceada pelo estigma da cor e da pobreza, ao mesmo tempo em que desnuda as artimanhas da classe dominante, demonstrando que no Brasil da Primeira República não havia espaço para negros.

Na sequência, segundo seu biógrafo Assis Barbosa, Lima Barreto tem seu período mais frutífero, escrevendo os contos *Califórnia*, de novembro de 1910; depois escreveu seu maior e mais aclamado romance, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, entre janeiro e março de 1911, mas que só foi lançado em 1915, com subsídios do próprio autor, já que todas as editoras lhe fecharam as portas. E em abril do mesmo ano lançou outro conto, *O homem que sabia javanês*. Em 1912 ainda lançou *As aventuras do Dr. Bogoloff*. Com imensos conflitos pessoais, sociais e financeiros, o autor entrou numa espiral descendente de depressão e data dessa época seus primeiros problemas relacionados ao abuso de álcool. Em 1914 foi internado pela primeira vez, quando estava com 33 anos (BARBOSA, 2012).

O escritor passou a sofrer o tormento do cerceamento em seu ápice. Paralelo a isso, sua infelicidade familiar era imensa, bem como seu trabalho como amanuense na secretaria. E, assim, desabafou:

Não tenho editor, não tenho jornais, não tenho nada. O maior desalento me invade. Tenho sinistros pensamentos. Ponho-me a beber, paro [...]. A minha casa me aborrece. O meu pai delira constantemente e o seu delírio tem a ironia dos loucos de Shakespeare [...]. O que me aborrece mais na vida é a secretaria. Não é pelos companheiros, não é pelos diretores. É pela sua ambiência militar, onde me sinto deslocado e em contradição com minha consciência [...]. Desgraçado nascimento tive eu! Cheio de aptidões, de boas qualidades, de grandes e poderosos defeitos, vou morrer sem nada ter feito. (BARRETO, 1956, p. 171-172).

Mesmo com inúmeros problemas de ordem financeira e pessoal, Lima Barreto ainda escreveu *Numa e Ninfa* em 1915, onde acentuou o forte teor panfletário; concluiu em 1919 *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, que havia começado a escrever por volta de 1905; também lançou *Histórias e sonhos* em 1920 (BARBOSA, 2012). É neste último livro que *Clara dos Anjos* aparece pela primeira vez em forma de conto.

¹¹ Por ser o único aluno negro da Escola Politécnica, Lima Barreto sofreu muito preconceito, o que contribuiu para que desgostasse cada vez mais dos estudos (BARBOSA, 2012).

A obra *Clara dos Anjos* terminou de ser escrita em 1922, poucos meses antes de Lima Barreto falecer. Em 7 de janeiro de 1922, Lima Barreto publicou na *Revista Souza Cruz* um artigo onde mencionava que estava finalizando a obra e, em breve, iria publicá-la. Mas o primeiro capítulo aparecia mesmo na revista *Mundo Literário*, da *Editora Leite Ribeiro*, em maio de 1922. Lima Barreto se esforçou pela rápida publicação, mas veio a falecer, sendo que a obra, em forma de folhetins, passou a ser publicada dois meses depois de sua morte, de janeiro de 1923 a maio de 1924. O lançamento em forma de livro veio somente dezesseis anos após a sua morte, em 1948, pela *Editora Mérito*. Lima Barreto faleceu em 1º de novembro de 1922, dia de Todos os Santos, de ataque cardíaco e extremamente extenuado por sua longa batalha contra a chaga do preconceito, da exclusão social, dos problemas financeiros e pessoais.

Algumas obras de Lima Barreto só foram publicadas postumamente, muitas delas devido ao empenho do biógrafo Assis Barbosa. Do contrário poderiam ter sido perdidas. Entre as obras póstumas estão *Os Bruzundangas* e *Bagatelas*, em 1923; *Diário íntimo*, *Feiras e Mafuás* e *Marginália*, todas publicadas em 1953. Em 1956 foram publicadas as obras póstumas *Cemitério dos Vivos* (obra inacabada), *Coisas do Reino de Jambom*, *Impressões de leitura* e *Correspondências* (2 volumes), além da reedição completa das obras anteriores.

Não foi devidamente reconhecido em vida e a sociedade e os críticos só se curvaram ao seu imenso talento décadas depois: seu efetivo e unânime reconhecimento como escritor só ocorreu quando da republicação de todas as obras pela *Editora Brasiliense*, além de outras póstumas, em 1956, ou seja, trinta e quatro anos após a sua morte (PRADO, 1980).

Mesmo com inúmeros problemas, Lima Barreto permaneceu firme na linguagem inovadora e no combate às incongruências de uma sociedade aristocrática e cruel com os desvalidos. E, ao tomar essa decisão, emergiu no escritor todo seu potencial de pensador social.

Um intelectual é como um náufrago que, de certo modo, aprende a viver *coma terra*, não *nela*; ou seja, não como Robinson Crusoé, cujo objetivo é colonizar sua pequena ilha, mas como Marco Polo, cujo sentido do maravilhoso nunca o abandona e, que é um eterno viajante, um hóspede temporário, não um parasita, conquistador ou invasor. (SAID, 2005, p. 67, grifos do autor).

Sua biografia - cercada de penúria financeira, desajustes familiares, frustração profissional e exclusão social - foi a força motriz para a produção de um dos mais importantes

retratos dos problemas sociais da Primeira República. O rico legado do escritor colaborou para impulsionar os estudos a respeito de suas obras.

A fortuna-crítica sobre o escritor é ampla e citaremos alguns nomes e os respectivos anos. Em um primeiro momento tivemos considerações de alguns contemporâneos sobre suas obras, como Medeiros e Albuquerque (1909); Alcides Maia (1909); João Ribeiro (1917); José Veríssimo (1910); Coelho Neto (1922); Tristão de Athaide/Alceu de Amoroso Lima (1922). Postumamente temos Jorge Amado (1935); Caio Prado Júnior (1943); Agrippino Grieco (1947); Lúcia Miguel Pereira (1950); Antonio Candido (1947).

Lima Barreto tornou-se mais conhecido com a publicação de sua biografia, feita Francisco de Assis Barbosa e o empenho em levar à publicação 17 obras de Lima Barreto, ocorridas em 1953 e 1956, pela Editora Brasiliense. Depois despontaram grandes estudiosos, como Osman Lins (1976); Alfredo Bosi (1981); Antonio Arnoni Prado (1989); Nicolau Sevcenko (1983). Dos estudiosos da atualidade a lista é grande e citaremos apenas alguns como Carmen Lúcia Negreiros de Figueiredo (1998); Carlos Nelson Coutinho (2005); Beatriz Resende (2016); Lília Schwarcz (2017). Ainda há dezenas de trabalhos acadêmicos como teses, dissertações e artigos científicos, pois o escritor deixou farto material de análise.

1.2 Pensamento Social na Primeira República

Para compreendermos as lutas de Lima Barreto, é necessário trazer as ideias que emergiram com a modernização do país. No artigo *A Sociologia do Brasil*, Antonio Candido (2006) trabalha a partir de uma divisão temporal em dois períodos, com uma fase transitória entre eles. O texto foi redigido em 1956 e publicado em 1959, na Enciclopédia Delta-Larousse (CANDIDO, 1962). Seu objetivo era a recuperação da nossa formação sociológica, trazendo autores, obras e acontecimentos. O autor trouxe a temporalidade de construção e constituição da sociologia brasileira, enquanto ciência e disciplina institucionalizada. Desenvolveu sua análise do período de 1880 a 1940, dividido em períodos. Sua divisão distinguia nitidamente a evolução da sociologia por meio da contribuição de vários autores.

O *primeiro período* a que se refere o autor vai de 1880 a 1930 – onde nos detemos e onde está inserido Lima Barreto - justamente o período de início da atividade sociológica por intelectuais não especializados, com uma interpretação global da sociedade brasileira.

Nesse período a intelectualidade brasileira era formada por uma tríade de médicos, engenheiros e juristas, preocupados em entender a sociedade a partir do ponto de vista das doutrinas do evolucionismo. Foram desenvolvidas teorias sociais ligadas à área da biologia

utilizando-se dos fatores naturais para explicação do conceito de raça. De acordo com Candido (2006), nesse período foram desenvolvidas literaturas que passavam a analisar a formação e o desenvolvimento da sociedade brasileira e que são de grande importância para a compreensão da nossa sociologia.

Candido (2006) mostra a contribuição da literatura para o desenvolvimento da análise da sociedade, sendo uma das principais matrizes que alimentou os estudos sobre a sociedade. A contribuição da literatura trouxe características próprias no desenvolvimento da sociologia no Brasil, pois surge com ela a necessidade de compreender a nossa realidade social e criar nossa própria evolução mental.

O autor cita figuras importantes, como Euclides da Cunha, Manoel Bomfim, Alberto Torres e Oliveira Vianna. A superação do evolucionismo, até então empregado e utilizado pela tríade de inteligência brasileira, surgiu com Euclides da Cunha em sua obra *Os Sertões* (1902) possibilitando ultrapassar a visão estritamente jurídica e especulativa. Em Euclides da Cunha, o sociólogo brotou de imprevisto na obra, onde narrou os acontecimentos da Guerra de Canudos, liderada por Antônio Conselheiro, ocorrida no interior da Bahia (1896-1897). O autor trabalhou em *Os Sertões* com um relato histórico mesclado com a literatura, representando um marco na literatura e na história, mas é ambientado no meio rural, distante da realidade das grandes cidades (CANDIDO, 2006).

Até então, a sociologia no Brasil era desenvolvida a partir do ponto de vista de caráter mais intuitivo e, nesse sentido, Euclides inovou com a obra baseada numa situação social diretamente observada. Candido partiu de Sílvio Romero, com uma interpretação da sociedade no sentido de evolução cultural segundo os fatores naturais do meio e da raça. Foi com Sílvio Romero que a análise sociológica saiu da teorização para a prática com uma interpretação sistemática da realidade.

Os primeiros trabalhos da realidade prática surgiram com Lívio de Castro, Paulo Egídio e Euclides da Cunha. Ambos tratam de substituir o juízo de valor pela superação do subjetivismo através da verificação empírica. Euclides identifica, ao longo de seus estudos, uma segregação geográfica e cultural ao analisar a sociedade sertaneja. Ele fala na coexistência de dois “brasis” por conflito entre a cultura rural e a que se desenvolvia nas regiões litorâneas sob o signo do progresso moderno do país. Portanto, com sua literatura que partia de uma análise teórica e empírica (avanço no campo de estudo sociológico), que trouxe a preocupação de elaboração de uma política adequada para superar a distância entre o rural e o litorâneo. Este foi o período de formação para elaborar uma Teoria Geral do Brasil (CANDIDO, 2006, p. 2109-2011).

Ainda nos atentando para o pensamento social vigente na época, em *O espetáculo das raças*, que aborda o período de 1870 a 1930, Lília Schwarcz (1993) explica e corrobora com a tese de Candido de que as teorias raciais como o positivismo, o evolucionismo e o social-darwinismo começaram a se difundir a partir de 1870. As referidas teorias passaram por diversas transformações e foram utilizadas conforme interesses que contemplassem os contextos sociais e políticos.

As teorias raciais são acolhidas com entusiasmo pela elite pensante nacional. Os grandes “homens das ciências”, também chamados por Antonio Candido de “novos ricos da cultura”, foram contratados para pensar o Brasil, mas o fizeram de uma perspectiva evolucionista, social-darwinista e, porque não dizer, higienista. Eram eles: Manoel de Oliveira Lima, do IAGP; Francisco José de Oliveira Viana, do IHGN; Tobias Barreto, da Faculdade de Direitos de Recife; Silvio Romero, da Faculdade de Direito de Recife; João Baptista de Lacerda, do Museu Nacional; Raimundo Nina Rodrigues, da Faculdade de Medicina da Bahia; Euclides da Cunha, do IHGB; Edgard Roquete Pinto, do Museu Nacional; Herman Von Ihering, do Museu Paulista; Oswaldo Cruz, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Miguel Pereira, da Academia de Medicina do Brasil; A. de Azevedo Sodré, da Faculdade de Medicina do Rio do Janeiro (CANDIDO, 2006).

Assim, reforçava-se o crescimento da eugenia e de um branqueamento da nossa população, ao mesmo tempo em que o governo atraía inúmeros imigrantes europeus, sempre identificando no negro e em suas raízes e práticas culturais o atraso do país. Tudo isso foi feito, também, com base nesse pensamento social selecionado para atender ao conservadorismo que vinculava ao negro tudo que havia de negativo no país. Assim, para a autora, é primordial entender “como o argumento racial foi política e historicamente construído, assim como o conceito de ‘raça’ que, além de sua definição biológica, acabou recebendo uma interpretação, sobretudo, social.” (SCHWARCZ, 1993, p. 17).

Schwarcz (1993, p. 27) ainda mostra que as teorias raciais de então se transformam em um argumento de sucesso para o estabelecimento de critérios diferenciadores de cidadania, bem como meio de pensar um projeto civilizatório para o país, além de legitimarem as diferenças sociais da antiga ordem escravocrata. O que se observa, diz a autora, é que as teorias adotadas no Brasil não foram aleatórias e nem fruto da sorte, mas sim introduzidas de forma crítica e seletiva. E, dessa forma, passaram a ser utilizadas como instrumento de respaldo conservador e autoritário, reafirmando as fortes hierarquias sociais que já existiam no Brasil (1993, p. 42).

As teorias raciais foram reforçadas por muitos médicos, devidamente selecionados para essa função de diminuir a raça negra, além de juristas ou engenheiros. A questão do racismo se faz muito importante para compreendermos as obras de Lima Barreto, por isso trazemos aqui um aprofundamento maior.

Segundo Abdias Nascimento, o desejo de se aproximar da Europa era o mote para a adoção dessas teorias:

Precisamos não esquecer que, à exceção de um poucos, os cientistas que se aproximavam deste assunto o faziam conforme critérios importados do estrangeiro. Tudo era de origem europeia, como agora quase tudo vem dos Estados Unidos. O país obtivera em 1822 uma independência apenas formal, permanecendo sua economia, sua mentalidade e cultura, dependentes e colonizados. Gravítávamos espiritualmente em torno da metrópole - a Europa, obrigatório ponto de referência, sobretudo no que se referia às ideias, padrões de julgamento estético, e atividades científicas de qualquer ramo. Foi natural que de lá chegassem ao Brasil os conceitos racistas do ideal ariano. (NASCIMENTO, 1978, p. 67).

O médico e antropólogo Baptista de Lacerda apresentou, no I Congresso Internacional das Raças, realizado em Londres em 1911, a tese em que concluía que a raça negra seria extinta no país em 100 anos, permanecendo pouquíssima mestiçagem. Baptista levou ao evento de Paris o artigo *Sur les métis au Brésil* (Sobre os mestiços do Brasil). Neste artigo defendeu o fator da miscigenação como algo positivo para o Brasil porque estava em franca vantagem a sobreposição dos traços da raça branca sobre as outras – no caso, a negra e a indígena. Outro estudioso que estava no mesmo congresso, o médico Roquette-Pinto, seguia com igual pensamento de reprovação ao negro e à mestiçagem.

Do mesmo período, o médico legista e antropólogo Raymundo Nina Rodrigues, com o livro *Os africanos no Brasil*, escrito em 1906 e publicado somente em 1933, foi ainda mais enfático quanto ao atraso que a mestiçagem e o negro provocariam no Brasil. Ao explicar o critério científico da inferioridade da raça negra disse:

Para a ciência não é esta inferioridade mais do que um fenômeno de ordem perfeitamente natural, produto da marcha desigual do desenvolvimento filogenético da humanidade nas suas diversas divisões e seções. [...] os negros pertencem a outra fase do desenvolvimento intelectual e moral. (NINA RODRIGUES, 1933, p. 12).

Ele também aprofunda comentários pejorativos sobre as mulheres negras em *As raças humanas*: “a sensualidade do negro pode atingir então as raias quase das perversões sexuais

mórbidas. A excitação genésica da clássica mulata brasileira não pode deixar de ser considerada um tipo normal.” (NINA RODRIGUES, 1933, p. 147).

Já Arthur Ramos, médico alagoano que publicou em 1934 *O negro brasileiro*, caracterizava o negro como culturalmente atrasado e afirmava que isso era consequência de sua religiosidade. De acordo com a historiadora Fabíola Amaral Tomé de Souza,

A presença do negro na sociedade brasileira foi avaliada no pensamento social brasileiro de diferentes formas no curso da história, assinalando, durante muito tempo, as análises etnocêntricas da Ciência. Sob o símbolo dessa categoria, fortemente inculcada de conotações depreciativas, mas que tratam de fatos até então nunca abordados, elaboraram-se no Brasil alguns trabalhos considerados representativos dos estudos socioantropológicos, entre os quais se incluem principalmente os de Nina Rodrigues e de Arthur Ramos. (SOUZA, 2013, p. 27).

Também Paulo Prado, advogado, com a obra *Retratos do Brasil* (1928), na qual ele pouco considera o negro, trazendo apenas o seu caráter triste, e condena a miscigenação que, na sua visão, tornaria o homem mais suscetível às doenças e aos vícios.

Outro autor de pensamento semelhante, que surgiu em 1930, foi Gilberto Freyre, com *Casa grande e senzala* (2006), onde suaviza a violência que houve na nossa história escravocrata ao desviar o discurso da questão da *raça* para a de *cultura*. Nesse mesmo período veio Oliveira Vianna, admirador de Nina Rodrigues que, com o livro *Raça e assimilação* (1932), se queixava daqueles que propagavam teorias raciais igualitárias.

Renato Ortiz diz que muitos intelectuais da época faziam uma leitura conveniente, que melhor amparasse suas ideias. Havia essa filtragem para atender aos anseios de quem preconizava não somente as teorias raciais, mas qualquer outra teoria, como Euclides da Cunha fez com a teoria de Hegel.

Pode-se então dizer que a lógica que preside o pensamento de nossos intelectuais se decompõe em dois momentos: 1) escolhem-se entre os diferentes objetos sincretizados, isto é, as teorias disponíveis, algumas dentre elas; 2) no interior dessas teorias seleciona-se os elementos considerados pertinentes pelo sistema-partida, no caso a problemática nacional. [...] O pensamento científico de nossos autores está mais próximo da ideologia. Ele é fabricado a partir de motivações [...] Mito e ideologia se apresentariam aqui como duas tendências contrapostas do conhecimento, a segunda se associando aos grupos dominantes que teriam em princípio um projeto, ou a consciência do dilema da construção nacional. (ORTIZ, 2006, p. 33-34).

Para combater esse pensamento que cada vez mais predominava em todo país, na literatura surge um contraponto. Em Lima Barreto, especialmente, encontramos dezenas de

crônicas, além de todas as suas obras, que criticam ou mostram outra realidade que os poderosos tentavam ocultar. Nelas encontramos, dentre tantas denúncias, a crueza com que o negro foi tratado, pois o escritor era morador da periferia e acompanhou de perto o expurgo dessa parte da população para os subúrbios, onde passaram a viver em difíceis condições. Como diz Ianni (2004), o escritor, ao colocar-se a condição do negro na sociedade brasileira, faz um tipo de denúncia do caráter injusto e autoritário da sociedade burguesa em formação na época.

Considerando esse período em que numerosos pensadores e sociólogos brasileiros propalaram teses contra a mestiçagem e o negro, Lima Barreto tornou-se uma voz dissonante contra tanto preconceito.

1.3 Lima Barreto revoltado

Alguns críticos de Lima Barreto, os da época e, inclusive, muitos de hoje com vastos trabalhos acadêmicos publicados nesse sentido, sempre trataram a literatura do escritor como “ressentida”, de alguém que estava tão somente amargurado com a sociedade branca, com a Academia, com editores, com empresários, com o Estado. Entender se Lima era um ressentido faz toda a diferença necessária para vislumbrarmos o que almejava o escritor.

Maria Rita Kehl (2005) nos ajuda a entender o que é ressentimento, o que aqui transporto para aclarar a celeuma que se formou entre alguns críticos literários que se confrontaram sobre Lima ser ou não um ressentido:¹²

O ressentimento não se reduz a um mecanismo de defesa do eu, mas também cumpre essa função narcísica, impedindo o sujeito de se confrontar com a covardia que o fez pactuar com algum tipo de opressor. Nesse sentido o ressentimento é, como bem assinala Pierre Bourdieu, uma "revolta submissa". Uma das condições centrais do ressentimento é que o sujeito estabeleça uma relação de dependência infantil com um outro, supostamente poderoso, a quem caberia protegê-lo, premiar seus esforços, reconhecer seu valor. O ressentimento também expressa a recusa do sujeito em sair da dependência: ele prefere ser "protegido", ainda que prejudicado, a ser livre, mas desamparado. Isso ocorre porque, no ressentimento, a face imaginária do Outro permanece associada às figuras que, na infância, tinham poder efetivo para proteger, premiar e punir a criança. É a face imaginária do Outro, à qual se endereçam demandas de amor e reconhecimento, que determina que o ressentido se represente não como faltante, mas como prejudicado. (KEHL, 2005, p. 163).

¹² Esse artigo é uma extensão do capítulo **Políticas do Ressentimento** do livro **Ressentimento**, lançado pela autora em 2005, pela Editora Casa do Psicólogo (SP).

Kehl (2005) ainda afirma que o ressentimento é composto por inúmeros sentimentos, entre eles ira, inveja, desejos de vingança, queixas melancólicas, e que desperta reações diferentes. Como o ressentimento é algo considerado mesquinho, poucas pessoas irão se declarar ressentidas. Por ser condenado socialmente, o ressentido não o demonstra com clareza, passando sempre a impressão social de que é uma pessoa com nostalgia inocente e que se recusa a “sujar as mãos” na revanche e vive a se lamuriar que o mundo não está colaborando para sua felicidade. Para a autora, tem que haver persistência no sofrimento para que a pessoa seja ressentida, além do fato de estar sempre imputando essa responsabilidade à outra pessoa. Tem de haver um culpado a quem entregamos, no passado, o poder de decidir por nós.

Por isso, torna-se fundamental entender de onde vem essa servidão inconsciente e a apatia em não se tornar sujeito ativo da sua vida. Dessa forma, o impulso agressivo do ressentimento foi impedido de se efetivar, o que gera um “envenenamento psicológico”. Esses movimentos dos impulsos, que são impedidos de se manifestarem, geram no indivíduo um impulso de passividade para a queixa e a acusação. Tudo isso causa uma impossibilidade da pessoa esquecer o agravo que sofreu. Por conta disso “o ressentido é um vingativo que não se reconhece como tal.” (KEHL, 2005, p. 184).

Um dado importante colocado pela autora, é que nessa relação do ressentido com quem acusa, deve haver uma dependência infantil com a pessoa mais poderosa, que deveria reconhecer o valor do ressentido, premiar seus esforços ou protegê-lo. Porém, o ressentido, mesmo sem essas valorizações que deseja, permanece nessa relação de dependência. Isso, explica, é que o ressentido prefere permanecer nessa relação de dependência, pois fica “protegido”, do que ser livre e desamparado. Como psicanalista, a autora aponta que isso ocorre porque o *outro* aqui remete a alguma imagem da infância, onde figuras importantes tinham semelhante papel de proteção.

Lima Barreto não se encaixa como ressentido porque não era figura que fazia da sua escrita apenas uma revolta submissa, tampouco permaneceu um sujeito embotado; menos ainda dependia de quem quer que fosse, a não ser do seu próprio esforço. Ele insurgiu com galhardia contra os desmandos que pairavam sobre nossa sociedade, mesmo que isso tenha lhe custado a paz financeira e social. Ele foi um homem que preferia o embate a ter que se acovardar, não ficava apenas se lamentando.

Cabe ressaltar que Lima Barreto sofreu um bloqueio de editoras, intelectuais e escritores, o que contribuiu grandemente para que se sentisse ressentido. O escritor sabia exatamente o que articulavam nos bastidores para que suas obras sofressem tantas rejeições

das editoras, bem como suas infrutíferas candidaturas à Academia Brasileira de Letras. Na crônica *Histrião ou literato?*, publicada em 15 de fevereiro de 1919 na *Revista contemporânea*, diz: “Os literatos, os grandes, sempre souberam morrer de fome, mas não rebaixaram a sua arte para simples prazer dos ricos.” (BARRETO, 2017, p. 191).¹³

A escrita incisiva de Lima Barreto nesta crônica nos mostra um escritor cerceado e que, mesmo assim, não buscou agradar ninguém, mas sim criticar muitas incongruências que pairavam na Primeira República. A falta de apreço por suas obras perduraria por muitas décadas, mesmo postumamente. Na primeira publicação de *Clara dos Anjos*, em 1948 pela Editora Mérito, já vemos a crítica Lúcia Miguel-Pereira, que prefaciou a obra, tecendo comentários pejorativos sobre a jovem Clara como “[...] A heroína é a mesma, *uma mulatinha* de quem abusa um rapaz de família superior [...]”. (BARRETO, 2016, p. 25, grifos meus). E mais adiante, como que imputando culpa à vítima pelo crime de sedução, ainda diz: “Por mais ingênua que fosse a menina, causa espanto vê-la entregar-se a um tipo cujo único atrativo era o violão [...]” (BARRETO, 2016, p. 33).

Na mesma obra, que também foi prefaciada por Sérgio Buarque de Holanda em 1956, vemos que permanece sobre Lima Barreto uma crítica aos seus problemas pessoais, quando diz:

Não sei se é lícito escrever sobre os livros de Lima Barreto sem incorrer no risco do biografismo, que tanto se tem denunciado em alguns críticos. No caso do romancista carioca, não só as circunstâncias de sua vida pessoal, tão marcadas pelo *desmazelo* e *intemperança*, parecem inseparáveis de sua obra literária, como afetam certamente muitos dos juízos, benévolos ou desfavoráveis. (BARRETO, 2016, p. 35, grifos nossos).

E continua Holanda: “A obra desse escritor é, em grande parte, uma confissão mal escondida, confissão de amarguras íntimas, de ressentimentos, de malogros pessoais [...]” (p. 36). E, ainda, ressalta os problemas do escritor com o alcoolismo (p. 38).

A antropóloga e historiadora Lilia Schwarcz, estudiosa de Lima Barreto e que em 2017 publicou a obra *Lima Barreto Triste Visionário*, também resvala na tendência de uma leitura paternalista de Lima Barreto, ressaltando mais sua condição social do que sua escrita e sua crítica.

Um texto crítico publicado pela estudiosa Carmen Lúcia Negreiros de Figueiredo (2017), por ocasião do lançamento de referida obra, aponta que o erro de Schwarcz está em

¹³Aqui Lima Barreto cutuca seu desafeto Coelho Neto, onde se refere a ele como histrião, ou seja, “bobo da corte” da aristocracia. Outro criticado, ao que parece, é Arnaldo Guinle. O artigo trata da repulsa de Lima de que o *football* faça parte da literatura, como queriam os “histriões”. (BARRETO, 2017, p. 191-193).

seguir os passos do maior biógrafo de Lima Barreto, Assis Barbosa (2012), mantendo uma associação entre vida e obra do escritor, o que implica em grandes riscos, como o de confundir vida e obra, valendo-se do uso de *roman à clef*¹⁴. Por inúmeras vezes Lima Barreto explicou insistentemente que seus romances não eram *à clef*. Para a autora essa confusão ocorre porque deveria se manter o tratamento cuidadoso de separar vida e obra, ou seja, seguir os passos do biógrafo Assis Barbosa tornou-se uma armadilha de difícil escape para Schwartz. Como Lima Barreto sofreu inúmeros cerceamentos de editoras e dos círculos sociais e intelectuais da época, fica fácil deduzir que sua obra mostra um escritor ressentido e não que faz uma crítica contundente dos problemas sociais da época. Ainda segundo a autora:

O autor insere novas formas de pensamento e percepção, questiona os limites do indivíduo, estende as fronteiras entre gêneros. Expor os conflitos da subjetividade representa forte característica da sua (Lima Barreto) produção literária. No entanto, esse debate fica empobrecido pela tentativa da historiadora (Schwarcz) de projetar sem mediações as atitudes do escritor em seus textos. (FIGUEIREDO, 2017).

A autora afirma que vincular vida e obra de Lima Barreto é debater-se num terreno movediço que são as obras do escritor. E este é o ponto falho de muitos críticos, antigos e atuais, que sempre caem na mesma armadilha.

Restam perguntas: por que é tão importante, neste ano de 2017, qualificar a obra a partir da vida do autor? Qual a contribuição dessa perspectiva aos estudos literários? Ainda cercada de muitos adjetivos – “ressentido”, “bovarista”, “do contra” –, cresce a figura de Lima, encarado como porta-voz e representante do que a biógrafa (Schwarcz) denomina “literatura negra”. Se, por um lado, *Triste visionário* reforça as lutas do escritor com as questões do seu tempo, por outro não deixa de empobrecer a leitura de suas obras quando estas são reduzidas às oscilações temperamentais do escritor ou às ambivalências de sua atuação intelectual e política. (FIGUEIREDO, 2017).

Por isso entendemos que o método de análise crítica proposto por Antônio Cândido (2006) é o melhor caminho para a compreensão das obras de Lima Barreto, levando-se em conta as peculiaridades da forma de expressão artística do escritor, para compreendermos a estruturação histórica descrita, suas dinâmicas e contradições. Assim é possível fazer uma crítica sociológica, mas nos atendo na busca de condicionantes sociais *externos* (o social), que

¹⁴Expressão francesa para “romance em chave”, onde o escritor trata de pessoas reais usando o artifício de colocá-las como personagens ficcionais. Isso ocorre quando o escritor trata de temas controversos; de pessoas muito conhecidas ou assuntos muito polêmicos que deseja que mantenham o anonimato; quando gostaria que o desfecho de determinada situação fosse outro ou com a intenção de relatar situações autobiográficas mantendo-se o anonimato.

nos importam não como causa ou significado, mas como elementos que desempenham importante papel na constituição da estrutura, tornando-se *internos*.

O escritor Régis de Moraes se atentou para a diferença, que confunde *ressentimento* com *revolta*, e que limitou e ainda limita a visão de tantos críticos, reverberando em muitos estudos acadêmicos. O texto é grande, mas vamos segui-lo na íntegra para melhor compreensão das diferenças entre *ressentimento* e *revolta* em Lima Barreto:

O homem revoltado é aquele que, durante algum tempo, aceitou caminhar sob as ordens do seu opressor, mas em uma altura definida da vida precisou dizer *não* e, aí, não só negou os grilhões do presente, mas dispôs-se a fazer quase que um caminho de volta, desmentindo o passado de aceitações. O ressentimento pode ser um começo para a revolta. Todavia, a revolta é algo muito maior e mais profundo que o ressentimento. O ressentimento é uma intoxicação que sofremos com as secreções internas de nossa própria e constante impotência. Venenos que se destilam em um recipiente fechado, diz o pensador. Mas a *revolta* abre esse recipiente fechado, faz caminho para fora, expulsa as toxinas, redime o valor, ainda que para isso seja preciso despedaçá-lo. Quem chegou ao ponto da revolta está, certamente, disposto a queimar todos os seus cartuchos. Eis o que aprendemos com Albert Camus: “Na experiência absurda o sofrimento é individual. A partir do movimento de revolta, adquire a consciência de se ter tornado coletivo; passou a ser a aventura de todos. O primeiro progresso de um espírito impressionado com a sua singularidade consiste, portanto, em reconhecer que partilha essa mesma singularidade com todos os homens e que a realidade humana, na sua totalidade, sofre com essa distância a si própria e ao mundo. *O mal que apenas um homem experimentava converte-se em peste coletiva*”. (MORAES, 1983, p. 34-35, grifos do autor).

Albert Camus (2011, p. 17) diz, no início de sua obra, que o homem revoltado é aquele que diz *não*. É que o “movimento de revolta apoia-se ao mesmo tempo na recusa categórica de uma intromissão julgada intolerável e na certeza confusa de um direito efetivo ou, mais exatamente, na impressão de que o revoltado “tem o direito de...”.

Camus afirma que o revoltado é alguém que se rebela, alguém que caminha pelo chicote do senhor e, a partir de então, o enfrenta. Assim, explica que “nem todo valor acarreta revolta, mas todo movimento de revolta invoca tacitamente um valor.” (CAMUS, 2011, p. 19).

Moraes (1983) ainda diz que a arte é movida pela rebelião, sendo a força que permite ao ser humano aguentar o peso de uma realidade cruel, indiferente e gélida. E Lima possuía esse dinamismo interno – o do *ressentimento* - que soube tirar do invólucro e canalizar como ninguém para sua literatura, que ficou plena de *revolta*. Porque a *revolta* é recusar a humilhação sem desejá-la para outrem.

Provavelmente, um dos retratos mais perfeitos do homem revoltado, com conseqüências imensamente inovadoras para a nossa literatura, é o de Lima Barreto. [...] A vida do homem Lima Barreto, a sua vida de escritor, de jornalista, é um grito contra todas as humilhações e diminuições, mas é, ao mesmo tempo, um depoimento de solidariedade com todos os homens. (MORAES, 1983, p 36).

Camus analisa o conceito de revolta do ponto de vista da história. Explica que a primeira revolta é metafísica e parte de um ser humano frustrado que diz *não* contra aquilo que o oprime de alguma forma. Mas diz que o caráter de revolta metafísica é negativo. Para poder dizer *não*, isso parte de algo positivo, pois quem se revolta contra sua condição o faz em nome de algo que tem em si um juízo de valor. Para ele, contra o revoltado metafísico há um poder que humilha e se insurgir contra isso é rejeitar a imposta subordinação (CAMUS, 2011).

Buscando compreender um pouco melhor como Lima Barreto buscou elaborar essa sua revolta, verificamos que há algumas obras e registros que nos dão pistas do envolvimento de Lima Barreto com movimentos libertários. O escritor sempre esteve atento ao que ocorria em seu entorno, e os movimentos anarquistas, tão efervescentes no período, não passaram despercebidos, sendo que desenvolvera uma grande simpatia pelo movimento. Segundo Vamireh Chacon (1965), o maior de todos os brasileiros influenciados pelo anarquismo foi Lima Barreto.

Não temos elementos que nos confirmem cabalmente que o escritor tenha sido anarquista, mas muitas de suas obras trouxeram personagens que mostram que o escritor tinha esse apreço pelo movimento. Mas, como diz o seu biógrafo Assis Barbosa (2012), o escritor sempre rejeitou definições e enquadramentos com algum movimento.

Buscando encontrar suas vertentes libertárias, citamos algumas de suas obras onde se encontram personagens muito politizados que, em suas falas, trazem o desejo de transformação de muitas situações que revoltavam o escritor. Temos, por exemplo, o livro *Aventuras do Doutor Bogolóff*, cujo protagonista é um anarquista. Também vemos o pensamento anarquista nas obras *O triste fim de Policarpo Quaresma*, *Clara dos Anjos* e *Recordações do escrivão Isaias Caminha*.

Para Sevcenko (1995), por ser um período de muitas injustiças, a literatura de Lima Barreto tornou-se um instrumento de ação política, econômica e social, onde denunciava desigualdades ao mesmo tempo em que propunha soluções, voltando seu talento de escritor para a ação política. Como já vimos, foi também um período em que o pensamento científico surgiu para dar respaldo às diferenças sociais implementadas com a modernização, mas os

anarquistas, ao perceberem como a ciência era utilizada para fundamentar separações, hierarquias e opressões na organização social, começaram a questionar esses pressupostos (BEZERRA, 2010).

A introdução das ideias anarquistas e o desenvolvimento da imprensa libertária estão ligados diretamente ao processo de modernização e a substituição da mão-de-obra livre e assalariada, principalmente no setor agrícola e em especial no Oeste paulista. Assim, o final do Século XIX ficou marcado por não ter mão-de-obra suficiente para atender a demanda de produção do café, pois não havia mais escravidão, e a solução encontrada foi a importação de mão-de-obra, em especial a italiana. Por um período de vinte anos é possível observar o avanço e aperfeiçoamento das ideias libertárias no Brasil (BEZERRA, 2010).

O primeiro contato do escritor com ideias anarquistas se deu no jornal *A quinzena alegre*, nos primeiros anos de 1900, sendo que na crônica *Galeões do México* ele descreveu o ambiente formado nesse período, e chegou a citar personagens anarquistas como Curvelo de Mendonça¹⁵, Bastos Tigre¹⁶, Pausílipo da Fonseca¹⁷, Domingos Ribeiro Filho¹⁸ e outros (SCHWARCZ, 2017).

Somente em 25 de outubro de 1907 fundou a Revista *Floreal*, juntamente com grandes nomes conhecidos do anarquismo brasileiro, como Fábio Luz, Curvelo de Mendonça, Domingos Ribeiro e Elísio de Carvalho (BARBOSA, 2012).

A revista era dedicada às ideias libertárias, e a partir dela o escritor teve mais contato com os conceitos socialistas e anarquistas. Segundo Bezerra (2010, p. 12) as ideias anarquistas de Lima Barreto estão presentes em muitas de suas produções - *Aventuras do Doutor Bogolóff*, *O triste fim de Policarpo Quaresma*, *Clara dos Anjos* e *Recordações do escrivão Isaias Caminha* - e também em crônicas que escreveu para muitos jornais e revistas libertárias como *Tagarela*, *O Diabo*, *Gazeta da Tarde*, *A Lanterna*, *O Suburbano*, e *Voz do Trabalhador*, sendo este último, órgão da Confederação Operária Brasileira.

Entre os anos de 1906 e 1908, o Brasil passou por muitas greves, que surgiram como forma de cobrança da classe de trabalhada às faltas de condições dignas de trabalho, como limite de horas, restrição de idade, melhores salários e criação de órgãos de

¹⁵Manuel Curvelo de Mendonça (1870-1914). Escritor, jornalista, professor e advogado. Grande entusiasta do anarquismo, fez parte do grupo libertário que fundou a *Revista Floreal*, em 1907.

¹⁶ Manuel Bastos Tigre (1882-1957). Escritor, jornalista, autor de revistas e músicas. Amigo de Lima Barreto desde os tempos da Escola Politécnica.

¹⁷Pausílipo da Fonseca (1879-1934). Um dos expoentes do anarquismo na época, fundador do Partido Operário Independente.

¹⁸ Domingos Ribeiro Filho (1875-1942). Jornalista, escritor, também era funcionário público na Secretaria da Guerra, onde conheceu Lima Barreto. Conhecido como boêmio, revolucionário e grande defensor do anarquismo.

representação. Toda essa eclosão fez com que o movimento anarquista ganhasse mais força, pois entre 1890 e 1920 foram realizadas 316 greves (SCHWARCZ, 2017).

No ensaio *O destino da literatura* Lima Barreto diz, claramente, que sua literatura é *militante* pois, para ele, “o fenômeno artístico é um fenômeno social, para não dizer sociológico [...] o destino da literatura e da arte há muito deixou de ser unicamente a beleza, o prazer e o deleite dos sentidos.” (BARRETO, 2018, v. 1).

Segundo Sant’Anna (2013), Lima Barreto acredita que o elemento gerador e determinante da própria organização artística é a presença da sociedade, e a concepção da literatura como um fenômeno de questão social permeia toda sua obra, constituindo um dos pontos mais marcantes na composição de seus escritos.

Buscando elementos que nos levem a compreender o posicionamento de Lima Barreto, seguimos, primeiro, suas obras literárias.

Em 1909 escreveu seu romance de estreia, *Recordações do escrivão Isaias Caminha*, um drama que relata a história de um jovem negro do interior, que se muda para a capital com a intenção de ter seus sonhos realizados, mas se depara com muitos preconceitos e injustiças. Trabalhando em um jornal, relata a construção de notícias de acordo com as ordens do editor, que fazia isso para atender à elite. É na experiência desse jornal – que foi também a experiência do próprio Lima Barreto – que ele mostra como a desigualdade é uma construção social, como necessidade da manutenção da elite.

Isaias Caminha ainda esboça timidamente passagens do anarquismo, mesmo porque o escritor estava muito mais interessado em fazer outras denúncias relacionadas à ambiência no jornal e ao racismo. Porém, já encontramos na obra um personagem anarquista, o Leiva. Mostrando o diálogo entre os personagens, Leiva é interpelado por Agostinho sobre como deveria ser o posicionamento da sociedade diante de injustiças. Assim diz Agostinho: “- *Mas o que senhor quer é desordem, é anarquia, é extinção da ordem social*”, ao que responde Leiva:

- Mas é isso mesmo, não quero outra coisa! Pois o senhor acha justo que esses senhores gordos, que andam por aí, gastem numa hora com as mulheres, com as filhas com as amantes, o que bastava para fazer viver famílias inteiras? O senhor não vê que a pátria não é mais do que a exploração de uma minoria, ligada entre si, estreitamente ligada, em virtude dessa mesma exploração, o que domina fazendo crer à massa que trabalha para a felicidade dela? O público ainda não entrou nos mistérios da religião da pátria!... Ah! Quando entrar! ((BARRETO, 1997, p. 90).

Em 1911 escreveu *O triste fim de Policarpo Quaresma*, publicada somente em 1916 e considerada uma das obras mais importantes do escritor. O drama se baseia nas aventuras do Major Quaresma. A História se passa em 1893 e traz a luta de um Major sonhador, um idealista, que faz de tudo pelo sonho de ter um país igualitário. Com esse personagem, o escritor traz uma crítica contundente ao patriotismo, ao positivismo, às desigualdades de gênero, de classe e mostra que a luta por um país melhor passa por organização de classes, que não basta o sonho de um homem só.

Trazendo diferentes personagens femininos, critica com veemência a condição da mulher na Primeira República, cujo mundo se reduzia a ser uma extensão do homem e da família: pai, irmão, marido, filhos. Com as personagens Adelaide, Ismênia e Maricota, mostra as mulheres que se adaptaram às regras impostas pela sociedade machista. Adelaide é solteirona e dedica sua vida a cuidar do irmão Quaresma; Ismênia só pensa em casamento, sua vida se resume a conseguir um marido; Maricota é a personificação da perfeição da família na época, pois se casou e tem a vida dedicada ao marido e aos filhos. Como afilhada do Major Quaresma, o escritor traz a personagem Olga, onde vemos um rompimento com o que a sociedade impõe à mulher. Vemos em Olga claras reflexões sobre exclusão, resistência, indignação, machismo, revolta, insubordinação – uma personagem militante, rebelde e, talvez, anarquista. Surge da fala de Olga a primeira consciência crítica da obra, refletindo inconformada sobre o diálogo que teve com um camponês maltrapilho, sua realidade no campo, a quantidade de terras improdutivas e, depois, suas impressões do lugarejo assolado pela miséria:

E a terra não era dele? Mas de quem era então, tanta terra abandonada que se encontra por aí? Ela vira até fazendas fechadas, com as casas em ruínas... Por que esse acaparamento, esses latifúndios inúteis e improdutivos? O que mais me impressionou no passeio foi a miséria geral, a falta de cultivo, a pobreza das casas, o ar triste, abatido da gente pobre. Educada na cidade, ela tinha dos roceiros ideia de que eram felizes, saudáveis e alegres. Havendo tanto barro, tanta água, por que as casas não eram de tijolos e não tinham telhas? Era sempre aquele sapé sinistro e aquele “sopapo” que deixava ver a trama das varas, como o esqueleto de um doente. Por que ao redor dessas casas não havia cultura, uma horta, um pomar? (BARRETO, 1999, p. 140).

Lima Barreto teve como um dos alvos de crítica o Marechal Floriano Peixoto, aquele que personifica a concepção de República, sendo diversas vezes chamado de ditador, pois não preza pela vida humana. Segundo Bezerra (2010), o fato dos militares terem sido os maiores e mais numerosos adeptos do positivismo fez com que Lima Barreto os criticasse duramente em

Policarpo Quaresma, pois essa aliança entre dois setores – o militar e o ideológico – era nefasta para o Brasil. Era contra esse patriotismo que o escritor lutava. Assim diz o escritor:

Uns trapos de positivismo se tinham colado naquelas inteligências e uma religiosidade especial brotara-lhes no sentimento, transformando a autoridade, especialmente Floriano e vagamente a República, em artigo e fé, em feitiço, em ídolo mexicano, em cujo altar todas as violências e crimes eram oblatas dignas e oferendas úteis para a sua satisfação e eternidade. (BARRETO, 1999, p. 130).

Já em 1912 escreveu *Aventuras do Doutor Bogolóff*, de tom humorístico e que tem como protagonista um anarquista russo que, depois de perseguido e preso, consegue fugir para o Brasil, onde vive diversas aventuras. Com seu olhar de imigrante, denuncia nossa sociedade de hábitos deturpados, mesmo o protagonista se valendo disso. Esse mesmo personagem anarquista, Bogolóff, volta a aparecer em 1915 na obra *Numa e Ninfa*, que traz nova crítica à sociedade brasileira e seus políticos.

Com *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, obra que começou a ser delineada em 1905, mas publicada somente em 1919, temos sua obra mais bem acabada esteticamente (SCHWARCZ, 2017). Os protagonistas Augusto Machado e Gonzaga de Sá muito se parecem com o jovem e o velho Lima Barreto, respectivamente. Perambulando pela cidade do Rio de Janeiro como dois *flanêurs*, discutem, ponderam e criticam a sociedade, as convenções, a inutilidade das leis que não são cumpridas pela elite, a parcela de uma população que burla pagamentos, a situação dos negros libertos etc. A inquietação do escritor, aliada às críticas, mostra um texto que, além de muito bem escrito, é um grito por uma sociedade mais justa. Aqui temos um Lima Barreto taciturno, vendo o país por uma penumbra. Gonzaga de Sá, ao mesmo tempo, se digladiava entre a utopia de uma sociedade perfeita e a dura realidade que se mostra à sua frente.

A obra *Clara dos Anjos*, onde temos na protagonista um alter ego do escritor, foi sua última: começou a escrevê-la em 1904 mas concluiu somente em 1922, um pouco antes de sua morte. O romance denuncia o crime de sedução praticado por um homem branco, Cassi Jones, contra uma jovem negra do subúrbio, a Clara. Um dos personagens da trama chama muito a atenção, o poeta Leonardo Flores, que teve seus dias de glória como alguém conhecido, vendeu várias obras, foi influente entre seus pares, porém nunca se beneficiou de seu talento. Sendo um escritor que não teve lucro com sua arte, usou a escrita como um militante com atitude anarquista, mostrando as injustiças sociais contra negros e pobres – que entendemos ser outro *alter ego* do próprio Lima Barreto.

Partindo para o campo das crônicas, como já mencionado, o escritor fundou em 1907 a revista *Floreal*, juntamente com seus amigos anarquistas, grandes expoentes da época: Domingos Ribeiro, Fábio Luz, Curvelo de Mendonça e Elísio de Carvalho. É neste período seu contato mais intenso com as ideias anarquistas (SCHWARCZ, 2017).

Também encontramos um Lima Barreto mais firme, se posicionando em favor dos anarquistas em 1913. *A Voz do Trabalhador* (1908-1915) era um periódico anarquista que tinha como objetivo levantar questões sobre a relação anarquismo, sindicalismo, solidariedade, repressão policial, além de dedicar espaço à cultura, teatro, literatura, etc. Inicialmente as tiragens eram mensais mas, de 1913 a 1915, foram quinzenais (SCHWARCZ, 2017).

Em 1909 Lima Barreto editou o panfleto *O Papão*, contra a candidatura do militar Hermes da Fonseca à presidência do país (BARBOSA, 2012). Hermes da Fonseca, sobrinho do Marechal Deodoro da Fonseca, tornou-se Presidente da República (1910-1914). O escritor bateu de frente contra o argumento patriótico de proteção da nação, que acreditava ser uma falsa roupagem.

Publicada em 15 de maio de 1913, escreveu a crônica “Palavras de um *snob* anarquista” (BARRETO, 2004) sob o pseudônimo de Isaías Caminha, posicionando-se veementemente contra a repressão policial infligida aos anarquistas, além de se somar às reivindicações dos operários. Fazendo um retrospecto de nossa história, diz que no Brasil nada se modifica:

[...] Os anarquistas falam da humanidade para a humanidade, do gênero humano para o gênero humano, e não em nome de pequenas competências de personalidades políticas; e se há muitos que o são por ignorância ou “esnobismo” consoante o dizer do jornalista conservador, mesmo assim merecem simpatias dos desinteressados, porque não usam daquelas ignorâncias nem daqueles “esnobismos” que dão gordas sinecuras na política e sucessos sentimentais nos salões burgueses. (BARRETO, 2004, p.112).

Na revista *O Debate*, publicou a crônica *Sobre a carestia*, onde analisa os protestos contra a carestia, conduzidos pela classe trabalhadora do Rio de Janeiro no ano de 1913 com o objetivo de manter a sobrevivência do trabalhador. Nele, se posiciona contra os sindicatos (agremiações), cooptados pelo empregador, contra qualquer regra e diz que “Só há um remédio: é rasgar a rede à faca, sem atender a considerações morais, religiosas, filosóficas, doutrinárias, de qualquer natureza que seja [...]” (BARRETO, 2012a, p. 40). Aqui Lima Barreto se posiciona mais próximo às teses anarquistas.

Oliveira (2008) faz uma análise do conto *Como 'o homem' chegou*, escrito em 1914 por ocasião da primeira internação do escritor que, usando de sua verve irônica, narra sua ativa participação na confecção de artigos para a imprensa anarquista e operária. Segundo a autora, devido à profusão de tipos bem diferentes, como em *Policarpo Quaresma*, o conto se tornou uma sátira que abordava o isolamento, a polícia, a loucura, o saber, a ciência, o tratamento dispensado aos vulneráveis – como era o caso da força desproporcional da polícia e do Estado contra os cidadãos. Mostra, no conto, sua simpatia pelo anarquismo e uma aversão ao patriotismo.

No *Correio da Noite* o escritor publicou um artigo a favor do anarquismo, quando ocorreu uma greve geral promovida pelo Comitê de Defesa Proletária. O movimento paralisou fábricas e transportes em São Paulo, em 1917 (BARBOSA, 2012).

O escritor também caminhou com pensamentos revolucionários quando publicou, na *Revista A.B.C.*, em 11 de maio de 1918, a crônica *No ajuste das contas...*, onde teceu considerações sobre o movimento do operariado, criticou com veemência os empresários e saudou a Revolução Russa que, para ele, poderia trazer um novo alento à classe trabalhadora e interromper a sanha exploratória da burguesia: “A face do mundo mudou: Ave Rússia!” (BARRETO, 2012a, p. 61).

Ainda em defesa da Revolução Russa e, em especial das mulheres que dela participaram, escreveu *Vera Zassulich* em 14 de julho de 1918, no periódico carioca *Brás Cubas*, onde também elogiou Aleksandra Kollontai e atacou as inúmeras tentativas da imprensa nacional e dos políticos de desqualificação dos revolucionários russos, que os colocavam como “loucos”. Disse o escritor: “Não posso negar a simpatia que me merece a Revolução Russa; não posso esconder o desejo que tenho de ver um movimento semelhante aqui, de modo a acabar com essa chusma de tiranos burgueses, acorados covardemente por detrás da Lei, para nos matarem de fome.” (BARRETO, 2012a, p. 69).

Publicou na *Revista A.B.C.*, em 30 de novembro de 1918, *Da minha cela*, onde reportava sobre uma de suas internações em hospital psiquiátrico, tecendo passagens sobre o anarquismo, maximalismo (referente a bolchevique, ambos de concepção do marxismo soviético), revolução, Lênin, *soviets*, russos, etc. (BARRETO, 2012a, p. 75).

Também publicada na *Revista A.B.C.*, em 14 de dezembro de 1918, *Carta Aberta* foi dirigida ao Presidente Rodrigues Alves onde, em tom de deboche, fazia críticas ao seu mandato, que perseguia as doutrinas e ideais dos amotinados ao mesmo tempo em que exaltava a doçura e a resignação do patriotismo, além de mencionar que o governante

reconhecia que os operários tinham motivos de queixa, mas que deveriam esperar serenamente as decisões governamentais (BARRETO, 2012a, p. 97).

Assim, pelas páginas seguintes, Lima Barreto seguiu com suas críticas contra Rodrigues Alves e seu descaso à causa dos operários e a perseguição aos anarquistas. Disse o escritor: “não preciso lembrar a Vossa Excelência que ser anarquista, ter opiniões anarquistas, não é crime algum” (BARRETO, 2012a, p. 99).

Já em 11 de janeiro de 1919, ainda na Revista A.B.C., escreveu *São capazes de tudo*, onde voltou a discutir sobre o patriotismo exacerbado como sendo algo a se evitar, falou dos malefícios Estados Unidos sobre o Brasil ao citar contendas nas Filipinas, México, Cuba, Porto Rico, Havaí etc. Mostrou um grande conhecimento de geopolítica e alertou para termos muito cuidado com a influência dos Estados Unidos no mundo, pois eles seriam “capazes de tudo” por ganância (BARRETO, 2012a, p. 101-106).

Em 2015, o estudioso português João Marques Lopes descobriu uma crônica inédita de Lima Barreto, escrita muito provavelmente em 1908, quando ainda estava na Revista *Floreal*. Sob a guarda da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), a crônica tem o nome de *Portugueses na África*, na qual o escritor ironizou o avanço de tropas portuguesas nos territórios sul de Angola, que se encontrava sob o domínio da Campanha de Cuamato. A crônica mostra o alinhamento das imprensas de Brasil e Portugal, bem como ilumina a simpatia de Lima Barreto com o anarquismo (CRÔNICA..., 2015).

Aqui procuramos mostrar que Lima Barreto se tornou um catalizador que soube capturar e compreender os movimentos anarquistas que se apresentavam, mas que não temos elementos para colocá-lo como sendo um anarquista. Porém, foi um homem que se revoltou contra muitas injustiças e, por isso, ele mesmo classificava sua literatura de militante, buscando sempre trazer personagens representantes anarquistas e libertários.

Como diz seu biógrafo Assis Barbosa (2012), literatura libertária, que fazia parte da Limana, a sua biblioteca, o capacitou a compreender muitos dos problemas sociais sob a ótica do anarquismo mas, como já dissemos, não são elementos suficientes para afirmarmos que ele era anarquista. Talvez, o melhor seja dizer que era um simpatizante das causas que defendiam os excluídos.

Seus romances *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, *Aventuras do Dr. Bogolóff*, *Morte e Vida de M. J. Gonzaga de Sá* e *Clara dos Anjos* apresentam personagens que muito se aproximam das ideias anarquistas, são militantes, libertários. O escritor colaborou por muitos anos em diversas revistas que flertavam com o pensamento libertário e, também em periódico anarquista, aproveitou a oportunidade para

defender anarquistas, para divulgar greves, defender a sociedade dos desmandos dos políticos e da polícia.

1.4 O Pensador Social

Como já mencionamos, Lima Barreto escreveu em um período conturbado da história do Brasil, profundamente marcado por transformações sociais, políticas e culturais. O escritor sorveu cada um desses momentos e transportou-os para sua escrita. Fosse em contos, artigos, ensaios, ou livros – Lima sempre tinha um olhar astucioso que lançava uma crítica contra qualquer injustiça.

Uma das mudanças que mais marcou o escritor, inclusive em sua vida pessoal, foi o desajustamento do negro ao meio social, eivado de preconceitos de uma aristocracia que se mantinha impoluta no tocante ao sofrimento dos infelizes. O pior ocorreu com as diversas teorias raciais manifestamente a favor de acentuar diferenças entre brancos e negros – sendo estes sempre inferiores.

Como já dissemos, a eugenia, pregada por Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Oliveira Vianna, Roquete-Pinto, entre outros, tinha como missão “consertar” a sociedade. Para isso, estudavam meios de branquear a população, trazendo muitos imigrantes ou utilizando meios científicos para isso. Os pensadores selecionados para refletir meios de barrar o avanço dos negros e a miscigenação, claramente o fizeram para atender o Estado, que não sabia o que fazer com a imensa massa negra de desvalidos que “sobraram” após a abolição, bem como o desejo de uma aristocracia que almejava ficar ainda mais próxima dos padrões europeus.

Neste caos em que se encontrava o país, Lima Barreto tinha plena convicção da literatura que desejava fazer. No conto *Amplius!*, de setembro de 1916, o escritor respondeu à carta anônima de um leitor queixoso de que no seu romance, *O triste fim de Policarpo Quaresma*, não havia amor nem final feliz. E foi aqui que Lima explicou que desejava quebrar com as velhas regras:

[...] Não desejamos mais uma literatura contemplativa, o que raramente ela foi; não é mais uma literatura plástica que queremos, a encontrar beleza em deuses para sempre mortos, manequins atualmente, pois a alma que os animava já se evoluiu com a morte dos que os adoravam. Não é isso que nossos dias pedem; mas uma literatura militante para maior glória da nossa espécie na terra e mesmo no Céu. (BARRETO, 2010, p. 46-48).

Então, Lima Barreto estava cômico de seu papel de pensador social, que refletia sobre as questões importantes de seu tempo e militava por uma humanidade mais justa. E finaliza:

Para atingir tã alto escopo, tudo serve; e, como São Francisco Xavier, todos nós, que andamos em missã entre hindus, separados em castas hostis, entre malaios ferozes e pãrfidos, entre japoneses que se guerreiam feudalmente; todos nós, dizia eu, só devemos ter a divisa do Santo: “Amplius! Amplius!”. Sim, sempre mais longe! (BARRETO, 2010, p. 49).

Podemos constatar nesse conto essa personalidade combativa do escritor que usava a literatura em defesa dos desvalidos. Por se insurgir em diversas frentes, foi lanãado à penumbra pelos poderosos e pela indústria literária, permanecendo banido de muitos círculos sociais até o fim da vida. Aliado a isso, sua linguagem literária moderna incomodava:

Sua obra, a nosso ver, não é, porém, apenas a de um grande romancista, mas a de um escritor que criou uma nova linguagem para a novelística brasileira. Quero acentuar que, propositadamente, escrevi que ele conseguiu para o nosso romance uma nova linguagem e não um estilo novo. Até Lima Barreto a linguagem do Romance Brasileiro esbarrava em uma série de preconceitos, preconceitos que, até hoje, são perfilhados por muitos dos seus críticos, os quais, escolhendo como referencial básico de perfeição a obra de Machado de Assis, encontram *imperfeições* em tudo aquilo que, em Lima Barreto, era o transbordar do convencionalismo do linguajar que tinha as suas matrizes em Antonio Feliciano de Castilho, para poder expressar a riqueza de pensar e de agir do nosso povo. Esta posição inovadora de Lima Barreto não advinha, porém, como muitos dos seus críticos apontam, de um menor adestramento seu como escritor ou insuficiente domínio da língua, mas, pelo contrário, era uma posição consciente, que refletia essencialmente a sua posição como homem e como artista em relação à realidade brasileira. (MOURA, 1981, p.42, grifo do autor).

Um ponto a ressaltar em Lima Barreto é a crítica aos poderosos, sendo uma face importante que Carlos Nelson Coutinho expôs a respeito do posicionamento de muitos intelectuais brasileiros. E, em Lima Barreto, isso se torna ainda mais contundente, pois ele circulava sem apadrinhamento literário, sem condições financeiras, à margem do grande círculo e isso, de certa forma, marcou sua estética realista.

O “intimismo à sombra do poder” combinou-se frequentemente com um inconformismo declarado, com um mal-estar subjetivamente sincero diante da situação social dominante. O que determina os limites do “intimismo à sombra do poder”, em última instância, é o fato de que ele capitula diante dos preconceitos ideológicos gerados espontaneamente pela “via prussiana”, ou seja, por um lado, o subjetivismo extremado que vê nos indivíduos excepcionais as únicas forças da história, e, por outro, o fatalismo pseudo-objetivo que amesquinha ou dissolve o papel da ação humana na criação da história. Facilmente se perceberá que esses dois preconceitos, no plano

estético, dão origem respectivamente ao romantismo e ao naturalismo. (COUTINHO, 1972, p. 5).

Para Coutinho, Lima Barreto trouxe de volta a linha do realismo crítico-nacional popular na literatura brasileira, que havia sido inaugurada em *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida (COUTINHO, 1975).

Coutinho diz que Lima Barreto substituiu a suave ironia machadiana por uma crítica contundente aos poderosos, trazendo de volta uma tradição realista autenticamente nacional.

Mandei [para publicação] as Recordações do Escrivão Isaías Caminha, um livro desigual, propositalmente mal feito, brutal, por vezes, mas sincero sempre [...]. [Ele] tenciona dizer aquilo que os simples fatos não dizem, de modo a esclarecê-los melhor, dar-lhes importância, em virtude do poder da forma literária, agitá-los porque são importantes para o nosso destino. Querendo fazer isso e fazendo compreender aos outros que há importância na questão que eles tratam com tanta ligeireza, não me afastei da literatura conforme a concebo. (BARRETO apud COUTINHO, 1972, p. 26).

Segundo Maria Cristina Teixeira Machado (2002), Lima sempre se mostrou preocupado com a condição da violência na sociedade brasileira, em especial pelo preconceito, que restringia as possibilidades de vida aos negros e seus descendentes. E em diversos artigos e obras literárias já mostrava esse problema de reinserção do negro, em muitos casos colocando em obras passagens que ele mesmo vivenciou, como é o caso de *Isaías Caminha*.

O autor sempre procurou demonstrar o sofrimento que o racismo causava. Machado diz que Lima Barreto “referia-se frequentemente ao sofrimento que lhe causava o autoconceito a lhe atribuir qualidades – inteligência, sensibilidade, cultura – dissociadas de sua condição social.” (2002, p. 58). Isso é o “bovarismo”¹⁹, conceito que Lima trouxe pela primeira vez ao Brasil, em 1904, na coletânea *Bagatelas*, no conto *Casos de bovarismo* (1956). Trata-se de um comportamento psicológico que faz com que algumas pessoas aspirem por uma vida diferente daquela que se leva, sendo idealizada e compensatória. Isso passa a ser um estado de eterna falta de adaptação.

E o escritor deixa isso evidente em *Clara dos Anjos*, depois que a jovem negra, já ferida pela dor do abandono e humilhada pela mãe de seu verdugo, reflete tristemente:

¹⁹ Segundo BARBOSA (2012), o termo *bovarismo* deriva do livro de Gustave Flaubert, **Madame Bovary**, de 1857, que foi considerado pioneiro entre os realistas. O aspecto sonhador da jovem Emma Bovary, que sempre viveu dos lindos romances que lia, não a preparou para a realidade de um casamento. Sua insatisfação no casamento a leva a cometer adultério, com consequências trágicas. Jules de Gautier fez um estudo da personalidade de Emma Bovary, que culmina num livro que fala do bovarismo, de 1892. Segundo Alfredo BOSI (1994) e Assis BARBOSA (2002), Lima Barreto foi o primeiro a trazer o termo bovarismo para o Brasil.

[...] agora é que tinha a noção exata da sua situação na sociedade. Fora preciso ser ofendida irremediavelmente nos seus melindres de solteira, ouvir os desaforos da mãe de seu algoz, para se convencer de que ela não era uma moça como as outras; era muito menos no conceito de todos. Bem fazia adivinhar isso seu padrinho! Coitado! (BARRETO, 2012, p. 293).

Além do bovarismo, Lima Barreto refletia sobre o meio social e transportava isso para suas obras. Cercado de inúmeros problemas, além de trabalhar num emprego público que não apreciava, havia a doença mental do pai e a falta de afinidade com os irmãos. E em suas anotações pessoais, que se tornaram o livro *Diário Íntimo*, o escritor já refletia: “A minha vida de família tem sido uma atroz desgraça. Entre mim e ela há tanta dessemelhança, tanta cisão, que eu não sei como adaptar-me. Será o meu “bovarismo”? (BARRETO, 1956, p. 91).

Lima Barreto escreveu sobre diversos temas, mostrando domínio do que falava e, principalmente, coragem de tocar em assuntos até então vedados e jogados no escuro porão da sociedade. De acordo com Sevcenko, o romancista abordou

[...] movimentos históricos, relações sociais e raciais; transformações sociais, políticas, econômicas; crítica social, moral e cultural; discussões filosóficas e científicas; referências ao presente imediato, ao passado e ao futuro próximo; ao cotidiano urbano e suburbano; à política nacional e internacional; à burocracia, dados biográficos, realidade do sertão, descrições geológicas e geográficas (fragmentos) e análises históricas. (SEVCENKO, 1995, p. 37).

Clara dos Anjos é considerada a obra que melhor retratou os subúrbios da cidade do Rio de Janeiro no início do Século XX, sendo o primeiro romance totalmente criado às margens dos trens da Central (SCHWARCZ, 2017). As idas e vindas dos personagens ao centro da cidade, como a Rua do Ouvidor, nos mostram um olhar atento e crítico do escritor no que tange aos costumes, moda, urbanismo, cultura. Mas não podemos deixar de mencionar *Gonzaga de Sá*, onde vemos os personagens Augusto Machado e o próprio Gonzaga, delineando os traços da modernidade que se instalou no Brasil. E no conto *O Moleque* vemos outro desdobramento da trágica situação dos pobres das favelas, mas aqui muito mais atento a nos mostrar que esses moradores estão se reerguendo sozinhos, sem nenhum tipo de amparo do Estado ou da sociedade, desnudando que os benefícios da modernização nunca chegaram por lá.

Segundo Maria Cristina Machado (2002, p. 208), por sermos um país marcado por relações que pressupõem a dependência, “aqui se produziu uma variante inacabada e frustrante da modernidade europeia”. E prossegue dizendo: “um processo de modernização de

caráter dependente, excludente, autoritário, a modernidade brasileira nega os princípios de universalidade, individualidade e autonomia que nortearam a versão original.” (MACHADO, 2002, p. 208). E conclui, sob a perspectiva antipastoral de Lima Barreto, a modernidade como tragédia, assumindo dimensões mais contundentes do que em suas representações clássicas. Para ela, Lima Barreto é o porta-voz que nos mostra que a modernidade não tem a contrapartida dada pela vitalidade, criatividade e possibilidades visualizadas na vertente europeia. As obras de Lima Barreto não permitem sonhos ou utopias.

Suas obras nos mostram duas realidades distintas, nos descortinam uma realidade que separa negros e brancos, ricos e pobres. Duas sociedades em destaque, uma que se agiganta e subjuga, outra que se acovarda e se submete. E esse desprezo da classe superior pelo pobre Lima Barreto nos mostra ao narrar, por exemplo, em *Clara dos Anjos* o olhar de Cassi Jones sobre os transeuntes humildes que iam e vinham do trabalho. O homem branco e sedutor que desgraçou a vida de muitas mulheres, que nunca trabalhou, não tinha consciência alguma da posição social dos desvalidos, seja na economia, cultura ou política. O pobre não tem consciência social e, por isso, se submete. A classe com melhor poder aquisitivo – representada por Cassi – também não tem e, como é conveniente, continua a subjugar. Ao que parece, o escritor nos mostra uma teia bem emaranhada que prende o negro e pobre nessa exploração de classes.

O olhar crítico e de pensador social em Lima Barreto é contundente sobre as convenções sociais, hierarquias, banimento do pobre para os subúrbios, abandono do Estado e a apatia que isso gerava nessa população oprimida. Por outro lado, vemos que o escritor esclarece que quanto mais a indolência se apodera do pobre, mais isso alimenta a tirania do rico. A construção da sua obra deixa claro que o acovardamento de um – por não ter meios nem forças de lutar – é o que alimenta a exploração do opressor.

E, ao retratar o drama da jovem negra em *Clara dos Anjos*, o escritor lança um olhar inquisidor sobre uma sociedade que tapava os olhos para essa infâmia corriqueira do crime de sedução de brancos contra meninas negras. O nefasto costume advindo dos tempos de escravidão se perpetuava, e o homem branco de condição superior prosseguia, tiranamente, abusando das meninas negras e desprotegidas. No conto *O filho de Gabriela*, mostra o aprisionamento da mulher negra e pobre à condição de doméstica numa casa de ricos. No conto *O Moleque* deixa evidente que o trabalho que restou às mulheres negras após a abolição era a continuidade do que já faziam quando eram escravas: lavadeiras, domésticas, babás, empregadas de todo tipo.

Segundo Beatriz Resende, no ensaio *O Lima Barreto que nos olha*, o desconforto com suas obras foi tamanho, que Lima Barreto só foi reconhecido tardiamente:

Só será mesmo incorporado à chamada história da literatura, ao elenco de escritores tidos como dignos de serem estudados e, assim, ao cânone da literatura brasileira, a partir da publicação, em 1956, pela editora Brasiliense, das ‘Obras completas’, organizadas por Francisco de Assis Pereira com a colaboração de Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. Em 1952, Assis Barbosa publicaria a primeira edição da biografia, realizada após vários anos de pesquisa. (RESENDE, 2016).

Resende ainda diz que Lima Barreto foi escritor plural para quem as definições são sempre poucas. Por ser destemido e enfrentar poderosos, sofreu cerceamentos até o fim da vida. Mas Lima seguiu firme e obstinado em criar um caminho tropical brasileiro para a literatura, com o objetivo de modificar a realidade afrontosa da nossa sociedade.

O escritor nos deixou 17 obras e 440 crônicas que, como diz Moraes (1983), mostram o contrário do que somos propensos a achar, pois são obras sem choramingas; foram escritas com bom humor sem deixar de lado a densidade e o drama de seus personagens, sempre questionando os destinos dos homens e da humanidade.

Apostou tudo em seu talento, tudo investiu – seu sangue, sua juventude, seu suor – na aventura literária. Não se pode dizer que ele não tenha recebido reconhecimento. Importantes manifestações de uma parte da crítica do tempo situavam-no entre os grandes romancistas do tempo. Mas vieram, tais aplausos, aos pouquinhos e um pouco tarde. Sua vida já estava em declínio e, como desabafou, “as glórias tardias já vem frias”. (MORAES, 1983, p. 10).

Já Alfredo Bosi diz que “Lima Barreto olhou na cara deste seu presente, que foi a nossa República Velha, como um observador que se sabe vencido, mas não submisso à máquina social” (1992, p. 267). Sendo um escritor plural, lançou críticas e defendeu seus pontos de vista com firmeza. Por isso em obras como *Triste fim de Policarpo Quaresma*, teceu críticas contundentes à posição da mulher (que permanecia submissa e sem igualdade de direitos), às forças dos regimes que disputavam a primazia do regime recém instaurado, lançando dúvidas e questionamentos sobre fazendeiros do café e os simpáticos ao florianismo.

Em *Numa e Ninfa* critica com veemência a hipocrisia brasileira que se instaurou no poder, os vícios e os costumes da alta sociedade que vivia de aparência, além de mostrar a completa infelicidade de uma mulher presa em um casamento, a Edgarda. Tratou dos mais diferentes assuntos em suas crônicas e, apenas para citar duas relacionadas às mulheres, na

crônica *A lei* defende o direito da mulher de interromper a gravidez em 1915, sem que nem ela nem a parteira fossem penalizadas; em outra crônica, *Não as matem*, se posiciona fortemente contra o assassinato de mulheres em nome da honra.

E não podemos nos esquecer de *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, sua grande obra de estreia que traz um contundente retrato de como o mecanismo do racismo funciona bloqueando todas as tentativas de ascensão social e financeira. Para Bosi (1992), Isaiás é a metáfora do homem ao mesmo tempo livre e confinado, pois onde quer que vá será um exilado por conta da cor da sua pele.

Para Machado (2002), Lima Barreto soube lançar suas críticas com distanciamento necessário, sem se aliar a partidos ou vertentes políticas que surgiam, mesmo que fosse simpático a muitas delas, como o anarquismo e o socialismo.

Para Bosi (1992) Lima Barreto soube “viver” seu lugar social conscientemente e, além disso, trazer peso e densidade; não permitiu que se diluísse nas práticas e discursos que dominavam na época. Sua crítica não se furta de falar de cultura, desmentindo a oposição que colocavam na época entre cosmopolitismo e nacionalismo. Para Bosi “O seu nacionalismo era o dos pobres. As relações entre cultura e nação formulam-se em Lima Barreto sob o ângulo novo e, com certeza, progressista” (BOSI, 1992, p. 268).

Já Carlos Nelson Coutinho diz que Lima Barreto inaugura um novo momento da nossa literatura:

Com Lima Barreto, iniciou-se para a literatura brasileira uma nova etapa – moderna e popular – do realismo. Tanto em sua obra estética quanto em sua produção jornalística, o romancista carioca rompe decisivamente com qualquer versão do “intimismo à sombra do poder”, colocando com grande clareza a dimensão social e humanista do ofício literário. Diante de todas as questões que enfrentou, como escritor ou periodista, Lima sempre tentou encontrar (e na esmagadora maioria dos casos efetivamente encontrou) uma resposta autenticamente democrática e popular, capaz de abrir novos horizontes – ideológicos e estéticos – para a cultura e para a arte de nosso país. (COUTINHO, 1972, p. 54).

Assim, vemos que Lima Barreto não era, como pregam alguns críticos, somente um desajustado vingativo e ressentido. Ele sabia muito bem o que desejava alcançar – uma literatura que contemplasse a população mais vulnerável e modificasse a realidade deles - e essa meta perseguiu até o fim da vida.

CAPÍTULO 2 – O NEGRO E O RACISMO NA VIDA E OBRA DE LIMA BARRETO

Em sua produção literária, Lima Barreto abordou diversos temas, mas alguns sempre foram recorrentes. O período de transição na Primeira República foi turbulento e com ela diversas diferenças sociais emergiram, como o racismo, os problemas políticos, a inserção da mulher, as jovens vítimas de agressão sexual, o expurgo do negro para o entorno das cidades, a questão política etc. A produção do escritor é extensa e aqui nos propusemos a escolher algumas obras que representassem temáticas importantes que ele abordou. Assim, traremos também considerações sobre o racismo e o lugar reservado ao negro na Primeira República.

Uma obra muito importante do escritor que abordamos aqui foi seu romance de estreia, *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, considerado por muitos estudiosos como o alter ego do escritor. O romance narra a história de Isaiás, rapaz negro, inteligente e esforçado, que sonha em ser “doutor” na cidade grande. Em busca desse sonho, o jovem narra todo sortilégio de injustiças das quais será vítima apenas por conta da sua cor negra. Abordar o *racismo* de forma tão veemente, além de denunciar muitas das estratégias que ocorrem no campo político e nas entranhas da mídia jornalística, foi uma grande afronta à época, o que não lhe rendeu frutos, apenas o catapultou para o bloqueio de sua literatura.

Considerada sua obra mais bem escrita esteticamente (SCHWARCZ, 2017), *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* mostrará as transformações na cidade do Rio de Janeiro sob o olhar de um jovem de 25 anos, Augusto Machado, e seu dileto amigo Manoel Joaquim, de mais de 60 anos. O olhar do jovem e do idoso sobre a cidade nos mostram diferenças e como cada um captura muitas das mudanças físicas e sociais que ocorreram, sem deixar de recorrer ao racismo, às críticas políticas e sociais. Esta obra se torna importante por mostrar com maior propriedade os espaços urbanos amparados e desamparados pelo Estado e como isso irá refletir na exclusão social.

2.1 Racismo

Um dos aspectos sociais mais importantes abordados por Lima Barreto vem do fato de ter sofrido opressão, racismo e discriminação por ser negro. Os inúmeros infortúnios que se abateram sobre o escritor foram o mote para que escrevesse sobre a condição do negro na Primeira República.

Como vimos, se o início da Primeira República trouxe o fim da escravidão, não trouxe melhor condição de vida ao negro. E a estreia de Lima Barreto como escritor mostra

exatamente uma das suas maiores inquietações e pela qual passou o resto da vida abordando em crônicas e livros.

A obra *Recordações do escrivão Isaías Caminha* se torna uma referência importante que relata como o racismo se movimenta na nova sociedade formada com o fim da escravidão. O livro traz a história do jovem negro Isaías Caminha, que se muda do interior para a cidade do Rio de Janeiro, a grande capital do Brasil, na esperança de se tornar “doutor”. Nesse percurso “será vítima de preconceito, humilhação e tristeza” (SCHWARCZ, 2017).

O biógrafo Assis Barbosa (2012, p. 194) diz que “como pouca gente letrada no Brasil hoje ignora, o romance de Lima Barreto é uma sátira ao *Correio da Manhã*, escolhido dentro os demais por ser o de maior sucesso, o mais representativo, o mais típico, o mais retratável dos órgãos da imprensa da época”. Por estar muito próxima da realidade do escritor, a obra permaneceu apenas como uma leitura de *roman à clef*, que, como já mencionamos, torna-se um erro, pois há que se considerar muitas das críticas sociais presentes na obra.

A história de Isaías realmente muito se assemelha à do próprio Lima Barreto. “O novo romance vinha narrado em primeira pessoa, por Isaías, claramente um alter ego de Lima: de fora da capital, pobre, de cor azeitonada, esforçado, tenta a sorte como jornalista e acaba escrivão da coletoria” (SCHWARCZ, 2017, p. 215). Repleto de sonhos de se tornar “doutor” e com o contato de um político, o Senhor Castro, o jovem ainda muito ingênuo que desconhece os males que rondam negros como ele, segue rumo ao Rio de Janeiro com uma carta de recomendação em mãos. O jovem tinha o desejo “de colimar glórias extraordinárias”, mas conheceu a força do racismo e como ele opera para bloquear as possibilidades de ascensão do negro. Mas, no caminhar desse jovem, Lima Barreto nos mostra os engendramentos sociais construídos para a manutenção de privilégios, cargos, ascensão, desinformação para benefícios de uns, construção de informação para benefício de outros.

Lima Barreto, nesta obra de estreia, procura nos conduzir a conflitos profundos que acometem o Brasil. E Carmen Lúcia Negreiros de Figueiredo nos mostra como a literatura tem importante papel ao descortinar problemas sociais:

A trilha sugerida pela literatura permite a compreensão mais rica e profunda, embora moldada por um delicado e suspeito fio – a palavra – que intersecciona os caminhos da memória coletiva e da história. Como guia e intérprete desse percurso está o intelectual mergulhado na difícil tarefa de explicar “os males” do país, de encontrar um lugar para a cultura brasileira e, a partir daí, sua própria identificação como pensador e crítico. (FIGUEIREDO, 1998, p. 17).

Como já dissemos, o advento das teorias raciais foi importante para acentuar e justificar o alijamento do negro na nova sociedade que se transformava, onde ele seria sempre massa de fácil exploração. O jurista Silvio Almeida (2018), ao diferenciar raça de racismo, diz que raça é uma criação jurídica e que a classificação de seres humanos é uma invenção da modernidade que torna o homem um objeto científico da Biologia e da Física. A partir disso há uma explicação das características biológicas e geográficas das pessoas para construção de capacidades intelectuais, morais e psicológicas, a depender de cada raça. Dessa forma, diz o estudioso, a raça se torna uma categoria política utilizada para justificar as desigualdades existentes.

No racismo, Almeida explica que ele opera nos distintos modos de tratamento que as pessoas recebem, a depender da etnia a qual pertencem. A discriminação se efetiva porque é fundamentada nas relações de poder que determinados grupos possuem, que faz com que tenham vantagens que persistam nessa categoria racial. O racismo se efetiva por meio da discriminação racial estruturada, onde os diversos privilégios se propagam entre os grupos dominantes, alcançando espaços econômicos, políticos e sociais (2018).

No caso da obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, podemos vislumbrar as diferentes formas pelas quais o protagonista sofre o racismo: na viagem de trem rumo à capital, onde é discriminado quando ao lado de um rapaz branco de mesma idade (p. 29); nas recusas do deputado Castro em recebê-lo para cumprir a promessa de ajuda ao jovem; na acusação de furto em uma pensão, onde foi preso e humilhado (p. 72) e muitas vezes na redação do jornal (p. 99). A amizade do jovem com o jornalista russo Ivã Gregoróvich levou-o a trabalhar na redação do jornal *O Globo* (p.97-98), onde continuou sofrendo discriminações, mas teve de se recolher, se resignar e esconder seus sonhos, pois necessitava sobreviver.

O escritor usou o fato de Isaías trabalhar em um jornal para denunciar como era o funcionamento das notícias, as tramas, a produção de notícias falsas, o bloqueio de talentos em potencial - como é o caso do próprio protagonista. A redação é descrita como uma arena em que os que estavam acima devoravam qualquer tentativa de ascensão dos novatos. E na obra, por mais que Isaías se esforce trabalhando no jornal, Ricardo Loberant, o editor-chefe e dono do jornal, não reconhece seus esforços. Além disso, Loberant não tem conhecimento à altura de quem é dono de jornal, aprecia coisas mundanas, é perdulário e, além de tudo, é temido por todos por ser um chefe cruel, um ditador. Muitos personagens que aparecem no livro foram identificados como sendo reais, como Raul Gusmão, que seria João do Rio, e a

quem Lima Barreto dirige toda sua acidez na descrição, pois o considera um dos mais falsos da redação. Segundo o biógrafo Assis Barbosa, é de responsabilidade de B. Quadros a descoberta de quem são os personagens reais descritos na obra.

Plínio de Andrade ou Plínio Gravatá – Lima Barreto; Ricardo Loberant – Edmundo Bittencourt; Aires d’Ávila – Leão Veloso (Gil Vidal); Leporace – Vicente Pirajibe; Lobo, o gramático – Cândido Lago; Floc – João Itiberê da Cunha (Jic); Veiga Filho – Coelho Neto; Raul Gusmão – João do Rio; GregorovitchRostoloff – Mário Cataruzza; Pranzini, o gerente – o Fogliani, do Fon-Fon; Dr. Franco de Andrade – Afrânio Peixoto; Losque – Gastão Bousquet; Dr. Demóstenes Brandão – o juiz Cícero Seabra (irmão de J.J.Seabra); Laje da Silva – Pascoal Segreto; Casa da Valentina – a Valery ou a Richard, duas das mais célebres “pensões do tempo [entre outros nomes omitidos por não serem tão conhecidos hoje]”. (BARBOSA, 2012, p. 195).

A incapacidade do jovem Isaías de lidar com o racismo do qual é vítima o faz ficar cada vez mais imobilizado, afinal precisa muito do dinheiro. Lima Barreto, ao trazer tantos personagens importantes da vida real para o livro, denuncia que há um racismo que bloqueia qualquer tipo de crescimento do negro, como no caso de Isaías.

No conto *O Pecado*(2004), que é curto, porém impactante, Lima Barreto nos mostra que não importa quão esforçado, dedicado e correto seja o negro pois, só por negro, não seria reconhecido. O conto nos mostra uma pessoa - P. L. C. - que morre e sua “alma”, chegando ao céu, é interrogada por São Pedro, o porteiro responsável por definir quem fica ao lado do trono celestial e quem vai para o *purgatório*.

Ao ler o histórico de referida “alma”, com a ajuda do guarda-livros, conclui-se que ela é casta, honesta, bondosa e, portanto, se encontra apta e digna de estar ao lado do trono celestial. Mas São Pedro insiste para o guarda-livros reveja a análise, e descobre-se que um detalhe importante havia passado despercebido pelo Santo: no item observação estava escrito que a “alma” era negra. E foi esse detalhe que selou o destino final da alma de P. L. C., o de ir para o purgatório. Aqui o escritor se refere ao purgatório como concepção da Igreja Católica, surgindo na modernidade como forma de justiça penitencial: “Os que morrem carregados apenas com pecados veniais passarão um tempo mais ou menos longo de expiação num lugar novo, o Purgatório, que irão deixar depois de purificados, purgados, em troca da vida eterna, do Paraíso, o mais tardar no momento do Juízo Final” (COSTA, 2011, p. 2279). Então Lima Barreto nos mostra que o purgatório era o lugar da desumanização completa a que estava submetido o negro.

Isaías se esforça ao máximo e, finalmente, tem sua oportunidade, mas somente quando o personagem Ploc se suicida. Ao procurar o chefe Loberant para avisar da tragédia, descobre

que está em uma casa de prostituição, o que faz com que o editor-chefe seja sempre grato pela discricção do jovem. É dessa forma que Isaías assume o lugar como repórter. A partir disso, Isaías cai nas graças de Loberant e eles se tornam amigos de boemia. Porém, um dia, já absorto em diversas reflexões existenciais, descobre que não quer mais aquela vida, se lamenta pelos sonhos de jovem que não foram realizados e decide abandonar a redação.

Às minhas aspirações, àquele forte sonhar da minha meninice, eu não tinha dado as satisfações devidas [...] A má vontade geral, a excomunhão dos outros tinham-me amedrontado, atemorizado, feito adormecer em mim com seu cortejo de grandeza e de força. Rebaixara-me, tendo medo de fantasmas e não obedecendo ao seu império. [...] (BARRETO, 1997, p. 200).

Mesmo com os protestos do seu chefe para que permaneça, Isaías abandona tudo, porém essa decisão não estava imbuída de uma correção de conduta, pois iria transformar a dor que o consumia para se tornar deputado estadual.

Para sair da imobilidade que a vítima de racismo sofre, Steve Biko (1990) diz que o negro tem que adquirir a Consciência Negra e agir como ser político. Diz que a consciência negra se refere ao negro e à sua situação na sociedade, sendo que são duas forças que agem para que ele permaneça na situação de vítima do racismo. A *primeira* é quando ele é oprimido pela sociedade por meio de mecanismos institucionalizados, por meio de leis que o impedem de fazer certas coisas, por pesadas condições de trabalho, salários baixos, condição de vida muito difícil e uma educação inferior. A *segunda* situação, que Biko considera a mais importante, é que o negro desenvolveu dentro de si um estado de alienação, passando a rejeitar a si mesmo exatamente porque liga o significado de branco com tudo que é bom, sendo essa uma construção que vem desde sua infância (BIKO, 1990, p. 27).

E, no tocante à obra de Lima Barreto, vemos claramente que o jovem Isaías sofreu todas as formas de bloqueio para conseguir ajuda, conseguir estudar, conseguir ascender profissionalmente. Os bloqueios encontrados não foram por sua incapacidade, mas pela cor negra da sua pele.

2.2 O Negro na Primeira República

Na obra *A formação do Estado burguês no Brasil...*, Décio Saes (1985) diz que as fundamentais consequências para imensa parte da população negra, oriunda do antigo regime

escravocrata que perdurou por mais de trezentos anos neste país, e recém “liberta”²⁰ por força da transição do regime imperial para o republicano, mais acertadamente de um modo de dominação e produção predominantemente feudal para um capitalismo dominado por uma burguesia burocrática, de matiz excludente da força de produção manual, para a qual, por conseguinte, imperava a força de trabalho não manual, foi o seu alijamento econômico, social e jurídico. Releva-se o fato de que essa imensa massa de libertos, denominados de trabalhadores livres, em sua maioria era oriunda do escravismo rural, numa relação próxima a cinco vezes a dos escravos urbanos (SAES, 1985).

Ainda segundo Décio Saes (1985), os pobres de todas as etnias, inclusive os imigrantes vindos de outros países e, sem objeção, os libertos negros eram sua maioria em larga escala, foram jogados às ruas, nessa nova fase de pretense desenvolvimento urbano. Sem habitação e sem rendas suficientes para subsistência, passaram de trabalhadores braçais a mendigos e vadios, alguns denominados capoeiras, uma modalidade de milícia. Se antes, na recente abolição da escravidão, não possuíam condições dignas de sobrevivência, o crescimento urbano burguês no início da república, desordenado do ponto de vista social, não lhes trouxe uma melhora da exclusão social, muito ao contrário, era a escolha entre o pior e o ruim.

Enquanto escravos eram açoitados, surrados pelos senhores da casa grande, com a abolição passam a ser presos, com extrema violência na maioria dos casos, pela polícia do estado. Myrian Sepúlveda dos Santos assim descreve como a república instalada tratou essa questão:

No Código Penal de 1890, havia artigos que tornavam mendigos, ébrios, vadios e capoeiras em contraventores sujeitos à prisão celular. Para os que fossem maiores de 21 anos, ficava estabelecida a prisão em celas, que variava de 5 dias a 4 meses. Os menores, entre 14 e 21 anos, deveriam ser recolhidos a estabelecimentos disciplinares industriais. A repressão maior era indubitavelmente contra os vadios e capoeiras reincidentes. De acordo com artigos 399, 400 e 401, eles deveriam ser recolhidos por 1 a 3 anos em colônias penais, em ilhas marítimas ou nas fronteiras do território. Aqueles que fossem estrangeiros reincidentes seriam deportados. (SANTOS, 2004, p. 145-146).

Os negros libertos não foram excluídos da sociedade após a abolição. Do ponto de vista lógico essa afirmação não tem algum sentido. De fato, para terem sido excluídos, impõe-se que anteriormente tivessem sido incluídos, e isso não se observou no período, principalmente com negros oriundos da zona rural. Atentando às palavras do economista

²⁰ As aspas se referem a libertação jurídica, sem necessariamente referir-se à socioeconômica.

Celso Furtado (1998) de que o negro não teve opções, por diversas razões, e, dessa forma, tornou-se marginal. Não parece incorreto afirmar que os libertos, principalmente oriundos das áreas rurais continuaram a viver na marginalidade, já que assim o eram enquanto objeto de propriedade do senhorio, ou mesmo quando viviam em quilombos, coloniais ou cafeeiros. A bem da verdade, o alijamento socioeconômico apenas se estendeu de um sistema econômico monárquico para o republicano. Em outras palavras, o mais do mesmo.

Vivendo essas transformações, na maioria das obras e crônicas de Lima Barreto estão presentes sua preocupação com a temática da situação do negro na Primeira República: qual espaço ficou reservado a ele? Sem organização ou projeto de inserção, os negros foram abandonados à própria sorte, sem qualificação, educação, moradia digna. Abdias Nascimento diz que os negros foram abandonados nessa nova sociedade sem nenhum tipo de amparo:

Atirando os africanos e seus descendentes para fora da sociedade, a abolição exonerou de responsabilidades os senhores, o Estado, e a Igreja. Tudo cessou, extinguiu-se todo o humanismo, qualquer gesto de solidariedade ou de justiça social: o africano e seus descendentes que sobrevivessem como pudessem. "Africanos livres" se tornavam também aqueles escravos utilizados como soldados para fazer as guerras de destruição dos dirigentes brancos. Obtinham soldados prometendo a liberdade para os escravos que se alistassem no serviço militar. (NASCIMENTO, 1978, p. 65).

Para entendermos melhor o que angustiava o escritor nesse alijamento do negro para a periferia, nos ampararemos com Florestan Fernandes. No livro *O significado do protesto negro* (FERNANDES, 1989) o estudioso diz que a revolução social vinculada à desagregação da produção escravista e da ordem social correspondente não se fazia para toda sociedade brasileira, tendo os limites históricos fechados, mas os dinamismos históricos eram abertos e duráveis – e com essa configuração formada, não cabiam nos limites nem o escravo nem o liberto. Isso porque “foi uma revolução das elites, pelas elites e para as elites; no plano racial, de uma revolução do BRANCO para o BRANCO, ainda que se tenha que entender essa noção no sentido etnológico e sociológico.” (1989, p. 85, grifos do autor).

Fernandes fala da *democracia racial* dentro desta *revolução excludente*, pois ela expressa algo muito evidente: “um meio de evasão dos estratos dominantes de uma classe social diante das obrigações e responsabilidades intransferíveis e inarredáveis” (1989, p. 26). Por isso, diz o autor, há a necessidade do *mito*, onde a falsa consciência oculta a realidade e simplifica as coisas. E criaram todo um complexo de privilégios, “valores” e padrões de comportamento que manteria intacta a ordem social arcaica, tudo em proveito dos estratos dominantes, ou seja, a classe branca e abastada, mesmo com imensos prejuízos à Nação. Foi

assim que a revolução social não precisou chegar à esfera das relações raciais. (FERNANDES, 1989).

O negro se tornou um problema para os novos dirigentes que assumiram o país, pois estarem libertos significava estarem ocupando frentes de trabalho, com possível prejuízo à produção e ao comércio, por não estarem mais sob o jugo dos castigos disciplinares. Para solucionar esse problema eles se socorreram aos legisladores para que criassem formas de obrigar o negro a trabalhar, além de criar leis que impediam a mendicância, o ócio e a delinquência. Chalhoub (2012, p. 65-67) cita mecanismos de controle sobre os libertos, como o projeto de repressão à ociosidade, elaborado por Ferreira Vianna e que foi para a Câmara em julho de 1888, dois meses após a abolição, de tanto temor à desordem que a libertação provocou.

Na verdade, um dos pontos principais de toda essa discussão [...] sobre a ociosidade propriamente, é o consenso que se estabelece quanto ao suposto caráter do liberto. Em primeiro lugar os libertos eram pensados como indivíduos que estavam despreparados para a vida em sociedade. A escravidão não havia dado a esses homens nenhuma noção de justiça, de respeito à propriedade, de liberdade. A liberdade do cativo não significava para o liberto a responsabilidade pelos seus atos, e sim a possibilidade de se tornar ocioso, furtar, roubar etc. [...] Era necessário, portanto, evitar que os libertos comprometessem a ordem, e para isso havia de se reprimir os seus vícios. (CHALHOUB, 2012, p. 69).

É assim que Chalhoub (2012, p. 70) diz que o conceito de trabalho deveria mudar, adquirindo um aspecto de “moralidade”, no sentido de que quanto mais trabalhasse, maior seria sua moralidade, dessa forma se afastava o liberto dos vícios. Para reprimir aqueles que não se enquadrassem nos padrões da moralidade, o Código Penal de 1890 foi responsável por tornar ébrios, vadios, mendigos e capoeiristas em contraventores penais, o que poderia render ao maior de 21 anos uma pena de 5 dias a 4 meses em cela. Os menores de 21 e maiores de 14 anos seriam recolhidos e encaminhados a estabelecimentos disciplinares. Aos vadios e capoeiristas estavam reservados os piores castigos, pois seriam encaminhados às colônias penais longe o suficiente do continente, por um período de 1 a 3 anos (PLANALTO, 1890, artigos 399, 400 e 401).

Para o estudioso Celso Furtado (1998), que escreveu a obra *Formação Econômica do Brasil*, o negro não teve opções após a abolição e, por isso, se tornou marginal. Na obra o autor aponta diversas razões para o negro não se enquadrar nessa nova situação de liberto e, chama a atenção ao dizer que a escravidão fez com que tivesse a redução da sua capacidade mental, o que os levaria a pensar que trabalho era algo maldito. Não se encaixando nessa nova

ordem econômica recém formada na República, se tornariam incapazes de acumular riquezas e constituir famílias.

Na obra *A integração do negro na sociedade de classes*, Fernandes (2008) se aprofunda no drama vivido pelo negro nas décadas subsequentes à abolição da escravidão; sua complexa adaptabilidade ao novo tipo de relação de trabalho, a competitividade com os imigrantes brancos, mais afeitos a esse tipo de trabalho, e o expurgo para o entorno das cidades, onde passam a viver amontoados em cortiços. Assim, Florestan Fernandes reflete sobre o nascimento da sociedade de classes onde nem o Estado e muito menos as famílias brancas se empenharam em fazer essa transição, sendo que os benefícios para quem vinha da escravidão eram bloqueados de todas as formas.

Florestan Fernandes utiliza de métodos empíricos coletados em épocas distintas, localizando toda sua pesquisa na cidade de São Paulo, relatando as transformações na vida urbana no final do Século XIX e início do Século XX e descortinando a posição que o negro teve nessa nova sociedade que se formava. Mesmo tendo sua obra baseada na população negra da capital de São Paulo, há como tecer um paralelo com o que ocorria no Rio de Janeiro descrito por Lima Barreto. Assim, melhor entenderemos as preocupações do escritor.

Fernandes (2008) mostra que após a abolição a maior parte dos negros teve que se deslocar para os grandes centros urbanos, mas que isso não alterou a posição do negro na sociedade de classes ou no sistema de relações econômicas. Assim, não ficaram à margem apenas do novo processo econômico que se iniciava, mas de toda reorganização urbana.

Neste início de Século, metade da população da cidade de São Paulo era composta de homens e mulheres negros ou mulatos. Junte-se a esse cenário a grande massa de imigrantes vindos da Europa, que passaram a ser privilegiados nas novas ocupações de trabalho – comércio, indústria, funcionalismo público etc. – em detrimento do negro. Com essa composição, restou aos negros se sujeitarem a qualquer tipo de trabalho. As mulheres negras tinham lugar cativo como domésticas, lavadeiras, babás de crianças. Aos homens pouco restava, já que havia grande resistência de voltar a se submeter a trabalhos degradantes que os lembrassem da escravidão recente. Na outra ponta temos os imigrantes, muito mais afeitos ao trabalho nos moldes livres, na organização, por entenderem a importância de cláusulas e cumprimentos contratuais, terem maior conhecimento técnico e serem mais acostumados com o modo de produção capitalista (FERNANDES, 2008).

O estudioso explica que, com esse cenário montado, tornava-se muito mais complexa a adaptação do negro ao novo modo de vida da cidade grande. Alie-se a isso a ausência de um programa do Estado para realocar, ensinar e inserir essa massa da população. Havia uma

competição enorme entre eles, além da injusta competição com o imigrante branco, mais bem preparado. Florestan Fernandes nos apresenta gráficos em que fica claro que o imigrante competiu, inclusive, com a população branca brasileira. Acostumados a poupar e vindos com o objetivo de “vencer”, os imigrantes trabalhavam arduamente e eram muito organizados, o que os fez despontarem rapidamente, em detrimento da população negra, desprovida de instrução e meios de competição.²¹

Nesta sociedade excludente, foram poucas as famílias negras que permaneceram coesas, pois eram advindas da “casa grande”, sabiam ler, escrever, fazer contas, possuíam amigos brancos e os ex-senhores os ajudavam com cargos públicos – mesmo que esses fossem inferiores aos dos brancos -, mas ofereciam maior segurança que os “negros do eito”. Essa família negra que sobressaiu soube se proteger do “parasitismo” de parentes e amigos e tomaram precauções para não ter sua imagem vinculada aos negros chamados de “não-ordeiros”. O casamento passou a ser uma distinção social e a mulher era destinada aos afazeres domésticos e o homem cuidava dela, dos filhos e atraía amigos selecionados para casa. Exatamente para não ter quebrada esta unidade, a ordenação familiar era extremamente rígida e o homem da casa tido como um déspota.

Assim, vimos que houve um abandono deliberado por parte das classes dominantes para não garantir uma melhor condição de vida aos negros após a abolição.

Segundo Chalhoub (2012), a perseguição aos negros com mecanismos de controle – as leis – foi apenas para satisfazer os interesses econômicos da classe dominante, mas que acabaram aumentando as desigualdades. A política urbana de prefeitos como Pereira Passos, que demoliu cortiços e favelas e perseguiu desempregados, foi outra forma adotada para empurrar negros e pobres para os arredores da cidade, com a desculpa de que o insucesso na inserção social desses indivíduos fossem deles mesmos, os negros (CHALHOUB, 2012).

2.3 O Negro em Outras Obras Literárias da Época

As inúmeras obras literárias do período, onde o negro é tema central ou secundário, não tem a inovação, a crítica e a denúncia social de Lima. Os escritores ainda se encontram presos na forma, na linguagem e, principalmente, na descrição do negro. Apenas para

²¹Ao negro, principalmente o homem, restou pequenos serviços como entregador, cocheiro e outros que o colocavam sempre como inferior. O “negro ordeiro” seguia esse caminho, mas os que se revoltavam praticavam furtos e roubos ocasionais, exploração de amantes, mendicância etc. Ou o negro se conformava em ser um serviçal muito inferior ou se revoltava, passando a ser visto como preguiçoso ou praticante de “vagabundagem sistemática”. (FERNANDES, 2006, p. 166-169).

demonstrar quão inovador foi Lima Barreto na análise social contida em *Clara dos Anjos*, citaremos algumas obras e autores dessa época.

Contudo, cumpre ressaltar, antes, um livro contundente e que antecede a geração de Lima Barreto. Trata-se de *O mulato*, de Aluísio Azevedo, que é de 1881 e marca o início do Naturalismo na literatura brasileira. Aborda o preconceito contra negros na sociedade do Maranhão, mostrando o amor proibido entre um negro, Raimundo, e Rosa, sua prima branca. Porém, ali ainda se vê uma sensualidade no personagem principal. Foi um livro tão controverso e criticado, que obrigou Azevedo a se mudar para o Rio de Janeiro devido às ameaças (PROENÇA, 2004).

Euclides da Cunha (1968)²², escreveu na mesma época de Lima Barreto, foi um dos precursores do Pré-Modernismo e também não fugiu ao pensamento evolucionista da época, pois acreditava que existiam gradações de desenvolvimento da “raça” e quando raças diferentes se encontram, as dominantes se impõem sobre as mais fracas. Seguindo uma narrativa jornalística, o escritor registrou muitos de seus pensamentos e convicções no livro.

Mesmo elogiando o sertanejo mestiço em muitas partes do livro, ele passa a entrar em contradição quando fala da superioridade. Ele escreve *Os Sertões* em 1902, um grande e importante romance Pré-Modernista, onde registra esse tipo de pensamento ao dizer que o sertanejo nordestino errou ao se isolar, pois prejudicou sua formação e evolução ao não ter contato com raças superiores. Reforça esse pensamento ao afirmar que a mestiçagem no Brasil era causa do retrocesso.

A mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial. Ante as conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o produto o influxo de uma raça superior, despontam vivíssimos estigmas da inferior. A mestiçagem extremada é um retrocesso. O indo-europeu, o negro e o brasílio-guarani ou o tapuia, exprimem estádios evolutivos que se fronteam, e o cruzamento, sobre obliterar as qualidades preeminentes do primeiro, é um estimulante à revivescência dos atributos primitivos dos últimos. De sorte que o mestiço – traço de união entre raças, breve existência individual em que se comprimem esforços seculares – é, quase sempre, um desequilibrado. (CUNHA, 1968, p. 82).

²² Euclides da Cunha tem uma importância imprescindível para a literatura e, como vimos com SEVCENKO (1995) e CÂNDIDO (2006), para o pensamento social brasileiro. Mas, há que se destacar que seu livro está repleto de pensamentos evolucionistas. Ao mesmo tempo em que os aborda de modo depreciativo, logo adiante ele procura minimizar essas palavras. Mas, efetivamente, prega que a única forma do negro evoluir seria misturando seu sangue com o do branco. (CUNHA, 1968).

Avançando para 1914, temos a obra *O rei negro*, de Coelho Neto²³. Conta a história de Macambira, escravo de uma fazenda que goza de algumas regalias entre seus senhores. É obrigado a se casar com a mulata Lúcia, que dá à luz um filho branco e logo depois vem a falecer. Por conta da cor da criança, Macambira descobre que a esposa fora estuprada por Júlio, filho do seu senhor. Revoltado, o escravo foge, planeja por muito tempo e executa a vingança: mata Júlio com uma punhalada no peito. Há neste livro uma originalidade na escrita, com uma linguagem coloquial. Mas aqui o negro permanece em papel secundário e ressalta seu lado vingativo.

Menotti Del Picchia escreve *Juca Mulato* em 1917. De acordo com Alfredo Bosi, Juca Mulato é um poema telúrico e sertanista, onde o caboclo Juca, trabalhador de uma fazenda, vive em comunhão com a natureza. Mas é um homem que “cisma” com tudo, sendo que o autor traduz isso como um gênio triste da raça. Uma “cisma” que apenas passa a crescer depois que flagra a filha da patroa a admirá-lo (BOSI, 1994).

Lino Guedes é outro autor que dedicou obras à temática negra, citando aqui a obra *O canto do cisne preto*, de 1926, que é um poema onde o povo negro é o personagem principal de sua obra. Segundo Petrônio Domingues (2010), no livro que escreveu sobre Lino Guedes, ele que era filho de ex-escravos e militante do movimento negro, teve como ideia recorrente que um comportamento moral exemplar é necessário para que a aceitação do negro seja maior por parte da sociedade branca. Isso fez com que a poesia de Lino Guedes se mostrasse singela.

Monteiro Lobato²⁴ aborda temas poucos comuns para a época, como a segregação entre brancos e negros, assim como diferenças entre homem e mulher. Sua obra *O presidente negro*, de 1926, relata que, num futuro distante, um negro é eleito presidente dos Estados Unidos. Uma fórmula magistral criada por brancos e que “desencarapinhava” cabelos dos negros era aplicada por raios ômega. Uma correria de negros se sucede para ter acesso a essa fórmula, onde todos saem de cabelos lisos. Ocorre que esses raios ômega esterilizavam quem

²³Coelho Neto fez uma linda homenagem a Lima Barreto após a sua morte, num artigo em jornal. Mas, na verdade, foi um grande desafeto de Lima. Segundo o biógrafo Assis BARBOSA, Lima relatou em suas anotações que, num domingo, vestiu seu melhor traje e foi visitar Coelho. Chegando lá, a criada disse que o patrão não estava; ocorre que, tempos depois, descobriu a verdade, que Coelho se recusou a recebê-lo. Esse é apenas um dos exemplos da discriminação social que Lima sofreu, pois ele sabia que isso estava ligado à cor e condição social. (2002, p. 263-264).

²⁴Monteiro Lobato foi um dos grandes amigos de Lima Barreto. Ele o ajudou em diversas situações, mais ligadas à penúria financeira, sendo que custeou algumas publicações de seus livros, pois acreditava no talento do escritor. Eles mantiveram intensa e respeitosa correspondência até a morte de Lima Barreto, em 1922. (BARBOSA, 2002, p. 169).

a eles se submetesse, ou seja, não haveria mais futuro para a raça negra. De acordo com artigo publicado por Domício Proença Filho (2004), há um preconceito velado nessa obra.

Em 1928 temos Jorge de Lima, muito criticado por falar “sobre” os negros e não “dos” negros. Há somente exaltação sobre aspectos físicos, culturais, religiosos, mas quase sempre apegado ao que já vinham escrevendo. Em relação à mulher negra, ele a chama de sedutora, destruidora de lares, devassa. Domício Proença Filho (2004) diz, também, que não se encontra nas biografias de Jorge de Lima referências de que fosse fruto de mestiçagem, mas os relatos de que era pardo vem de todos que com ele conviveram, além de sua aparência dizer isso. Proença (2004) acredita que o próprio Jorge de Lima apagou essas referências, em pura negação à própria cor. Ele escreveu *Essa negra fulô*, um poema que mostra a negra de forma erotizada, dando continuidade ao que o colonizador sempre pensou. Além disso, fala dos desígnios da negra de cuidar de sinhás, dos seus filhos, de ser mera serviçal dos brancos.

Ora, se deu que chegou
 (isso já faz muito tempo)
 no banguê dum meu avô
 uma negra bonitinha,
 chamada negra Fulô.
 Essa negra Fulô! Essa negra Fulô!
 Ó Fulô! Ó Fulô!
 (Era a fala da Sinhá)
 - Vai forrar a minha cama,
 pentear os meus cabelos,
 vem ajudar a tirar a minha roupa, Fulô! (LIMA,
 1928, não paginado).

Já em *Poemas da Negra*, de Mário de Andrade, surge em 1929, onde exalta a beleza irresistível da mulher negra e descreve seus desejos por ela, indo ao encontro do que já faziam muitos escritores. Um ano antes o autor já havia lançado a excepcional obra *Macunaíma*, onde o herói, de mesmo nome, tem caráter torto, nasce preto e vira branco.²⁵

Assim, podemos dizer que Lima Barreto foi um dos primeiros pensadores sociais do Brasil, no que tange à temática negra. Trouxe à reflexão do leitor, de forma crua, um problema social que era comum no início do Século XX, mas que pensadores, sociólogos e

²⁵ A intenção de citar o grande escritor Mario de Andrade é mostrar que, mesmo entre alguns modernistas, o pensamento de antigos escritores em relação ao negro, permaneceu.

escritores do período ainda insistiam em não mostrar de forma tão contundente. Assim, o autor inaugura com a obra *Clara dos Anjos* o retrato de um desajuste social grave que reverberaria por muitas décadas e, principalmente, mostra a mulher negra de uma perspectiva humanizada e real. E, mais ainda, Lima Barreto inova e surpreende ao colocar como protagonista, dentro de um romance urbano, uma menina negra, ingênua e que vive à margem da sociedade. E, ao final, não reserva para a protagonista piedade nem floreios: o autor tristemente nos revela que o destino das pessoas negras é padecer da impossibilidade de viver com dignidade. Paralelo à trama pessoal da jovem, Lima descreve um subúrbio repleto de pobreza e exclusão, tecendo as mais sinceras análises sobre as diferenças sociais entre os que foram contemplados pelo Estado e os que foram esquecidos.

A obra tem um cunho moderno e ousado, pois lança como protagonista uma menina negra, ingênua, delicada e tímida dentro de uma cidade grande, tendo um branco de classe social superior como antagonista. Trata de um problema social relevante e realista, sendo que difere em muito dos autores e pensadores sociais de sua geração, ainda com resquícios do pensamento que sobreveio com a monarquia. Sendo inquietante pensador social, Lima leva o leitor a refletir sobre uma realidade posta naquele momento e para a qual a sociedade não se importava. E com esse relato áspero de desfecho aviltante, ele não quis apenas denunciar, mas provocar uma reflexão para que houvesse uma transformação social.

Lima Barreto, sendo um autor negro, faz da literatura uma arma para tecer críticas à sociedade que se negava a incluir o negro como contribuinte na formação cultural, social e econômica do Brasil. Como eram poucos os negros alfabetizados, infere-se que Lima faz a denúncia social com o intuito de modificar o pensamento de quem a recepcionará, ou seja, a sociedade branca que ainda vivencia e age com bases em um pensamento escravocrata. E, com o desfecho trágico da obra, o autor tem como foco chocar a sociedade aristocrática para, então, causar uma mudança social nessa fragosa e infame realidade das jovens negras expurgadas para os subúrbios.

Na obra não se encontra apenas a discussão do drama pessoal de Clara, mas um atento olhar questionador sobre as condições em que vivia a população marginalizada. O subúrbio da grande cidade é retratado com riqueza de detalhes e, fazendo contraponto com a parte mais amparada da cidade, o escritor insere uma contundente crítica social. Também ressaltamos que Lima, sendo jornalista e tendo grande contato com a mídia da época, optou por se dedicar a um romance para analisar o drama social da jovem negra. As consequências dessa escolha fazem com que a obra, mesmo proscrita por tantas décadas, continue a ter seu lugar assegurado como pioneira na retração do drama da mulher negra no Brasil.

2.4 O personagem sempre presente: A cidade

A inserção do Brasil na modernidade foi um dos assuntos mais abordados nas obras de Lima Barreto. Se os personagens nos mostram dramas mais complexos que discutem relações de poder, educação, espaço da mulher, racismo, agressão sexual etc., a cidade foi para ele muito importante, pois nela se encontra uma fratura social que ficou exposta nesta transição. E Lima Barreto foi na contramão dos que festejavam o “progresso” e nos mostrou muitas das grandes contradições que vieram na Primeira República.

De acordo com Maria Cristina Machado (2002, p. 92), a obra *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* é a que mais representa o *locus* da modernidade, que é a cidade. Sabemos que a literatura de Lima Barreto constrói-se junto com a cidade com a cidade do Rio de Janeiro, em uma espécie de metamorfose, onde a escrita e a cidade se aglutinam. Mas, em *Gonzaga de Sá*, a cidade é uma protagonista poderosa que nos mostra muitas nuances da modernidade.

Na obra o escritor se empenha em nos mostrar as mudanças da cidade, mas não apenas isso. Também encontramos ali seu primeiro alter ego da obra, Gonzaga de Sá, um funcionário público que se sente preso e infeliz em suas funções burocráticas, assim como era o escritor.

Para Osman Lins, o título nos mostra que “a antítese vida/morte ecoa na obra [...] através da hesitação que notamos entre o ato de pensar (vida) e a ausência de pensamento (morte).” (LINS, 1976, p. 115). Isso porque a modernidade apartou o pobre de ser incluído neste projeto de transformação e o olhar dos protagonistas sobre essa cidade nos revela muitas dessas antíteses que se apresentavam nessa transição entre o velho e o novo; entre refletir sobre esses problemas e encontrar uma forma de elaborar uma luta ou se calar.

Narrada pelo jovem Augusto Machado, de 25 anos, que é o segundo alter ego do escritor e que surge para contar a biografia de Gonzaga de Sá, de mais de 60 anos, a obra faz um passeio pelo Rio de Janeiro e os protagonistas, como dois *flâneurs*, nos mostram as transformações da metrópole e as visões diferentes entre os personagens. Segundo Machado (2002), Lima Barreto faz uma construção que mescla em que a vida da cidade e suas configurações no espaço urbano, nos conduzem a entender a vida, a história e a cultura dessa cidade. E, nos passeios entre o centro e os subúrbios, Gonzaga de Sá “se nutre da história e do espaço da cidade.” (2002, p. 115). É dessa forma que a obra é “fundamentalmente um conjunto de meditações sobre o destino humano.” (2002, p. 114).

Na obra, fica evidente a separação que existe entre as ambiências e os espaços percorridos pelos personagens que, ao dialogarem, descrevem as diferenças físicas da cidade,

assim como as diferenças sociais. Existem lugares frequentados pela população mais abastada e a descrição dos lugares mais simples, onde estava ilhada a população que foi expulsa do centro para povoar os subúrbios, assim como ocorre em *Clara dos Anjos* e *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. Porém, nestes dois últimos romances, o escritor fica mais contido nos subúrbios, enquanto em *Gonzaga de Sá* ele transita mais fluidamente pelos dois espaços, o modernizado e contemplado pela infraestrutura do Estado, e os subúrbios, onde o desamparo é latente. Por isso essa obra se torna tão importante para compreendermos as ambivalências que vieram com a modernidade.

Segundo Sevcenko (1995), no início do Século XX houve um abandono completo do povo, seja no campo ou nas cidades, e este seria o aspecto mais dramático da cena republicana. A atenção de Lima Barreto se volta à cidade, “onde o quadro se tornava ainda mais chocante, visto que a miséria geral da população contrastava vivamente com os palácios, avenidas, parques e jardins da Regeneração.” (SEVCENKO, 1995, p. 187). E em *Gonzaga de Sá*, de acordo com Osman Lins (1976, p. 76), Lima Barreto desejava que os protagonistas tivessem em si a angústia sobre o valor da vida que se esvai nessa transformação que não contempla todos os cidadãos inseridos na cidade, por isso a tensão constante entre vida/morte.

A projeção degradada, se assim podemos dizer, do contraste vida/morte, a mais próxima da nossa experiência ordinária, vai por fim manifestar-se no tema dual, também contrastante, da luta e da capitulação. Com isso a concepção da obra assume um caráter decididamente humano, abrangendo o intemporal e o histórico, o espiritual e o material. Não se contenta em questionar os problemas-limite do ser humano no mundo; cerra a objetiva e enfoca a inserção do indivíduo na sociedade. (LINS, 1976, p. 116).

Gonzaga de Sá representa o pretérito, é aquele que recorda com melancolia a cidade que conheceu e valores que estão se perdendo. O jovem Machado é o presente e o futuro, que não tem a mesma visão de cidade, portanto será conduzindo por *Gonzaga de Sá* para que perceba como essas modificações foram impactantes. Eles vão à Tijuca, onde explica que ali estavam chácaras pertencentes à aristocracia; Botafogo, que sofre de especulação imobiliária e recebe os benefícios de ser servida por bondes e outras benfeitorias. Passam pela Fazenda Real e Pedregulho e observam a paisagem suburbana sem infraestrutura, que Machado julga desoladora, onde tem que caminhar longas distâncias. Em quase todas as idas nesse caminhar aos subúrbios, eles param nos botequins para tomar cerveja e, de acordo com Chalhoub (2012, p. 114), o botequim era o centro que aglutinava e difundia informações, o melhor local para conhecer os subúrbios e entender a dinâmica que ali se desenrolava.

Para Ángel Rama (2015, p. 97), as diversas mutações ocorridas nas cidades contribuíram para instabilidades, perda de espaço, a conquista do futuro. “A cidade começou a viver para um imprevisível amanhã e deixou de viver o ontem nostálgico e identificador. Difícil situação para os cidadãos. Sua experiência cotidiana foi de estranhamento”.

Sobre todas essas transformações físicas e sociais, Lima Barreto fez inúmeras críticas e reflexões. Uma das críticas que o escritor fazia era no tocante ao endeusamento que a elite branca tecia a outras cidades do exterior, sem levar em conta nossa realidade. Por exemplo, no artigo *O Rio civiliza-se*, o escritor fala da obsessão que a aristocracia tem com Buenos Aires, desejosos que o Rio se transformasse, branqueasse e copiasse a capital da Argentina:

A grande cidade do Prata tem um milhão de habitantes; a capital argentina tem longas ruas retas; a capital argentina não tem pretos; portanto, meus senhores, o Rio de Janeiro, cortado de montanhas, deve ter largas ruas retas; o Rio de Janeiro, num país de três ou quatro grandes cidades, precisa ter um milhão; o Rio de Janeiro, capital de um país que recebeu durante quase três séculos milhões de pretos, não deve ter pretos. (BARRETO, 1956, p. 82-83).

Gonzaga, ao levar o jovem amigo ao Valongo e à Saúde, busca ensinar os leitores sobre as particularidades existentes dentro do Rio de Janeiro, como se fossem outras cidades dentro da cidade, desconstruindo o que as autoridades, no processo de modernização, tentavam esconder. Em *Histórias das ruas do Rio de Janeiro...*, Brasil Gerson diz que Valongo e Saúde eram bairros predominantemente de moradores negros: o primeiro, no período colonial e parte do império, foi mercado de compra e venda de escravos; o segundo era um reduto de “capoeiragem.” (GERSON, 2000, p. 142-151).

Em *Feiras e Mafuás*, de 1922, o escritor reuniu diversas crônicas que mostram como as feiras livres nos subúrbios colocaram produtor e consumidor mais próximos. Não apenas compra-se e vende-se de tudo, de animais a hortaliças e legumes, mas há ali uma dimensão cultural importante, mostrando como as relações são construídas longe dos grandes centros. Dessa forma, o escritor retrata como um etnógrafo muitas particularidades que faziam parte do crescimento dos subúrbios, que havia um fomento econômico e social onde milhares de pessoas davam sua contribuição.

Nesses bairros a exclusão chama a atenção de Augusto Machado, como se o passeio fosse pedagógico, e por isso Lima Barreto frisava como era importante esse caminhar à pé pela cidade, pois só assim a conheceríamos de verdade, sem a velocidade dos bondes que deixavam passar particularidades importantes. Mas também ali nos mostra muito da movimentação da cidade e como ela se constrói. Na crônica *A estação*, de 1921, mostra a vida

no subúrbio, trazendo ali problemas sociais semelhantes ao que havia na vida do escritor, como as diferenças sociais, as conversas, o comércio, onde tudo se realiza no entorno da estação.

Gonzaga de Sá, o velho, ensina Augusto Machado, o jovem, que a modernização que estava em curso era excludente e que “enfeitar” o centro da cidade foi apenas um modo de ocultar graves problemas sociais e, com isso, o fosso social entre ricos e pobres só aumentou.

Existe nos diálogos dos dois personagens as diferenças entre o velho e o jovem Rio de Janeiro, mostrando uma cidade repleta de rompimentos sociais e, ao mesmo tempo, de rearranjos na tentativa de sobreviver à modernização imposta pelos governantes.

A *sensibilidade sociológica* da obra está em constatar que esse rompimento da cidade com o passado e com sua história, sem que se elaborasse e se corrigisse os erros de outrora, seria um entrave para o crescimento. Ao retratar uma elite burocrata que permanecia insensível às diferenças sociais e culturais do seu povo, incapaz de enxergar nossas tradições e nossa identidade, Lima Barreto nos mostra um descolamento de difícil resgate entre os políticos e seu povo. Para o escritor, a cidade nunca seria completa sem a incorporação dos subúrbios, sendo que com os moradores dos subúrbios que encontramos a verdadeira identidade nacional.

CAPÍTULO 3 – AS MULHERES POR LIMA BARRETO

A Primeira República (1890-1930) não modificou a condição da mulher – seja branca ou negra, ela obteve poucos avanços. Obviamente a mulher branca de condição superior tinha uma vida infinitamente melhor que a da mulher negra. Mas a sua condição também foi alvo de Lima Barreto em diversas crônicas e obras.

Na obra *Numa e Ninfa* relata o drama de Edgarda, mulher branca de boa condição financeira, mas que vive na mais completa infelicidade em um casamento.

Aqui vamos trazer obra *Triste fim de Policarpo Quaresma*, obra conhecida pelas análises no campo político e a crítica que o escritor tece ao excesso de patriotismo do protagonista, bem como ao governo de Floriano Peixoto, que classifica de cruel e tirano. Porém, pretendemos mostrar que há uma riqueza de análises do campo feminino, em que o escritor desnuda qual o papel que coube a mulher nessa nova sociedade em transformação. Com Adelaide, Ismênia, dona Maricota e Olga, Lima Barreto nos mostra quatro retratos bem diferentes e, ao mesmo tempo, com muitas similitudes.

Se a Primeira República era sinônimo de evolução e modernização, a vida da *mulher* pouco se transformou. Com essas quatro personagens, o escritor se volta a criticar o reducionismo do universo feminino, o patriarcado e que somente por meio da educação viria a liberdade feminina.

Na análise da obra *Clara dos Anjos*, vemos que Primeira República trouxe modernização, mas também fez com que colocassem em prática a ideia de higienização, para que o ar europeu e civilizado se instaurasse em definitivo no país. Nesta nova conformação social não cabiam tolerâncias aos hábitos da população mais vulnerável. Então, tudo relacionado à chaga da pobreza passou a ser repellido e perseguido: as modinhas (um tipo de música), a capoeira, a religião de matriz africana, o jogo do bicho, a mendicância, o vício, as festas populares e até o fato de não usarem sapatos passou a ser reprimido (CHALHOUB, 2012).

Casarões antigos que serviam de morada dos pobres, assim como os cortiços, eram demolidos com a desculpa de eliminação de doenças e pragas (CARVALHO, 1987). A instauração da República não permitiria que a “nova” cidade pudesse ser identificada com o antigo, com a pobreza e com a vergonha da escravidão; tudo isso precisava ser afastado, e o respaldo para justificar essas ações viriam com as teorias raciais.

Como o trabalho forçado havia chegado ao fim, a nova ordem burguesa estudava meios de instaurar processos disciplinadores nessa enorme população de negros recém-libertos. A

aceleração da urbanização fez com que a migração da população negra e pobre, vindas das fazendas do interior, fosse atraída às capitais, que ficaram abarrotadas (CARVALHO, 1987).

Essa população sem a devida qualificação teve que se submeter a mecanismos de controle, com severa repressão amparada por leis, onde usavam o trabalho como uma referência de moralidade necessária para ser um cidadão “de bem” (CHALHOUB, 2012).

Em *Condições femininas e formas de violência...*, Raquel Soihet (1989) diz que com a mulher também não houve amenização às reprimendas e as que fossem encontradas no centro da cidade sem um ofício deveriam primar por um comportamento aos moldes da nova ordem. Caso contrário, eram levadas à delegacia.

Para Soihet (1989), o ápice desse processo violento contra a população negra e, em especial, contra as mulheres, se deu no governo do Prefeito Pereira Passos (1902-1906). Segundo a autora, “O Código Penal, o complexo judiciário e a ação policial eram os recursos utilizados pelo sistema vigente a fim de disciplinar, controlar e estabelecer normas para as mulheres de segmentos populares.” (SOIHET, 1989, p. 384).

É neste contexto que Lima Barreto começa a escrever *Clara dos Anjos*, em 1904. A última obra escrita por Lima Barreto é a que mais lhe tomou tempo, pois ficou com ela na gaveta, entre idas e vindas, por 18 anos. *Clara dos Anjos* nos mostra o drama de uma jovem negra vítima de agressão sexual. Diferente das mulheres abordadas em Policarpo Quaresma, que eram de classe mais abastada, nesta obra a menina é muito pobre, negra, moradora do subúrbio, e é seduzida, deflorada e abandonada grávida por seu agressor Cassi Jones, homem branco de condição superior a dela.

A família de Clara é moradora do subúrbio, hoje conhecido como favela, sem nenhuma infraestrutura. Lima Barreto faz críticas importantes, que buscamos suscitar aqui, sobre o mundo ao redor dessa jovem, abandonada pelo Estado e pela sociedade branca.

3.1 Mulher Branca - Educação e Casamento

A situação da mulher na Primeira República pouco havia mudado desde a monarquia. O país rumava ao progresso, mas a questão de gênero permaneceu um tabu que, em termos de direitos civis, praticamente não se rompia. Mesmo a República sendo representada, simbolicamente, por uma figura feminina, isto pouca influência teve nas conquistas civis das mulheres.

O uso da alegoria feminina se baseava em um sistema de interpretação do mundo do qual a república era apenas parte, embora importante. Na escala

dos valores positivistas, em primeiro lugar vinha a humanidade, seguida pela pátria e pela família. A república era a forma ideal de organização da pátria. A mulher representava idealmente a humanidade [...] A mulher era quem melhor representava esse sentimento, daí ser ela o símbolo ideal para a humanidade. (CARVALHO, 1989, p.81).

Carvalho (1987) diz, ainda, que essa representação do feminino era tão importante para os positivistas que Comte fez questão de especificar o tipo feminino que deveria representar a humanidade: uma mulher de trinta anos, sustentando um filho nos braços.

De acordo com Câmara Furtado (2003), Hannah Arendt, em *A condição humana*, separa a vida em esfera privada e esfera pública. Ela recorre a Grécia antiga para nos explicar que o espaço privado era o local onde o chefe da família imperava com poderes quase despóticos; onde mulheres, crianças e escravos viviam para satisfazer o chefe da família.

Para a autora, o espaço privado era o espaço da subordinação, onde havia opressão e também violência. Assim, não era possível se atingir a liberdade e a igualdade na esfera privada por se tratar de um fenômeno pré-político; isso seria possível somente depois de vencida essa barreira, alcançando a liberdade na esfera pública. As reflexões levantadas por Arendt nos permitem compreender porque incluíam as mulheres e os problemas relacionados a elas no âmbito privado (FURTADO, 2003).

As raízes da inferioridade da mulher foram construídas por séculos e, segundo Soihet (1989), fermentou e ganhou forças na filosofia iluminista:

Constituem-se as mulheres, de acordo com a maioria dos filósofos iluministas, no ser da paixão, da imaginação, não do conceito. Não seriam capazes de invenção e, mesmo quando passíveis de ter acesso à literatura e a determinadas ciências, estariam excluídas da genialidade. A beleza atributo desse sexo era incompatível com as faculdades nobres, figurando o elogio do caráter de uma mulher como a prova de sua fealdade. (SOIETH, 1997, p. 9).

Ainda de acordo com Soihet (1989) a mulher deveria ser limitada a cumprir papéis específicos, pois a inferioridade da razão não poderia ser contestada, cabendo a ela os afazeres do lar, a obediência ao marido, a fidelidade e o cuidado com a prole. No que concerne à educação, as mulheres poderiam, no máximo, cursar as escolas normais, que as preparariam para viverem o mundo doméstico; por outro lado, os homens poderiam ingressar no curso secundário almejando o ensino superior (1989).

A educação prosseguiu sendo a mesma, com muitas limitações para que a mulher prosseguisse sendo a extensão do homem:

Na história do nosso país, herdeiro da cultura lusa, a mulher também conquistou tardiamente o direito de escolarizar-se. Após a Independência, buscando inserir o Brasil no mundo moderno, foram surgindo escolas fundadas tanto por ordens religiosas quanto por leigos. Contudo, havia um maior número de escolas para meninos do que para meninas. Além disso, existia também uma diferenciação nos currículos: nas escolas primárias masculinas, ensinavam-se a leitura, a escrita e conhecimentos de aritmética, geografia e línguas; nas femininas, ensinavam-se as primeiras letras, gramática portuguesa e francesa, os “trabalhos de agulha”, a música, o canto e a dança. (ROCHA-COUTINHO, 1994, p.80).

E no final do Século XIX poucos avanços ocorreram nos direitos da mulher. Na esfera pública a igualdade não havia chegado, pois às mulheres ainda eram reservados somente os papéis de filha, esposa, dona-de-casa e mãe; só poderiam sair acompanhadas de algum parente ou do marido; trabalhos eram pouquíssimos e necessitavam de autorização de familiares ou do marido.

Maluf; Mott (2002) mostram que o comportamento feminino no período se transformou juntamente com a *belle époque*. A forma adotada de romances de folhetins e revistas, trouxe crônicas e capítulos de livros que levariam não apenas informação variada, mais rápida e diversão, mas um conhecimento sobre o que ocorria em outros países e que as fariam refletir sobre sua condição.

Diante da variedade de questionamentos, experiências e linguagens tão novas que as cidades passaram a sintetizar, intelectuais de ambos os sexos elegerem como legítimos responsáveis pela suposta corrosão da ordem social a quebra de costumes, as inovações nas rotinas das mulheres, principalmente, as modificações nas relações entre homens e mulheres. (MALUF; MOTT, 1998, p. 371-372).

Cabe a ressalva da pouca alfabetização em geral, ainda mais acentuada à mulher, o que fez persistir as diferenças de gênero. Mas, para Meyer (1996), alguns fatores driblariam essa dificuldade de acesso por não serem alfabetizadas, fazendo com que os folhetins tivessem uma disseminação diferenciada entre as mulheres no início do Século XX: as famílias extensas que contavam com muitos serviçais, as habitações populares coletivas, cortiços e vilas operárias, aliado ao fato do país ter se formado pelos padrões da oralidade, teriam um efeito multiplicador importante nessa disseminação.

Essas mudanças, ainda que sutis, não passaram despercebidas pelos conservadores, que usaram a própria imprensa para continuar moldando as mulheres, criando cartilhas de como agir e vestir; reafirmando que o papel da mulher deveria ser de filha, esposa, dona-de-casa e mãe e o trabalho voltado somente para o lar.

Para Buitoni (1981, p. 28-29) a imprensa voltada às mulheres no final do Século XIX estava em duas direções opostas: uma tradicional, que afirmava que a mulher deveria permanecer no espaço privado do lar, desenvolvendo suas potencialidades de dona-de-casa e sendo feminina; a outra imprensa era progressista e enfrentava grandes batalhas nas lutas pelo direito da mulher, em especial à educação. Muitas revistas femininas surgiram para formar mulheres aos moldes conservadores, sendo que apenas em 1914 foi criada e fundada por mulheres a Revista Feminina, que abarcava assuntos mais diversos, inclusive filosofia, mas com objetivo financeiro (2003).

Outra mudança importante com o advento da Primeira República foi o Decreto 181, de 24 de janeiro de 1890, depois confirmado com a Constituição em 24 de fevereiro de 1891, que regulamentava o casamento civil, pois antes era necessário somente o religioso. Aos poucos, o Estado assume a função de regulador, que antes era da Igreja, passando esta última a ter papel secundário nos enlacs. Segundo Sousa (2007), o casamento ficaria bem mais oneroso com tantas exigências e burocracias que deveriam ser cumpridas e, por conta disso, muitos viveriam à margem, em união estável sem o conhecimento oficial do Estado. O importante a se observar é que “o casamento civil introduz a interferência do Estado na regulamentação da família, inserindo nelas as relações civis entre seus membros.” (SOUSA, 2007, p. 149).

De acordo com Maluf e Mott (2002), as três primeiras décadas do Século XX foram de grandes desafios, pois as mulheres foram desumanizadas como sujeitos históricos pelo Estado, pela Igreja e pela imprensa conservadora. Isso porque a forma como foi construída a República não considerava a mulher como cidadã, mas apenas o homem: é de forma excludente que as leis são construídas, tanto para mulheres como para outros cidadãos igualmente alijados (CARVALHO, 1987).

Um exemplo dessa desumanização da mulher viria em 1916, com o Código Civil. Houve uma imensa expectativa pela regulamentação do Código Civil, pois, em várias frentes, os avanços civis seriam um marco. Porém, no tocante à mulher, quase nada se modificou. O Estado que nasceu com a Primeira República não ofereceu grandes mudanças e o poder da Igreja ainda era forte, além do avanço das teorias raciais que colocavam a mulher como inferior. Neste contexto, a vida da mulher se resumia em torno do casamento:

Ao observar as ambições da mulher brasileira na virada do século verificamos que o matrimônio constituía o objetivo primeiro, ou talvez, o único de sua vida. Desde a infância, era socializada para tomar-se dependente. Para integrar a sociedade, precisava ostentar o título de Senhora Fulana de Tal. Só assim adquiria *status*. O casamento lhe era proposto como o único assunto sobre o que deveria pensar, a via pela qual desempenhava

sua função social mais importante: a de esposa e mãe. (VASCONCELLOS, 1992, p. 71, grifos da autora).

Diante de tamanha limitação para a mulher, o *Código Civil* apenas regulamentou o que já existia, classificando as pessoas pela capacidade: incapaz, capacidade relativa e capacidade plena. Dos 16 aos 21 anos a mulher era relativamente capaz e, se permanecesse solteira, a mulher teria a capacidade plena após 21 anos. Porém, se a mulher se casasse após os 21 anos, independente do regime matrimonial, ficaria subordinada ao marido (considerado pelo Código como cabeça do casal), retrocedendo à capacidade relativa. Então ela não podia exercer autonomamente os seus direitos civis, inclusive quanto aos seus bens exclusivos (por exemplo, dote, regime de separação de bens), nem trabalhar ou prestar concursos, pois dependia da autorização do marido, que assinaria a documentação (BRASIL, 1916).

Por esse Código, com o casamento, a mulher perdia sua capacidade civil plena, ou seja, não poderia mais praticar, sem consentimento do marido, inúmeros atos que praticaria sendo maior de idade e solteira. Deixava de ser civilmente capaz para se tornar, “relativamente incapaz”. Enfim, esse Código Civil regulava e legitimava a hierarquia de gênero e o lugar subalterno da mulher dentro do casamento civil. (BARSTED; GARCEZ, 1999, p.17).

Atento ao seu entorno, Lima Barreto não deixou de trazer suas reflexões sobre a realidade da mulher naquele momento. Nas crônicas, tirou proveito do fato de ser jornalista para tecer críticas às condições a que eram submetidas as mulheres.

Na crônica *Quereis encontrar marido? Aprende!*, de 1919, diz “Mulher não é, no nosso direito, cidadão. Está sempre em estado de menoridade.” (BARRETO, 1995, p. 147-151). E, nos romances, o universo ficcional feminino do escritor é rico, composto de personagens muito variados entre si, que representam camadas diferentes do estrato social e cultural do início do século, mas atrelando a cada uma delas a condição de limitação que lhes era imposta pela sociedade da época.

Trazemos aqui algumas das mulheres descritas em sua obra *O triste fim de Policarpo Quaresma*, como forma de explicitar as preocupações do escritor com as condições em que se encontrava a mulher na sociedade.

Segundo Engel (2009), Lima Barreto consegue articular questões como relações de gênero, de dominação, de raça e condição social, revelando profunda sensibilidade e apreendendo as mulheres sempre no plural e nunca isoladamente. A estudiosa diz que, dessa

forma, suas obras nos permitem observar as relações de poder entre mulheres ricas e pobres, negras ou mulatas e brancas, patroas e empregadas, etc.

Lima Barreto não abordou em apenas uma obra a condição da mulher no que concerne à educação e ao casamento. Em *Clara dos Anjos* conta a história de uma menina com pouca instrução, reflexo também da família em que nasceu, com mãe igualmente sem instrução e como isso acarreta uma enorme tragédia. A mãe da menina, dona Engrácia, não tem instrução, e sua vida se resume em servir ao marido, cuidar da casa e da filha. Mas, na mesma obra, há dona Margarida, uma mulher viúva que se sustenta, tem posicionamentos firmes, mora sozinha e, em sua independência (para uma mulher da periferia), vemos que é uma mulher extremamente forte e combativa.

Em *Numa Ninfa*, o escritor traz uma mulher que é o oposto de Clara, mas igualmente submissa. Edgarda é branca, da alta sociedade, frequentou o melhor colégio e, assim como qualquer outra mulher da periferia, encontra-se presa e infeliz em um casamento.

Para uma melhor análise das mulheres e suas relações com o casamento e a educação, escolhemos uma obra mais importantes do escritor, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, que começou a ser publicada em folhetins em 1911, pelo *Jornal do Commercio*, sendo que a publicação em livro viria somente em 1915.

Nessa obra encontramos uma riqueza de personagens femininos que mostram muitas contradições e dificuldades às quais as mulheres estavam submetidas na época. A história do Major Quaresma, que encarna de forma extremada a imagem do patriota e nacionalista, tem mulheres muito interessantes que absorveram de formas diferenciadas os papéis impostos pela sociedade burguesa, como casamento e educação. O casamento é um marco importante na obra, sendo que Lima Barreto trará quatro personagens femininas que se encontram em situações distintas ao que a sociedade esperava delas.

Adelaide é a irmã mais velha de Policarpo Quaresma. Mulher educada com pouco convívio externo e baixa instrução, o que a fez dependente do pai e, com a morte dele, dependente do irmão Policarpo. Aqui a crítica de Lima Barreto é que, a uma mulher sem marido nem filhos, restava o dever monástico de cuidar de outros membros da família. Ao mesmo tempo o autor expõe a baixa instrução de Adelaide comparada a de Policarpo, o que também mostra o machismo estrutural.

Nos casos como os de Adelaide, restavam poucas alternativas, pois ela necessitaria de um marido para se manter ou dependeria da família para sempre, pois as opções de trabalho formal eram quase nulas, já que ela tinha pouca instrução. E, se não tivesse uma família que a

amparasse, seu destino seria viver de trabalhos que não exigissem qualificação (lavadeiras, por exemplo) ou até mesmo a prostituição (ENGEL, 2009).

Uma das poucas profissões permitidas à mulher era o magistério, pois ainda era um ambiente público paralelo de fácil controle, frequentado apenas por mulheres e que era desempenhado em apenas um turno, permitindo que elas continuassem a desempenhar seus afazeres domésticos como filhas, esposas, mães, donas-de-casa (LOURO, 2002). Por isso é tão importante para Lima Barreto trazer esse universo feminino em suas obras, esses temores e imposições sociais que tanto limitavam a mulher.

Outro núcleo importante da trama em Policarpo Quaresma é o formado pela matriarca Dona Maricota e suas filhas Ismênia e Olga. A filha Ismênia tem personalidade frágil e representa a mulher que tem o matrimônio como sonho maior. Abandonada no altar, fica depressiva e comete suicídio. Ismênia resume em si as aspirações impostas e construídas para a mulher, e não realmente os seus desejos. O escritor diz que a personagem era incapaz de um sentimento mais profundo que exigisse dela energia física e mental. Era, assim, facilmente moldada pelo que a sociedade esperava dela, pois desde criança ouvia que, quando cassasse, tudo seria melhor. E a jovem só pensava em se casar. E Ismênia não amava o noivo – amava a ideia de se casar.

De acordo com Vasconcellos (1992, p. 73), que escreveu *A mulher* na obra de Lima Barreto, “o estado civil da mulher era preocupação constante de família e até do grupo social a que pertencia. Não havia como obrigá-la a casar-se. Existia, sim, um processo de educação e socialização que a induzia a pensar que permanecer solteira era vergonhoso”.

Fica claro que a personagem se importa mais com o que os outros vão pensar de uma mulher sem casamento, do que com o que ela pensa disso. Este anseio de Ismênia pelo casamento, Lima Barreto nos mostra ser inculcado socialmente e fermentado por um desconhecimento das próprias potencialidades que poderia desenvolver. Como diz Vasconcellos (1992, p. 76) “O narrador de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* mostra ser o casamento uma obrigação, um dever. Era tão importante para a sociedade da época que extrapolava a esfera da proteção dos pais para com o destino econômico de suas filhas”.

O escritor traz críticas à educação colocada para a mulher, assim como ocorre com Adelaide. Falta à Ismênia a força para lutar contra essas imposições sociais, o que poderia vir com educação e conhecimento, pois menciona que ela não tinha o hábito da leitura, da curiosidade, passando o dia deitada pensando apenas no casamento.

O desuso do cérebro a que a sociedade condenara a mulher, negando-se a instruí-la, seria o responsável pela menor evolução verificada das capacidades mentais femininas. Ora, se a desigualdade de capacidades intelectuais entre os sexos se devia a fatores de caráter histórico, a mulher não estava condenada a persistir na ignorância e, portanto, na inferioridade mental e social. A solução encontrava-se na educação feminina, capaz de permitir uma recuperação do atraso a que esteve sujeita. (SAFFIOTI, 1976, p. 206).

A mãe, dona Maricota, encontra-se em um papel intermediário entre Adelaide e Ismênia. Ela desempenha o típico papel que se espera de uma mãe naquele período e, com isso, cria sua identidade: a de mulher casada que se ocupa com o marido, as filhas, os afazeres do lar. Há, nessa identidade encontrada, muito orgulho do que construiu – a família – e do que representa à sociedade – um baluarte dos mais valorosos princípios familiares.

Como diz Margareth Rago (1985, p. 65), na obra *Do Cabaré ao Lar...*, o discurso das teorias higienistas também se voltou sobre o papel da mulher na sociedade, sendo que ela deveria se manter apenas como a “guardiã do lar”, já que sua realização ficaria constricta às realizações dos filhos e do marido. Então todas as preocupações de dona Maricota com as filhas, o lar e o marido, mostram um dos tipos de mulher do período que Lima Barreto quis retratar.

Na obra *Policarpo Quaresma*, o ápice da personalidade feminina encontra-se em Olga. Para Lima Barreto, as mulheres deveriam ser como Olga. A jovem era a filha do major Quaresma, de personalidade doce e delicada; poderia enganar à primeira vista já que, na verdade, se mostra firme, audaciosa e rebelde. Desde menina sentia-se diferente, gostava muito de ler, escrever e estudar, o que, segundo o escritor, contribuiria para que Olga tivesse uma curiosidade que a faria rebelde. Casa-se com Armando sem amá-lo, por conveniência da família e porque é isso que a sociedade espera dela. Mas, diferente das mulheres do seu tempo, se insurge contra o marido, tomando atitudes e fazendo reflexões que não eram as esperadas pelas mulheres.

O casamento entre Olga e Ricardo, para Carlos Nelson Coutinho tem muita força:

O encontro e a ligação desses dois personagens [Olga e Ricardo], simbolizando a aliança entre a “plenitude limitada” das camadas populares e a revolta contra a alienação, não é uma simples casualidade: expressa-se aqui, de modo concretamente estético, a visão de mundo de Lima Barreto. Olga e Ricardo, com efeito, significam para o romancista alternativas concretas à mesquinha atmosfera burocrática que dissolve miseravelmente a humanidade dos homens. (COUTINHO, 1972, p. 52).

Segundo Vasconcellos (1992), as obras de Lima Barreto não acolhem as relações amorosas que, via de regra, são mal sucedidas. À mulher que se refugiava no casamento restava a frustração, pois era uma continuidade de uma relação de submissão. É dessa forma que o escritor nos mostra ter consciência de que, na instituição casamento, não havia ganhos à mulher. Para a estudiosa, Lima Barreto “soube perceber que o matrimônio era, muitas vezes, uma cínica troca de interesses, em que o amor entre os cônjuges pouco valia.” (VASCONCELLOS, 1992, p. 78).

Portanto, a diferença entre as personagens Adelaide, Maricota, Ismênia e Olga, repousa na educação mais apurada de Olga e em sua rebeldia nata, pois é dessa forma que ela consegue enfrentar a sociedade que tanto oprimia as mulheres. E o autor nos mostra que o casamento não é salvo-conduto para a felicidade, mas esta também não está garantida se ela ficar solteira, pois lhe restará servir a algum parente. Os caminhos da mulher estavam bloqueados e, para o escritor, a educação seria uma ferramenta importante de libertação, como ocorre com a Olga.

Como já dissemos, em outras obras o escritor segue abordando os malefícios infligidos às mulheres sob o jugo do patriarcado, como ocorre com Edgarda, em Numa e Ninfa, e com Clara e Engrácia, em Clara dos Anjos. Nestas obras, resguardadas as diferenças sociais, há uma nítida intervenção do escritor sobre a educação diferenciada que traz tantos prejuízos à libertação da mulher e ao casamento que as aprisiona.

3.2 Agressão Sexual à mulher negra

Lima Barreto levou 18 anos para trazer Clara dos Anjos às páginas de um livro. Em seu Diário Íntimo confessa, em 1904, que o sonho dele era fazer uma grande obra que desdobrasse em outras. Segundo Beatriz Resende,

No projeto inicial, a história de Clara deveria se desdobrar em outras, com gerações se sucedendo. Nessa sequência, que se estenderia no tempo, a narrativa pretendia toma tons épicos que a aproxima de outra proposta, a de um *Germinal negro*, anotada nos escritos do diário de janeiro de 1905. (BARRETO, 2012, p. 09).

A vida turbulenta do escritor, com intenações, problemas financeiros, familiares e dificuldades de publicação, fizeram com que Clara dos Anjos nunca fosse publicada em vida. Somente em 1922 ela terminou de escrevê-la e, mesmo assim, o escritor não chegou a ver sua publicação, que aconteceu somente em 1948, pela Editora Mérito.

A história de Clara, vítima de racismo e agressão sexual, traz à baila um assunto que sempre esteve na mira do escritor. Em suas publicações enquanto jornalista, Lima já se mostrava vigilante em relação à violência infligida contra as mulheres, contra as quais os assassinatos, seguidos de absolvição dos culpados, eram corriqueiros.

De acordo com Beatriz Resende, Lima Barreto fez a mais comovente das defesas das mulheres em 27 de janeiro de 1915, no artigo: Não as matem. O artigo foi publicado em *A lanterna*, um periódico anarquista fundado por Benjamin Mota, cuja temática principal era o anticlericanismo. Lima Barreto finaliza o artigo com a forte expressão: “Deixem as mulheres amar à vontade. Não as matem, pelo amor de Deus.” (BARRETO, 1995, p. 99-102). E em 1918, Lima Barreto volta a se indignar no mesmo periódico *A lanterna*: “Lavar a honra matando? Não me cansarei nunca de protestar e acusar esses vagabundos matadores de mulheres. A mulher não é propriedade nossa e ela está no seu pleno direito de dizer donde lhe vem os filhos.” (BARRETO, 2016, p. 18).

A escritora Conceição Evaristo (2009), no ensaio *Questão de pele para além da pele*, critica a pouca aparição de personagens negros na literatura nacional e que, quando surgem, não têm papel de destaque positivo, são coadjuvantes ou antagonistas – o que faz reforçar a invisibilidade desses indivíduos. Para a ensaísta, isso se deve ao fato de que os escritores expoentes da nossa literatura até o Século XIX eram nascidos em famílias donas de escravos e que, para eles, o negro era somente mais um objeto a ser usado, era um corpo escravo. Isso poderia explicar, por exemplo, a forte presença indígena na tríade indianista *O guarani* (1857), *Iracema* (1865), e *Ubirajara* (1874), obras do escritor José de Alencar (1829-1877).

A obra de Lima Barreto surpreende por trazer uma protagonista negra que em tudo difere de como eram retratadas as mulheres negras em obras literárias da época. A personagem Clara resume em si a triste condição da menina negra vítima de preconceito racial e agressão sexual. Se antes, em inúmeras obras da nossa literatura, a negra é mostrada com uma série de atributos negativos - sensual, voluptuosa, lasciva, irresponsável, amoral -, aqui ela é doce, ingênua, inocente. O diferencial que Lima traz neste romance é a tentativa evidente de romper com obras que traziam a lascívia da mulher negra, sendo que até o título do livro torna-se um evidente divisor: a Clara, que na verdade é negra, e o dos Anjos, que remete ao puro e angelical. Lima Barreto ousa mais uma vez, pois conta a história dessa menina negra que sofre agressão sexual de um homem branco.

Abdias Nascimento avança ao dizer que no Brasil o estupro das mulheres negras era, também, uma forma de implementar o branqueamento da nação:

Para a solução deste grande problema- a ameaça da "mancha negra" -já vimos que um dos recursos utilizados foi o estupro da mulher negra pelos brancos da sociedade dominante, originando os produtos de sangue misto: o mulato, o pardo, o moreno, o pardavasco, o homem-de-cor, o fusco, [...]. O crime de violação cometido contra a mulher negra pelo homem branco continuou como prática normal através das gerações. (NASCIMENTO, 1978, p. 69).

É assim que a obra de Lima Barreto se torna importante, pois denuncia que essa prática de perseguição dos homens brancos aos corpos das mulheres negras prosseguiu após a abolição. A protagonista Clara, objeto de nossa investigação, surge frágil, tímida e desprotegida, fruto de sua educação limitadora. Na descrição do romance ela é de personalidade “amorfa”, “pastosa” e “de poder reduzido de pensar”. Filha do carteiro Joaquim e da dona de casa Engrácia, fora educada para ser a extensão do pai, quando solteira, e extensão do marido, quando casada. Assim já antevemos a análise de Lima Barreto, imbuída da crítica à educação que não libertava essas moças. Segundo Nascimento (1979, p. 61), “o Brasil herdou de Portugal a estrutura patriarcal de família e o preço dessa herança foi pago pela mulher negra, não só durante a escravidão.”

3.3 Cuidados com a Retratação da mulher negra

Em suas publicações enquanto jornalista, Lima já se mostrava vigilante em relação à violência infligida contra as mulheres, onde os assassinatos, seguidos de absolvição dos culpados, eram corriqueiros.

Na última obra do escritor, Clara dos Anjos, cabe um destaque para a forma como o escritor a retratou. Jovem negra, vítima de sedução, Clara poderia ser algumas das moças que o escritor viu crescer no subúrbio em que morava. E na obra ele tem muito cuidado em sua apresentação. Clara surge frágil, tímida e desprotegida, fruto de sua educação limitadora. Na descrição do romance ela é de personalidade “amorfa”, “pastosa” e “de poder reduzido de pensar”. Filha do carteiro Joaquim e da dona de casa Engrácia, fora educada para ser a extensão do pai, quando solteira, e extensão do marido, quando casada. Assim já antevemos a análise de Lima Barreto, imbuída da crítica à educação que não libertava essas moças.

A personagem Clara resume em si condição da menina negra vítima de preconceito racial e agressão sexual. Se antes, em inúmeras obras da nossa literatura, a negra era mostrada com uma série de atributos negativos - sensual, voluptuosa, lasciva, irresponsável, amoral -, aqui ela é doce, ingênua, inocente.

Lima Barreto nos mostra que Clara era uma menina comum, educada para casar, que fugia de todos os estereótipos com que os brancos viam as negras: “[...] fora criada com o recato e os mimos que, na sua condição, talvez lhe fossem prejudiciais” (BARRETO, 2016, p. 124). O termo *prejudiciais*, aqui, refere-se novamente à criação recebida que não a protegeria do mundo.

A primeira descrição física de Clara surge na página 124: “[...] Puxava a ambos os pais. O carteiro era pardo-claro, mas com cabelo ruim, como se diz; a mulher, porém, apesar de mais escura, tinha o cabelo liso. Na tez, a filha tirava ao pai; e no cabelo, à mãe.” (BARRETO, 2016, p. 124).

Em toda a obra existe um imenso cuidado de Lima Barreto ao descrever a jovem Clara. Há somente três passagens em que o termo *mulatinha* é usado: só aparece com o amigo do pai e padrinho de Clara, Marramaque; depois com a mãe do antagonista, Cassi Jones, dona Salustiana – sempre ao se referir às moças que “se perdem”. Na terceira e última vez que o termo é usado, sai este dos pensamentos da própria protagonista, já deflorada, grávida e abandonada, que reflete sobre o que toda a gente pensará dela: “[...] Ora, uma mulatinha, filha de um carteiro”. Lima Barreto, ciente que *mulata* é depreciativo, cercou-se desse desvelo na construção da sua protagonista. De acordo com etimólogo Antenor Nascentes, o termo *mulato* vem de mula, animal híbrido do cruzamento de cavalo com jumenta, ou de jumento com égua. (NASCENTES, 1955, p. 346).²⁶

Para corroborar com o quanto Lima Barreto se ressentia do uso desse termo, na biografia de Assis Barbosa há o relato de um amigo íntimo dele, feito ao biógrafo, que estava o escritor com seus amigos numa noite carnavalesca e, de repente, fez-se taciturno, retirou-se apressadamente e enfurecido. Dias depois, Lima Barreto confessaria a este amigo, que estava no grupo, o motivo da sua retirada intempestiva. É porque tocavam um rancho em que as pessoas se divertiam a cantar a música de moda: “*Vem cá, mulata! Não vou lá não.* [...] Aquilo – disse Lima ao amigo – penetrou-me nos ouvidos como um insulto. Lembrei-me de minha mãe. O convite canalha parecia dirigido a ela.” (BARBOSA, 2012, p. 234-235).

Mesmo Lima Barreto tecendo críticas à despersonalização da moça, culpa da educação recebida, vemos que o desvelo de Lima para com sua protagonista era verdadeiro e fruto de algum incômodo que vinha de sua vida pessoal. Clara se mostra um alter ego do escritor: negra, oprimida, moradora do subúrbio. Assim, a construção da personagem ingênua e apática,

²⁶ Nascentes explica que o termo tem origem espanhola, constando do Dicionário da Real Academia de Etimologia da Espanha: “*De mulo, em el sentido de animal híbrido, aplicado primero a cualquier mestizo.*” (1955, p. 346).

que num primeiro momento pode se mostrar afrontosa para leitores desavisados, em verdade nos mostra que o escritor a cercou de um grande cuidado, sem deixar de denunciar que essa apatia era fruto de uma condição social afrontosa, como veremos.

3.4 A História de Clara dos Anjos

O romance começa com a história de Clara, uma jovem que é superprotegida pela mãe, Dona Engrácia, com o intuito de obter um bom casamento já que nada mais restava a quem nascia pobre e negra. Dona Engrácia é a típica mãe negra do período: desprovida de iniciativa e limitando-se a mera extensão do marido. E com essa mãe muito protetora e ingênua, que desconhecia quais valores passar à filha, que Clara recebe sua criação. Assim, “era tratada pelos pais com muito desvelo, recato e carinho; e, a não ser com a mãe ou o pai, só saía com dona Margarida, uma viúva muito séria que morava nas vizinhanças e ensinava a Clara bordados e costuras.” (p. 72).

A personagem Clara sempre é mostrada de forma apática, pálida, de poucas expressões, de certo modo tristonha e absorta em seus pensamentos. Isso reflete claramente a situação de uma educação aos moldes patriarcais e, ao mesmo tempo, a situação dos excluídos do período, que não detinham forças de bradar por nada e que se resignavam na condição infligida por uma sociedade dominadora e que os empurravam ainda mais para esse estado de fragilidade e conformismo.

Lima Barreto retrata que os pais de Clara, passivos, não colaboraram para mostrar a essa menina uma educação que a preparasse para mais do que se casar. Diz que “a mãe não tinha caráter, no bom sentido, para o fazer; limitava-se a vigiá-la caninamente” (BARRETO, 2016, p. 217). O pai “devido aos seus afazeres, passava a maioria do tempo longe dela.”. Esses pais dão à menina Clara uma educação nos moldes de suas limitações. E daí descreve que a mãe “não sabia apontar, comentar exemplos e fatos, que iluminassem a consciência da filha e a reforçassem o seu caráter, de modo que ela mesma pudesse resistir aos perigos que corria.” (BARRETO, 2016, p. 220).

Engrácia era obcecada por Clara e a queria todo o tempo junto de si, mas sem nunca conversar com a menina, não esclarecia sobre as maldades do mundo, sobre seus deveres de mulher e de moça (BARRETO, 2016, p. 221). Aqui vemos que essa educação simbiótica não deixou a menina amadurecer; essa proteção extremada não permitiu que ela tivesse contato com a sua realidade, de que era humilde e negra. Então, ela vivia a sonhar. Com esse tipo de

criação, Clara passava os dias a sonhar, absorta em um mundo em que havia violas e serestas. Para essa menina o mundo não tinha muito de sério. E diz Lima, em reflexão:

Cada um de nós, por mais humilde que seja, tem que meditar, durante a sua vida, sobre os angustiosos mistérios da Morte, para poder responder cabalmente, se o tivermos que o fazer, sobre o emprego que demos a nossa existência. Não havia, em Clara, a representação, já não exata, mas aproximada, de sua individualidade social; e, concomitantemente, nenhum desejo de elevar-se, de reagir contra essa representação. (BARRETO, 2012, p. 217).

Do outro lado da trama, temos o sedutor Cassi Jones, jovem branco, ruivo, de boa aparência, nada afeito ao trabalho, amante de briga de galos, tocador de violão, apreciador de *modinhas*²⁷ e exímio sedutor de moças pobres e ingênuas. E, fazendo uso de uma linguagem inovadora, é assim que o escritor faz uma das descrições de Cassi Jones:

Cassi Jones era um rapaz de pouco menos de trinta anos, branco, sardento, insignificante de rosto e de corpo; e, conquanto fosse conhecido consumado “modinhoso”, além de o ser também por outras façanhas verdadeiramente ignóbeis, não tinha as melenas da *virtuose* do violão, nem outro qualquer traço de capadócio. Vestia-se seriamente, segundo as modas da rua do Ouvidor; mas, pelo apuro forçado e o *degagé* suburbanos, as suas roupas chamavam a atenção dos outros, que teimavam em descobrir aquele aperfeiçoadíssimo “Brandão”, das margens da Central, que lhe talhava roupas. A única pelinragem, adequada ao seu mister, que apresentava, consistia em trazer o cabelo ensopado de óleo e repartido no alto da cabeça, dividido muito exatamente ao meio – a famosa “pastinha”. Não usava topete, nem bigode. O calçado era conforme a moda, mas com os aperfeiçoamentos exigidos por um elegante dos subúrbios, que encanta e seduz com seu irresistível violão. (BARRETO, 2012, p. 84-86).

Cassi Jones tem um pai até certo ponto correto, já que tenta interromper o caminho degradante do filho, mas que é sempre impedido por Dona Salustiana, a genitora, e acaba se conformando com a situação. Dona Salustiana é um exemplo cabal da sociedade vigente no início do século XX: pomposa e com ares de superioridade em relação a toda vizinhança, se gabava de ter estudado em famoso colégio interno que formava normalistas. Com irmão médico do exército, tendo estudado em colégio feminino renomado e dizendo a todos ter tido um parente que era *Lord* e que fez parte da Corte, disso se valia para exaltar a raça branca – para ela muito superior à negra -, fazendo com que repelisse qualquer possibilidade de

²⁷ Modinha é um estilo musical, trazido de Portugal, que permaneceu no Brasil até meados do Século XX. Era cantada com acompanhamento de violão, dispensando o cravo e o piano, fato que ajudou a popularizar a música. A modinha que fez com que Joaquim e Cassi Jones mantivessem contato. (BARRETO, 2012, p. 57).

miscigenação em sua família, posto que isso representaria a degeneração da nação. E Lima nos mostra que essa mulher:

[...] não era querida, nem prezada. Tinha fumaças de grande dama, de ser muito superior às outras pessoas de sua vizinhança e mesmo às dos seus conhecimentos. O seu orgulho provinha de duas fontes: a primeira, por ter irmão médico do Exército; e a segunda por ter andado no Colégio das Irmãs Caridade. (BARRETO, 2012, p. 88).

Fazendo este paralelo inicial entre as duas famílias, Lima Barreto vai delineando o que deseja mostrar em sua obra, qual seja, os conflitos e tensões entre duas sociedades distintas, uma que se conforma e se acovarda em sua pequenez e outra que se move e se agiganta em sua hipocrisia.

E é se valendo dessa mãe de valores tortos que Cassi Jones empreende e aperfeiçoa seu passatempo favorito, que é o de seduzir e deflorar negras jovens e de origem humilde. Sem resquício algum de escrúpulo ou piedade, o jovem passa a vida bambeando entre os vícios em jogatins e defloração de moças.

[...] o senhor Cassi Jones, de tão pouca idade, relativamente, contava perto de dez defloramentos e a sedução de muito maior número de mulheres casadas. Todas essas proezas eram quase sempre seguidas de escândalo, nos jornais, nas delegacias, nas pretorias; mas ele, pela boca dos seus advogados, injuriando as suas vítimas, empregando os mais ignóbeis meios de prova de sua inocência, no ato incriminado, conseguia livrar-se do casamento forçado. (BARRETO, 2012, p. 88).

Uma das moças seduzidas é expulsa de casa e obrigada a trabalhar em bordéis, outra se suicida, uma casada é morta pelo marido. E Lima Barreto descortina o ultraje social dessa prática tão comum no período quando expõe que as jovens defloradas eram expulsas de suas casas, já que se tornavam motivo de imensa vergonha para a família e todo o bairro. A vergonha que tal defloramento em uma família acarretava fica claro quando do episódio de uma de suas vítimas, a Inês. Quando a mãe da moça descobre que não haverá casamento e sua filha estará desgraçada para sempre, se suicida tomando veneno.

E mesmo com esses acontecimentos permeando a família de Dona Salustiana, nada a demove do fato de não permitir que o filho contraia matrimônio com uma de suas vítimas, tudo por conta da condição humilde e da cor da pele. Para ela, as moças eram as culpadas. Aqui Lima volta a marcar que a sociedade branca não se modificou após a escravidão, permaneceu inerte quanto à vulnerabilidade das jovens negras.

Quando a polícia, ou os responsáveis pelas vítimas, pais, irmãos, tutores, ponham-se em campo para processá-lo convenientemente, ele corria à mãe, dona Salustiana, chorando e jurando a sua inocência, asseverando que a tal fulana – qualquer das vítimas – já estava perdida, por esse ou por aquele; que fora uma cilada que lhe armaram, para encobrir um mal feito por outrem, e por o saberem de boa família etc. etc. (BARRETO, 2012, p. 86).

Aliado a isso, o autor descreve uma polícia branca, omissa e conivente que, mesmo a lei obrigando o casamento de moças que fossem defloradas com seu sedutor, nada era feito. E, alegava, isso era algo corriqueiro e que não demandava forte reprimenda, já que as vítimas eram sempre humildes, negras e sem influência na sociedade. Quando muito, detinham Cassi Jones por uma noite para, em seguida, a mãe ir ao seu socorro. Delineia-se, então, toda uma sociedade que se armou na autoproteção dos membros: a elite branca, cruel, hipócrita e em condição social superior.

Um personagem que se torna importante na trama é Meneses, o dentista da família de Clara. Vive quase sempre embriagado, passa por dificuldades financeiras e, como quase todos os personagens do subúrbio, é infeliz e frágil, talvez ingênuo. A sua importância na trama é porque se torna responsável por intermediar os bilhetes de sedução entre Clara e Cassi. Ele cai na lãbia de Cassi, faz a ponte entre o casal e é assim que a sedução avança.

Marramaque, padrinho de Clara e melhor amigo da família, tenta, tardiamente, interromper o caminho de caçador de Cassi Jones. No desenrolar da trama, ele sempre lança diálogos para que a moça entenda o perigo que corre: “Marramaque parecia-lhe seu inimigo. Sempre que podia, contava-lhe mais uma proeza, mais uma falcatrua de Cassi, não lhe cansava o assunto.” (BARRETO, 2016, p. 220).

Clara, por outro lado, tinha vontade de dizer o que pensava, que Cassi era muito rico, porque para comprar a polícia e a justiça sem ser preso é para os ricos. “Se ele fosse condenado pela metade dos crimes que o senhor lhe atribuiu, estaria na cadeia, por mais de trinta anos.” (BARRETO, 2016, p. 220). E Marramaque continuava a alertar com palavras sobre “mulatinhas que se perdem”. Tentando avançar mais a fundo, para barrar a aviltante sedução que cercava sua afilhada, Marramaque é esfaqueado e morto por Cassi. A única esperança de salvação da menina sucumbe ao malévolo *Don Juan*.

No triste relato que nos revela o autor, por alguns momentos tentamos pegar essa jovem pura e inocente pelas mãos para salvá-la de seu algoz, tal a assertiva de que este perpetrará com êxito seu objetivo macabro. E eis que isso sucede e a jovem Clara é seduzida, deflorada e abandonada. Na tentativa desesperada de um reparo do defloramento, a mãe e a filha seguem para a casa de Cassi Jones, onde são recebidas pela genitora Salustiana. Com

palavras duras e vis, a mãe as expulsa aos berros, culpando a moça por sua própria desgraça: “- *Engraçadas essas sujeitas! Queixam-se de que abusaram delas... É sempre a mesma cantiga... Por acaso, meu filho as amarra, as amordaça, as ameaça com faca e revolver? Não. A culpa é delas, só delas.*”, sendo este o pensamento social na época. (BARRETO, 2016, p. 292).

Somente neste momento final do livro, com mãe e filha abandonadas na desgraça, é que Clara deixa de ser a menina amorfa e insipiente, ao bradar, com imensa indignação: “- *Mamãe, mamãe!... Nós não somos nada nessa vida!*” (BARRETO, 2016, p. 294).

No deslinde de todo o livro, podemos ver com clareza a divisão de uma sociedade entre brancos/ricos de um lado e negros/pobres do outro. O que mais surpreende é que Lima Barreto dá um salto na análise - que poderia ser a mais simplista - para deixar claro que, inobstante a desgraça que permeia os alijados, está ali a falta grave da clivagem que os acomete: os pais desprotegeram a inocente Clara ao não darem a ela uma educação que a alertasse sobre os malefícios do mundo, da sociedade branca e de predadores como Cassi Jones.

O escritor nos mostrou uma visão totalmente diferenciada do que, até então, era abordado pela literatura da época. Mostrou a menina Clara de forma humanizada, como poderia ser qualquer menina branca, não fosse a condição social. Mesmo em um ambiente de exclusão e pobreza, fora criada com esmero e recato e que em nada se assemelha ao que havia sido plantado no imaginário dos leitores até aquele momento.

A narrativa, propositadamente, tem o tom maniqueísta. O escritor quer evidenciar duas realidades paralelas e distintas que, quando se cruzam, inescapavelmente o negro e o pobre saem delas lesados e humilhados. Por isso não há tranquilidade na trama, já que o narrador interfere o tempo todo para nos dizer a verdade. E também não há escape algum para Cassi Jones: por mais que ele tente se fazer de bom moço - muito bem vestido, educado, sem vício no álcool e “bem nascido” - o narrador surge para demoli-lo e desnudar toda covardia que inflige contra inúmeras moças e contra a jovem Clara.

No campo econômico, vemos que no refúgio dos civilizados as pessoas tem emprego fixo, são funcionários públicos, militar de patente mediana, pessoas a caminho de galgar degraus e melhorarem de vida. Já no refúgio dos infelizes as pessoas vivem de modo diverso do que se pregava do país rumo ao “progresso”, pois sobrevivem totalmente alheios às ideias modernizadoras. Fazendo mascates e sem formação adequada, vivem na penúria e na doença. Como os trabalhos são eventuais, não há consciência da acumulação e da mudança que isso poderia causar em suas vidas.

O narrador interfere para criticar o Estado que é omissivo, mas sem deixar de criticar o morador ali inserido, já que, quando não trabalha, se dedica à vadiagem ou ao vício ou a ambos; critica muito a apatia que recai sobre eles, fazendo com que, quanto mais fustigados, mais imobilizados permanecem. Assim, vemos a crítica de que, depois da escravidão, essas pessoas foram abandonadas à própria sorte, sem que houvesse a menor preocupação de qualificá-las e conscientizá-las. Tornam-se pessoas inadaptadas, de ocupação incerta e aleatória (SCHWARZ, 2002, p. 254).

Na esfera barretiana os conflitos não surgem no ambiente doméstico ou familiar, as tramas e rearranjos encontram-se dissolvidos no campo público: os encontros sociais; a descoberta dos defloramentos de Cassi pelos jornais; as brigas; as rinhas de galo etc. Em Lima Barreto nada é solucionado, tudo se torna adiado ou empurrado para que alguma instituição resolva a situação: que a *polícia* prenda o rapaz, que a *justiça* o obrigue a contrair matrimônio ou que a *família* dele reconheça o erro e interrompa o caminho degradante do filho. Como nada se soluciona, vemos que sua crítica vem no sentido de que, na Primeira República, há uma convivência social estabelecida para essa finalidade, onde ao negro e pobre não há amparo possível nas instituições.

3.5 O Refúgio dos Infelizes e seus personagens

Antes de *Clara dos Anjos*, Lima Barreto já demonstrava preocupação com a moradia da população mais vulnerável. Morador do subúrbio, o escritor soube observar e escrever sobre essas difíceis condições de moradia. Se em *Policarpo Quaresma* já temos alguma construção, assim como em *Isaias Caminha* e *Numa e Ninfa*, nas crônicas e contos o escritor será mais impiedoso na crítica a esse tipo de moradia. Em *O Moleque*, *O filho de Gabriela*, *Miss Edith e seu tio*, *Variações* e *Uns e Outros*, já vemos importantes descrições das condições de moradia do cidadão excluído.

Mas em *Clara dos Anjos* o escritor surpreende na riquíssima descrição dos detalhes, tanto que o subúrbio descrito ganha contornos de personagem que quer nos dizer algo mais, onde os personagens são influenciados diretamente pelo espaço que habitam. O subúrbio é tão importante nesta obra que, dos 10 capítulos, apenas um não se passa no subúrbio; além de um dos capítulos ser dedicado exclusivamente à descrição das moradias, ruas, comércios, transporte e toda falta de infraestrutura que ele possui.

Cabe ressaltar que Lima Barreto não inova ao trazer o *subúrbio* para a literatura, pois outras obras já haviam feito isso, como *Lucíola*, de José de Alencar, que é de 1862, onde

temos o personagem Sá, que mora em um subúrbio. Outra obra que nos revela o subúrbio é *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, que é de 1889 e mostra que Bentinho também mora em um subúrbio, o Engenho Novo. A diferença é que o subúrbio retratado nessas obras é aquele rural, composto de chácaras, onde moravam famílias ricas como as de Bentinho e de Sá. O que Lima Barreto nos mostra é que a reforma do Prefeito Pereira Passos (1902-1906) fez uma inversão, trazendo o rico para a cidade e levando o pobre para os subúrbios.

Outra obra importante, *O Cortiço*, de Aloísio Azevedo, que é de 1890, nos mostra o cortiço no centro da cidade e nos dá uma noção de como era viver nesse tipo de moradia que foi destruída com o processo republicano e a nova ordem burguesa. Se a intenção de Pereira Passos era acabar com a situação de moradias insalubres no centro da cidade, Lima Barreto nos mostra que ele apenas transferiu e agravou o problema, pois as moradias insalubres migraram para os subúrbios e passaram a margear as linhas de trem ou subir os morros. Por isso o escritor diz que essas mudanças tinham muito de alegoria, eram teatrais.

A obra *Clara dos Anjos* torna-se um dos mais fiéis retratos do subúrbio do Rio de Janeiro do início do Século XX. O termo “refúgio dos infelizes” é usado por Lima para se referir ao local onde mora a menina Clara com seus pais, bem como seu entorno. O autor cita os casebres que margeiam os trens da Central e toda exclusão que permeia o subúrbio. O escritor faz uma descrição minuciosa do espaço urbano e de seus personagens, tal como um etnógrafo, detalhando cada um deles – as relações sociais, os costumes, a riqueza cultural, a descrição dos casebres, as jogatinas etc.

Pelas primeiras horas da manhã, de todas as bibocas, alforjas, trilhos, morros, travessas, grotas, ruas, sai gente, que se encaminha para a estação mais próxima; alguns morando mais longe, em Inhaúma, em Caxambi, em Jacarepaguá, perdem amor a alguns níqueis e tomam bondes que chegam cheios às estações. Esse movimento dura até às dez horas da manhã e há toda uma população de certo ponto da cidade no número dos que nele tomam parte. São operários, pequenos empregados, militares de todas as patentes, inferiores de milícias prestantes, funcionários públicos e gente que, apesar de honesta, vive de pequenas transações, de dia a dia, em que ganha penosamente uns mil reis. *O subúrbio é o refúgio dos infelizes*. Os que perderam o emprego, as fortunas; os que faliram nos negócios, enfim, todos os que perderam a sua situação normal vão se aninhar lá; e todos os dias, bem cedo, lá descem à procura de amigos fiéis que os amparem, que lhes deem alguma coisa para o sustento seu e de seus filhos. (BARRETO, 2012, p. 30, grifo nosso).

Rômulo Mattos (2007) fez uma pesquisa sobre os subúrbios nas obras de Lima Barreto e diz que, em 1920, o censo informou os resultados referentes a 1910, quando existiam 2.500 moradias em condições de favela: casas cobertas de sapé, palhoças, barracões de madeira e

até mesmo verdadeiras tocas. O pesquisador diz que, a partir de 1920, o processo de favelização se intensificou de tal modo que se tornou multidirecional e incontrollável, sendo que um dos motivos foi a compra de terrenos pelo trabalhador, que passou a fazer a autoconstrução.

Ainda segundo Mattos,

Não foi sem razão que Lima Barreto passou a tratar essas moradias como sendo a representação por excelência da pobreza na capital, condição essa que, nos decênios anteriores, reservara às casas de cômodos – conforme é possível verificar *Memórias do Escrivão Isaias Caminha*, de 1909, e *Triste fim de Policarpo Quaresma*, publicado em folhetim em 1911 e editado em livro no ano de 1915. (MATTOS, 2007).

Na crônica *15 de novembro*, Lima Barreto já descreve que o privilegiado espaço litorâneo da cidade ficou reservado à elite, fazendo uma “depuração da área nobre da cidade de usos e populações não desejadas”. Por outro lado, diz o escritor que a elite lamentava as graves consequências da Primeira Guerra no Império Austríaco, mas não lamentava as condições em que viviam os moradores das favelas.

O livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, é o primeiro a nos mostrar o termo favela, se referindo a um tipo de arbusto do mesmo nome e muito comum naquela região do Nordeste onde ocorreu a Guerra de Canudos. Dessa forma explica Henrique Dias da Cruz:

A favela tem sua toponímia ligada à chamada “guerra de Canudos”. Terminara a luta na Baía. Regressavam as tropas que haviam dado combate e extinguiram o fanatismo de Antônio Conselheiro. Muitos soldados solteiros vieram acompanhados de “cabrochas”. Elas queriam ver a Côrte... Êsses soldados tiveram de arranjar moradas. Foram para o antigo morro de S. Diogo e, aí, armaram o seu lar. As “cabrochas” eram naturais de uma serra chamada Favela, no município de Monte Santo, naquele Estado. Falavam muito, sempre da sua Baía, do seu morro. E aí ficou a Favela nas terras cariocas. Os barracões foram aparecendo, um a um. Primeiro, na aba da Providência, morro em que já morava uma numerosa população; depois, foi subindo, virou para o outro lado, para o Livramento. Nascera a Favela. 1897. (CRUZ, 1941 p.14).

Para Queiroz Filho (2011), não restam dúvidas sobre a origem da palavra *favela*, pois vem mesmo do livro *Os Sertões*, sendo que a obra de Euclides da Cunha teve papel fundamental na divulgação e cristalização do termo.

O surgimento dos assentamentos urbanos precários, mostram as evidências, remete a uma conjunção de dois principais fatos: demolição do maior cortiço da cidade, o Cabeça de Porco, e a autorização para que militares construíssem barracões no morro de Santo Antônio. A denominação favela

ocorreria posteriormente, com a chegada dos ex-combatentes ao morro da Providência, re-batizado de Morro da Favela. Esse nome próprio se tornou substantivo, principalmente, pela ação de jornalistas e escritores, no qual se destaca Euclides da Cunha, que ajudaram a formar o imaginário coletivo sobre a favela. (QUEIROZ FILHO, 2011, p. 46).

Segundo Lícia Valladares (2005) o termo *favela* foi reconhecido pela primeira vez quando usado no Código de Obras do Rio de Janeiro, em 1937. Ainda segundo Valladares, estudiosos, escritores e jornalistas foram os responsáveis por difundir o tipo de vida que se levava nessas comunidades

Em pouco mais de uma década o escritor viu as favelas aumentarem substancialmente nos subúrbios e, por isso, o subúrbio se tornou um alvo de descrição tão importante para ele. Em *Clara dos Anjos* ele se mostra inconformado com as condições de moradia, afinal estava fazendo a retratação de um problema social que vivenciava todos os dias, pois ele mesmo morava no subúrbio.

De acordo com Mattos (2007), por volta de 1920 o jornal *O Correio da Manhã* intensifica seus ataques às habitações populares dos subúrbios (onde estavam as favelas), como um posicionamento contrário ao movimento operário. Segundo o estudioso, referido jornal era tido como um veículo de oposição política do Rio de Janeiro ao predomínio político das oligarquias, porém, por desavenças ao Presidente Epitácio Pessoa, começou a dar espaço às críticas aos moradores suburbanos. Lima Barreto, por ser conhecedor do meio jornalístico, inicia uma batalha contrária, elogiando os moradores das favelas (MATTOS, 2007).

Se o *Correio da Manhã* tecia ataques às favelas, seus barracões, casebres e, principalmente, seus moradores, Lima Barreto iria defendê-los. Não podemos nos esquecer da rusga antiga que havia entre o diretor de referido jornal, Edmundo Bittencourt, e o escritor: *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* havia sido escrito em 1909 e fazia duras críticas ao jornal e ao seu diretor. E, com esta desavença de mais de uma década, certo seria pensarmos que Lima Barreto sabia que poderia haver algo mais por detrás dessas investidas de Bittencourt contra os negros e operários.

O escritor segue na luta para mostrar como viviam os pobres nas favelas. A descrição da favela e os infortúnios que os moradores sofriam ficam evidentes quando retrata a rua da moradia de Clara e sua família:

A rua em que estava situada a sua casa desenvolvia-se no plano e, quando chovia, encharcava e ficava que nem um pântano; entretanto era povoada e se fazia caminho obrigado das margens da Central para a longínqua e habitada freguesia de Inhaúma. Carroções, carros, caminhões que, quase diariamente, andam por aquelas bandas a suprir retalhistas de gêneros que os

atacadistas lhes fornecessem, percorriam-na do começo ao fim, indicando que tal via pública devia merecer mais atenção da edilidade. (BARRETO, 2012, p. 65).

Aqui vemos a crítica social que o escritor faz à falta de atenção do poder público com esses moradores expurgados para lugares distantes, para serem esquecidos. Há a desconfortante descrição de casebres e choças, cobertas com restos de telhas, zinco, latas de fósforo e com paredes de barro com tábuas e bambus nos entremeios. O autor menciona doenças como a varíola, que se proliferava, assim como inúmeros animais abandonados que dividiam as ruas esburacadas com os transeuntes humildes. O caminhar nas ruas enlameadas, repleta de animais, carroças e água empoçada, mostra o abandono a que estavam submetidos: “Por esse intrincado labirinto de ruas e bibocas é que vive uma grande parte da população da cidade, a cuja existência o governo fecha os olhos, embora lhe cobre atrozes impostos, empregados em obras inúteis e suntuárias noutros pontos do Rio de Janeiro.” (BARRETO, 2016, p. 185).

Pela descrição que faz desse subúrbio, vemos que eles foram construídos seguindo a linha dotrem. Ali as pessoas são trabalhadoras que correm de um lado para o outro.

Dos bondes continuava a descer gente aos magotes, que se encaminhava apressadamente para a plataforma da estrada de ferro. Alguns iam tomar um café, antes de se encaminharem, definitivamente, para os “varais” da repartição; outros iam até às casas de “bicho” e deixavam lá o jogo; mas todos iam afinal trabalhar, fazer alguma coisa para ganhar dinheiro. (BARRETO, 2016, p. 192).

O entorno do antagonista da obra, Cassi Jones, é um subúrbio com infraestrutura, descrito como elegante. A rua era bem cuidada, limpa e calçada com paralelepípedos. Aqui vemos a crítica social aflorar, pois ao descrever a moradia da família de Cassi Jones, fica evidente a diferença social entre as duas comunidades. Assim, vemos que o escritor diferencia os bairros suburbanos, onde uns são mais bem estruturados, comparados àquele onde se insere a família de Clara.

O escritor diz que a casa de Cassi se encontra com ar totalmente urbano, em detrimento da moradia de Clara, “sub-urbana”. E que a rua de Cassi foi morada de pessoas famosas, como deputados e ministros. Resumindo, é uma rua que tem memória, algo que não ocorre onde Clara se encontra: o refúgio dos infelizes.

Assim, o subúrbio minuciosamente descrito por Lima Barreto não é mera representação para encaixar personagens; é parte ativa e essencial da obra, como se fosse

também um personagem, pois nele se encontra uma das melhores críticas ao desterro social daquela época. Vemos, dessa forma, a polarização que o pensador social Lima Barreto retrata: de um lado, a classe em ascensão em suas moradas seguras, com benfeitorias e com referências de grandes personalidades; do outro, a degradação, o esquecimento e o desamparo, que culminam em moradores infelizes, apáticos e sem consciência social.

A partir de uma extensa descrição suburbana, em que as críticas à exclusão desses desvalidos são pontuais, Lima Barreto começa a introduzir outros personagens típicos do subúrbio.

O pai de Clara, o carteiro Joaquim, “era homem de serestas e serenatas, mas gostava de modinhas” (BARRETO, 2012, p. 58). Aprendeu a tocar flauta em sua cidade natal, Diamantina, e “era tido por muitos como primeiro flautista do lugar” (BARRETO, 2012, p. 60), famoso na população. Mudando para a cidade grande, vira pajem de um geólogo e bom padrão para, em seguida, se casar. A tristeza de Joaquim é mostrada quando “toda sua ambição se cifrou em obter um emprego público que o sustentasse [...]”(BARRETO, 2012, p. 61).

A descrição de um personagem como Joaquim é importante, pois o escritor nos mostra o caráter desse homem, que é bondoso, porém ingênuo o suficiente para deixar que pessoas mal intencionadas, como o antagonista Cassi Jones, se aproximem de sua única filha.

Um dos traços mais simpáticos do caráter de Joaquim dos Anjos era a confiança que depositava nos outros, e a boa-fé. Ele não tinha, como diz o povo, malícia no coração. Não era inteligente, mas não era peço; não era sagaz, mas também não era tolo; entretanto, não podia desconfiar de ninguém, porque isso lhe fazia mal à consciência. Não se diga que, às vezes, não recebesse certos conhecimentos com reservas e cautelas; tal coisa, porém, era raro, e gracioso era estar já prevenido de antemão com o sujeito. E geral, fosse quem fosse, ele acolhia com simpatia, de braços abertos. Na sua simplicidade, a maldade, a má-fé, a perversidade, a duplicidade dos homens lhe pareciam coisas tão raras, tão difíceis de medrar numa criatura de Deus, que só topariam com elas os que lhes andassem à procura, para estudos e coleções. (BARRETO, 2016, p. 216).

Aqui vemos não somente uma descrição do Joaquim, mas também um reforço de que era ingênuo demais, que por ser simples, não enxergava a maldade das pessoas. E, por isso, Cassi Jones entrou na sua casa. Ambos tocavam violão e Cassi Jones começou a participar de modinhas e serestas na casa de Joaquim; quando começou a ter seus primeiros contatos com a jovem Clara. Fica implícito, e ao final muito claro, que essa ingenuidade afetara a educação de Clara. Lima Barreto, ao descrever a menina Clara diz: “era uma

natureza pastosa, amorfa, que precisava de mãos fortes que modelassem e fixassem.” (BARRETO, 2012, p. 219).

Um ponto importante a se destacar e que o escritor levanta em suas obras é a perseguição aos costumes religiosos dos que moram na favela. Segundo Sevcenko (1995), tudo que fosse relacionado à chaga da pobreza passa a ser perseguido por quem morasse no centro da cidade. Chamada de cultura da Regeneração, essa perseguição se fez à cultura, como festas populares, músicas, capoeira; bem como às religiões de matriz africana e candomblé.

Mas, morar no subúrbio era a liberdade para muitas dessas pessoas, além de sair do campo da abstração da Igreja Católica. No conto *O Moleque* Lima Barreto descreve:

Fogem para lá, sobretudo para seus morros e escuros arredores, aqueles que ainda querem cultivar a Divindade como seus avós. Nas suas redondezas, é o lugar das macumbas, das práticas de feitiçaria com que a teologia da polícia implica, pois não pode admitir nas nossas almas depósitos de crenças ancestrais. O espiritismo se mistura a eles e a sua difusão é pasmosa. A Igreja católica unicamente não satisfaz o nosso povo humilde. É quase abstrata para ele, teórica. Da divindade, não dá, apesar das imagens, de água benta e outros objetos do seu culto, nenhum sinal palpável, tangível de que ela está presente. O padre, para o grosso do povo, não se comunica no mal com ela; mas o médium, o feiticeiro, o macumbeiro, se não a recebem nos seus tranSES, recebem, entretanto, almas e espíritos que, por já não serem mais da terra, estão mais perto de Deus e participam um pouco da sua eterna e imensa sabedoria. (BARRETO, 2018, p. 41).

Voltando aos personagens, a esposa de Joaquim, Engrácia, também é retratada tristemente, como mera extensão do marido, sendo pacata e passiva. Sua vida se limitava ao lar, a cuidar do marido e criar e vigiar a menina. Clara tinha imensa proteção, sendo que só era permitido a ela sair de casa acompanhada de familiares ou da vizinha, a costureira Dona Margarida Weber. A educação da menina era esmerada, como a que teria qualquer moça branca: costurar, bordar, obedecer e todas as demais prendas do lar importantes para moças “criadas para casar”. Todo esforço dessa mãe para resguardar a filha, como cão de guarda, a torna ainda mais triste.

O melhor amigo de Joaquim – e também padrinho da menina Clara – é Marramaque. Sendo apenas um contínuo, é mais um que sente saudades de outrora, dos tempos em que frequentava roda literária e até conhecia personagens famosos. Assim, os personagens, um a um, vivem de contar os feitos do passado. Como diz Lúcia de Miguel-Pereira, no prefácio da obra, esse subúrbio é o local em que “muitos por ali encaharam” e de “fracassados sem consciência da própria degradação” (BARRETO, 2012, p. 31).

Um personagem interessante do livro é o poeta Leonardo Flores, cuja retratação evidencia que nele há traços do próprio Lima Barreto, seria mais alter ego. Era também pardo-claro, cabelos negros, fios brancos; maxilares salientes e boca bem-feita. Repleto de desgostos íntimos e acometido em surtos de loucura. Havia publicado livros, cerca de dez volumes, onde todos ganharam dinheiro, menos ele. Muitos atribuíam esse insucesso ao fato de ser “gente de cor”. Por isso morava no subúrbio com a esposa e os filhos, onde viviam da mesquinha aposentadoria por ter sido funcionário público federal. Há cenas em que é levado para o hospício, tal como Lima Barreto.

3.6 Dona Margarida e Gabriela

Em oposição à Clara e sua mãe Engrácia, Lima Barreto nos surpreende com a força da personagem Dona Margarida Weber Pestana. A vizinha da família de Clara era costureira, viúva, independente, que batalhava para se sustentar e sustentar o filho. Vemos, nessa personagem, um esforço de Lima Barreto para nos trazer uma mulher forte e íntegra, sem a arrogância e maldade de Dona Salustiana, a mãe de Cassi Jones.

A personagem marcante nasceu na Rússia, sendo filha de pai alemão e mãe russa, tendo vindo para o Brasil aos 16 anos. Já sabemos da simpatia do escritor pelos russos, pois já havia escrito obras com outros personagens russos, como o protagonista russo de *As aventuras do Doutor Bogolóff* e em *Isaiás Caminha*, com o correto Ivã Gregorievitch. Além disso, a aproximação do escritor com os movimentos libertários e os escritores russos foi intensa. (SCHWARCZ, 2017).

Dona Margaria em tudo difere de outras personagens da trama. Casou-se jovem com o tipógrafo mulato Florêncio Pestana – uma referência ao pai de Lima Barreto - e juntos tiveram o único filho, Ezequiel, sendo que administravam uma pensão. O marido falece pouco tempo depois, de tuberculose, e após um ano é o pai dela quem falece de febre amarela. Sozinha e com um filho pequeno para cuidar, dona Margarida se desfaz da pensão e se muda para o subúrbio, onde passa a trabalhar como costureira. E a escolha da profissão de costureira para Dona Margarida não parece ter sido ao acaso. Era um período de greves intensas das costureiras nas fábricas do Brasil sendo que muitas delas foram eclodidas por apoio dos anarquistas – e já falamos do apreço que o escritor tinha pelos anarquistas e que escrevia muitas crônicas defendendo os grevistas. Tudo indica que a profissão de Dona Margarida é uma espécie de homenagem a essas mulheres.

Essa mulher solitária, Dona Margarida, cria um laço de amizade com a família de Clara, o Senhor Joaquim e a Dona Engrácia. Fica responsável por dar aulas de costura à menina Clara, que só conseguiu graças a muita insistência de Dona Margarida, que tinha carinho pela menina e sabia que seria depois uma profissão com a qual ela também poderia se sustentar.

Segundo Chalhoub (2001, p. 185), o ambiente adverso e hostil para as classes populares criava condições para laços de solidariedade e ajuda mútua entre homens e mulheres, o que se tornava um aspecto fundamental de sobrevivência nos subúrbios. Ainda segundo o estudioso, o trabalho remunerado era um aspecto essencial da construção de uma identidade social da mulher pobre, sendo que “o trabalho remunerado da mulher pobre era, em geral, uma extensão das funções domésticas, sendo realizado dentro de sua própria casa ou na casa da família que a empregava” e complementa que, mesmo sendo de baixa remuneração, trazia relativa independência do homem. (2001, p. 204).

É dessa forma que Dona Margaria consegue lidar com as adversidades de ser mulher sozinha, com um filho para criar e ainda se sustentando. A obra também nos mostra as diversas investidas de homens na vida da senhora, apenas pelo preconceito de ser mulher sozinha; mas ela sempre os repeliu. E é mais uma vez Dona Margarida que enfrenta a Dona Salustiana, mãe de Cassi Jones.

Ao saber da gravidez de Clara, sai com a menina para a casa de Cassi para pedir à família que repare o mal – que, na época, era contraindo matrimônio. Dona Salustiana é áspera e ofende a moça, mas a oponente, Dona Margarida, responde à altura.

O desfecho é a constatação de vários avisos que Lima Barreto lança durante a obra, pois ele sempre fala das diversas moças defloradas por Cassi Jones e que tiveram um final trágico: cometeram suicídio ou foram expulsas de casa e, nessa condição, acabaram por ter que submeter a trabalhos muito indignos ou “povoar os bordéis da cidade”. Lima Barreto não atenua e, quando a obra acaba, sabemos qual será o destino da jovem Clara, porque ele diz isso o tempo todo na obra.

Lima Barreto escreve um conto que, de certa forma, nos dá a resposta do que acontecia com moças negras que, como Clara dos Anjos, engravidavam sem o matrimônio.

O conto O filho de Gabriela relata o drama de Gabriela, jovem negra que engravidou e foi expulsa de casa com a criança, o pequeno Horácio, e que se sujeita aos piores trabalhos para conseguir criar o filho. Trabalha como empregada doméstica, na casa de Dona Laura e Conselheiro Acácio, onde é muito maltratada. O casal não tinha filhos e vivia um casamento de aparências.

Um dia o filho adoece, mas a patroa não permite que Gabriela saia para levar o menino ao médico, ao que ela se sente ofendida e ameaça de contar ao patrão sobre os amantes da esposa e acaba saindo da casa dos patrões. Passando um grande período de atribulações e sofrimentos, Gabriela volta à casa dos patrões por desejo de Dona Laura. O casal apadrinha a criança, e Gabriela nutre a esperança, que o escritor diz ser a única possível, de que o casal se afeiçoe à criança e o apadrinhe nos estudos, para que tenha algum futuro. Mas o casal nunca chega a manter laços afetivos com o menino, que se torna invisível para eles. A mãe olha para o filho e pensa o que será dele, o que pode fazer para protegê-lo. Gabriela morre e o menino fica sob os cuidados do casal.

A criança é descrita com termos como “docilidade”, “amabilidade”, “silêncio”, “respeito”. Em outros momentos o descreve como “calado e concentrado”, “pensativo”, “era feio e sem beleza”, cultiva no olhar a resignação daquele que foi posto de lado, como um estorvo. O menino passa a ser maltratado tornando-se fechado, abandonado, solitário e desprovido de emitir opinião própria. E “se chorava, aplicava-lhe palmadas”. Essa criança que descreve muito se parece com o próprio escritor, como mostra em *Diário Íntimo*.

Um dia se rebela contra o padrinho, mas passa a se culpar pela insubordinação. O menino adoece e o médico é chamado, mas ele entra em “delírio febril”. O conto termina mostrando que a vida dessas moças negras que engravidavam sem matrimônio era um tormento sem fim; uma tragédia que perpassava e abatia gerações de crianças que cresciam sem apoio nenhum do Estado ou da sociedade. Seriam sempre um “estorvo” como o pequeno Horário, como descreve Lima Barreto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção literária de Afonso Henrique de Lima Barreto se concentra nas duas primeiras décadas do Século XX, e consiste em fonte importante para quem se debruça na investigação dos dilemas que despontavam na Primeira República, marcada por intensas transformações.

As inquietações sobre a utilização de obras literárias como fonte de compreensão de um período histórico sempre são levantadas e, neste momento final, cabe uma vez mais ressaltar a sua importância.

Robert Nisbet (2000), em *A sociologia como uma forma de arte*, estabelece importantes conexões entre sociologia e literatura. Ao trabalhar cientistas-artistas europeus dos séculos XVII e XVIII, diz que surgiu com eles o pioneirismo da arte na expressão de transformações socioculturais e depoimentos de cientistas contemporâneos sobre o processo criativo na ciência. Para o autor, ciência e arte possuem afinidades substanciais, já que ambas operam com o mesmo tipo de imaginação criativa ao buscar a beleza e a verdade. Nisbet diz que “qualquer arte que é séria [...] preocupa-se, primeiro e antes de tudo, com a realidade. Ela está interessada em iluminar a realidade e comunicar de algum modo essa luz para os outros” (2000, p. 116).

Já Maria Cristina Machado (2002, p. 203) diz: “a literatura e a sociologia disputam a primazia de oferecer a orientação-chave da civilização moderna”, ou seja, o direito, por assim dizer, de modelar o estilo de vida apropriado para a sociedade industrial. Para a estudiosa, essa disputa de interpretações foi o que marcou o surgimento e o desenvolvimento da sociologia, embriando num questionamento: a dúvida entre seguir uma orientação cientificista, que seria uma imitação das ciências naturais, ou uma atitude hermenêutica mais próxima da literatura. E é assim que o debate entre uma intelectualidade literária e uma intelectualidade das Ciências Sociais “constitui parte de processo complexo que, em seu desenvolvimento, foi estabelecendo limites entre o modo de produção científico e o modo de produção literário”. (MACHADO, 2002, p. 203).

Antonio Candido (2006) não apenas fala da importância da literatura como fonte de compreensão de um período, como nos ensina a descortinar a análise de uma obra literária com enfoque sociológico. Para o autor, a referida análise só pode ser feita fundindo texto e contexto numa interpretação dialética íntegra. Diz o estudioso que “a marcha da pesquisa e da teoria levou a um senso mais agudo das relações entre o traço e o contexto, permitindo desviar

atenção para o aspecto estrutural e funcional de cada unidade considerada” (CANDIDO, 2006, p. 15-33).

Por isso tivemos a intenção de mostrar como se processou sua literatura, qual foi a força que o impulsionou a tecer tantas críticas.

Em toda produção artística de Lima Barreto foi abordada uma pluralidade de acontecimentos que se tornaram fontes fecundas de inúmeros estudos e reflexões sobre um período importante da nossa história. Assim, este trabalho procurou abordar diversos aspectos importantes que nortearam suas obras, como a reurbanização da cidade, a condição no negro e o local da mulher na nova conformação social.

Buscamos trazer um Lima Barreto sem os estereótipos que margeiam muitos dos estudos sobre ele, em que sempre o retratam como ressentido e gravitam ao redor da sua conturbada vida pessoal, fazendo com que isso interfira na análise crítica de suas obras. Por isso foi importante diferenciar ressentimento de revolta e investigar, em vez de seus infortúnios pessoais, qual o dínamo propulsor de sua literatura, que é a revolta.

Ao colocá-lo como revoltado, o objetivo foi mostrar que o escritor não foi um simples amanuense que somente registrou, documentou e descreveu os ambientes e seu entorno. O escritor nos deixou uma literatura que transpõe criticamente, inventa, reinventa, é crítica e criação. Portanto, não é apenas a literatura de um negro, mas é uma literatura negra. O próprio escritor classificava sua literatura de *militante*, por isso a escolha no título desse estudo tem a literatura e o engajamento.

Mostramos que o escritor não fez uma literatura baseada em sua vida pessoal, mas inseriu novas formas de pensamento e análise crítica e social, questionando políticos, indivíduos, elite e fazendo pontes na fronteira entre gêneros.

Ao investigar a simpatia de Lima Barreto pelos movimentos anarquistas, tivemos como intenção mostrar seu *descolamento* da política posta naquele momento. Ele não concordava com o que faziam os dirigentes da nação e o anarquismo talvez fosse a lufada de vento fresco no tóxico processo de modernização em que lançaram o país. A investigação buscou trazer vestígios que nos mostrassem seu envolvimento intelectual e também seus escritos em romances, crônicas e contos sobre a causa que tanto lhe despertava simpatia.

Esteticamente a literatura de Lima Barreto, que é crítica e popular, mostra-nos um campo até então pouco explorado na representação realista da realidade brasileira²⁸. A postura

²⁸O escritor dá continuidade a uma estética inaugurada pela obra **Memórias de um sargento de milícias**, de Manuel Antônio de Almeida, e dessa forma retoma a linha do realismo crítico nacional-popular na literatura brasileira (COUTINHO, 1972, p. 55).

do escritor será a de fazer um movimento *inclusivo* ao incorporar em sua produção literária a cultura periférica e suburbana, bem como a estética popular.

Para Sevcenko (1995), Lima Barreto e Euclides da Cunha foram influenciados pela escola positivista e, portanto, tinham uma visão de sociedade cosmopolita humanitária, forjada com valores iluministas e com princípios do evolucionismo progressista liberal, mas ao se depararem com a realidade do Brasil, viram a incompatibilidade desse projeto com expansão desordenada do capitalismo. Portanto, a literatura deles é de rompimento na forma, na escrita e nos temas abordados.

Os estudos até então empreendidos me permitiram ver a literatura de Lima Barreto como uma fonte importante de conhecimento e compreensão do Brasil da Primeira República, desvelando que muitos dos nossos problemas que ele retratou permanecem os mesmos.

O objetivo foi mostrar que esse período pontilhado por inúmeras mudanças na sociedade brasileira, como a reurbanização das cidades, afetou a população mais vulnerável e não trouxe às mulheres maiores ganhos. A cidade que nasceu desse projeto modernizador era baseada em parâmetros de classe, raça e gênero. Dessa forma, vimos que houve uma segregação que se abateu sobre mulheres, negros e pobres, fazendo com que o atento Lima Barreto imprimisse em sua escrita todas essas transformações.

Procuramos explorar que a literatura de Lima Barreto foi forjada por diversos fatores que influenciaram o modo de retratar a cidade, seus problemas, seus personagens e as decisões políticas que culminaram na completa falta de inclusão de parte da população.

A relação do escritor com a cidade foi fecunda e, somado a isso, sua conduta libertária, com simpatia a movimentos anarquistas e socialistas, fez com que tivesse uma sensibilidade sociológica e crítica sobre o processo modernizador. Aliado a isso, não podemos deixar de mencionar sua condição de estar à margem dos grandes circuitos literários, sua precária condição financeira, o fato de morar em um subúrbio que diariamente o lembrava de uma realidade aviltante que separa pobres e ricos. Esses foram os ingredientes que fizeram com que Lima Barreto rejeitasse a modernização e sua literatura foi voltada a denunciar a população que não foi incluída no processo modernizador.

A literatura que produziu, se em muitos casos causa desconforto, em muitos outros desperta amor pela força de conseguir retratar a tragédia que se abatia sobre o Brasil.

Trazer a experiência de vida do escritor foi importante para entendermos suas apreensões, mas sem que isso interferisse na compreensão da sua crítica. Aliado a isso, fizemos um panorama dos acontecimentos que se desenrolavam na Primeira República, trazendo elementos que nos ajudassem a entender os problemas trazidos pelas teorias raciais,

o racismo, a falta de inserção da mulher nesse período, em especial a mulher negra. A cidade, um dos “personagens” mais importantes em suas obras, está presente para descortinar todos os problemas das populações que foram alijadas do processo modernizador.

Trouxemos obras, mas também contos e crônicas, que nos mostraram as inúmeras transformações que se abateram sobre as relações sociais, de gênero, de etnia, de costumes.

Ao construir personagens ricos como *Isaias Caminha*, Lima Barreto nos mostra o racismo operando como um bloqueio à ascensão social e financeira. Do mesmo modo, o conto *O Pecado* nos mostra que o negro vive no completo “purgatório”. Com *Gonzaga de Sá* a cidade é desnudada e as “paredes” criadas pelas decisões políticas são rompidas, e vemos as diferenças entre a presença e a ausência do Estado.

O mesmo ocorre em *Clara dos Anjos* que, apesar de tratar do drama da violação da jovem negra, não se furta de denunciar o completo abandono de quem mora no *refúgio dos infelizes*, assim como acontece com o conto *O Moleque*.

Em *O filho de Gabriela*, há o fim de moças que engravidam fora do matrimônio e passam a se sujeitar em trabalhos domésticos degradantes para sustentar o filho, além da infelicidade da patroa Laura, em um casamento de aparências.

Em *Policarpo Quaresma* vemos que a situação da mulher branca é denunciada como sendo um encarceramento em decisões que se encerram entre casar ou não casar. Em *Numa e ninfa* há a completa infelicidade da mulher branca dentro de um casamento, além a hipocrisia de jogos políticos.

Entretanto, Lima Barreto soube desenhar mulheres fortes como Margarida, de *Clara dos Anjos* e Olga de *Policarpo Quaresma*. São personagens fora do padrão, que romperam com a forte hierarquização de gênero que existia, mostrando-nos que há uma saída para a conquista do seu lugar mesmo em espaços tão opressores.

A investigação nos mostrou que ainda há muito mais de Lima Barreto a ser estudado e esta pesquisa procurou colaborar no sentido de que ele fez uma literatura com engajamento, onde teve como régua de vida não se pautar por agradar a ninguém, menos ainda os poderosos. Seu foco de luta foi a crítica social das tensões que emergiam com processo modernizador.

O trabalho aqui apresentado ainda carece de mais estudos, mas tive como Norte desde o princípio tratar Lima Barreto com muito respeito, portanto nessas linhas há muito amor.

REFERÊNCIAS (das obras de Lima Barreto)

Artigos, Crônicas e Outros

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Amplius!* In: BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Contos completos de Lima Barreto**. Organização e Introdução de Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 21-25.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. Casos de Bovarismo. In: BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Bagatelas**. São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 56-60.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Crônicas Escolhidas**. São Paulo: Ática, 1995.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Impressões de Leitura e outros textos críticos**. Organização de Beatriz Resende. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2017.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Lima Barreto**: Antologia de artigos, cartas e crônicas sobre trabalhadores. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012a.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Poesia Seleta**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Sátiras e outras subversões**. Organização de Felipe Botelho Correa. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2016.

BARRETO, Lima. Palavras de um snob anarquista. In: **Toda Crônica**. Organização De Raquel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004. v. 1.

Romances

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Clara dos Anjos**. São Paulo: Penguin & Companhia da Letras, 2016.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos**. São Paulo: Cosac Nayf, 2010.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Numas e Ninfa**. Rio de Janeiro: Garnier, 1989.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Os Bruzundangas**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. Rio de Janeiro: Publifolha, 1997.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Ática, 1999.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá**. São Paulo: Ática, 1997.

Memórias e Correspondências

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Correspondência, ativa e passiva**. Prefácio de Antonio Noronha Santos. São Paulo: Brasiliense: 1956.v. 1.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Correspondência, ativa e passiva**. Prefácio de B. Quadros. São Paulo: Brasiliense: 1956.v. 2.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário Íntimo**. São Paulo: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **O cemitério dos vivos**: memórias. Prefácio de Eugênio Gomes. São Paulo: Brasiliense, 1956.

Outras Obras de Lima Barreto

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Bagatelas**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Coisas do Reino de Jambon** (sátiras e crônicas). São Paulo: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Feiras e Mafuás** (crítica e crônicas). São Paulo: Mérito, 1953.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Histórias e Sonhos** (contos). São Paulo: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Marginália** (crônicas e artigos). São Paulo: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. Um longo Sonho do Futuro. *In*: BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Obra Completa**: (diários, cartas, entrevistas e confissões completas). São Paulo: Brasiliense, 1956. v. XI.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. Vida Urbana. *In*: BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Obra Completa**: (crônicas e artigos). São Paulo: Brasiliense, 1956. v. XI.

REFERÊNCIAS (Geral)

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- ANDRADE, Mário de. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter.** Rio de Janeiro: Villa Rica, 1993.
- ANDRADE, Mário de. **O turista aprendiz.** Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopes. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.
- ARANTES, Paulo Eduardo. **Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira: dialética e dualidade segundo Antônio Candido e Roberto Schwarz.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- BARSTED, Leila L.; GARCEZ, Elizabeth. A legislação civil sobre família no Brasil. *In:* BARSTED, Leila L. **As mulheres e os direitos civis.** Rio de Janeiro: Cepia, 1999. p. 9-26.
- BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a Modernidade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- BEIGUELMAN, Paula. **Por que Lima Barreto?** São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política.** São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BIKO, Steve. **Eu escrevo o que eu quero.** São Paulo: Ática, 1990.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização.** 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira.** São Paulo: Cultrix, 1994.
- BOSI, Alfredo. **Ideologia e contraideologia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário.** 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Lisboa: Difel, 1989.
- BRADBURY, Malcolm; MACFARLANE, James. **Modernismo Guia Geral.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BRASIL. **Código Civil.** 1916. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L3071impressao.htm. Acesso em: 09 jul. 2020.
- BRASIL. **Código Penal.** Decreto nº 847, de 11 de Outubro de 1890. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/D847.htmimpressao.htm Acesso em: 02 out. 2020.
- BUENO, Luís. **Provincianismo e literatura mundial.** *In:* ACÍZELO, Sales (org.). **Literatura brasileira: região, nação, globalização.** Campinas: Pontes, 2013. p. 173-191.

BUITONI, Dulcília. **Imprensa Feminina**. São Paulo: Ática, 1986.

BUITONI, Dulcília. **Mulher de Papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Loyola, 1981.

CÂMARA FURTADO, Fabiana. **Perfis da Belle Époque brasileira**: uma análise das figuras femininas em Lima Barreto. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

CAMARGO, Oswaldo (org.). **A razão da chama**: antologia de poetas negros brasileiros. São Paulo: GDR, 1986.

CAMUS, Albert. **O homem revoltado**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

CANDIDO, Antonio. A sociologia no Brasil: tempo Social. **Revista de sociologia da USP**, São Paulo, v. 18, n.1, jun. 2006.

CANDIDO, Antonio. **A vida ao rés-do-chão**. Campinas: Unicamp, 1992.

CANDIDO, Antonio. Feitos da burguesia. *In*: CANDIDO, Antônio. **Teresina Etc**. São Paulo: Paz e Terra, 1992. p. 87-96.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos (1759 – 1880). Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia, 1993.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. Os olhos, a barca e o espelho. *In*: CANDIDO, Antônio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989. cap. 3.

CARONE, Edgard. **A República Velha**: instituições e classes sociais. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1974.

CARVALHO FRANCO, Maria Sylvia de. **Homens livres na ordem escravocrata**. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas**: o imaginário da república no Brasil. São Paulo: Companhia da Letras, 1990.

CARVALHO, José Murilo. **A Formação das Almas**. São Paulo: Companhia da Letras, 2005.

CARVALHO, José Murilo. **Os Bestializados e a República que não foi**. São Paulo: Companhia da Letras, 1987.

CEVASCO, Maria Elisa. Roberto Schwarz: um crítico dialético na periferia do capitalismo. **Revista Periódicos em Letras**, Belo Horizonte, v. 21, n. 01, 2015, p. 11-23. Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/8615>. Acesso em: 20 ago. 2019.

CHAGAS, Carlos. **O Brasil sem Retoque 1808 – 1964**: a História Contada por Jornais e Jornalistas. Rio de Janeiro: Record, 2001. v.1.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril**: cortiços e epidemias na corte Imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Epoque. Campinas/SP: Editora Unicamp, 2012.

COELHO NETO, Henrique Maximiliano. **Rei Negro**. 2. ed. Porto: Chardron, 1926.

COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república**: momentos decisivos. 6. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

COSTA, Milton Carlos. **Usura e Purgatório**: Jacques Le Goff e a Antropologia do Sagrado Medieval. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/190.pdf> Acesso em: 10 jun. 2020.

COUTINHO, Carlos Nelson. O Significado de Lima Barreto em nossa Literatura. *In*: COUTINHO, Carlos Nelson. **Realismo e Anti-Realismo na Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972. p. 1-56.

CRÔNICA inédita de Lima Barreto encontrada na BN. **Biblioteca Nacional**, 18 set. 2015. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2015/09/cronica-inedita-lima-barreto-encontrada-bn>. Acesso em: 11 nov. 2020.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. São Paulo: Três, 1984. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000091.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2020.

DEL PICCHA, Paulo Menotti. **Juca mulato**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, [1917].

DOMINGUES, Petrônio. **Lino Guedes**: de filho de ex-escravo à “elite de cor”. São Paulo: Afro-ásia, 2010.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, São Paulo, 2007, v.12, n. 23, p.100-122. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07>. Acesso em: 20 ago. 2020.

ELIAS, Norbert. **Mozart**: sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

ENGEL, Magali Gouveia. Gênero e política em Lima Barreto. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 32, p. 365-388, jan./jun. 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332009000100012&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 23 jul. 2020.

EVARISTO, Conceição. Questão de pele para além da pele. *In*: EVARISTO, Conceição. **Questão de pele**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009. p. 19-37.

FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia: Edufba, 2008.

FAORO, Raymundo. A questão nacional: a modernização. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 6, n. 14, 1992.

FAORO, Raymundo. **Machado de Assis**: A Pirâmide e o Trapézio. Rio de Janeiro: Globo, 1988.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classe**. São Paulo: Globo, 2008.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil**: ensaio de interpretação sociológica. 5. ed. São Paulo: Globo, 2006.

FERNANDES, Florestan. O Protesto Negro. **Rev. São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, n. 02, v. 02. abr./jun. 1988.

FERNANDES, Florestan. **O significado do protesto negro**. São Paulo: Cortez, 1989.

FERNANDES, Florestan. **Sociedade de classes e subdesenvolvimento**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. Tensões entre vida e obra nas biografias de Lima Barreto. **Pernambuco**: Jornal Literário da Companhia Editora de Pernambuco, 2017. Disponível em: <http://suplementopernambuco.com.br/resenhas/1906-tens%C3%B5es-entre-vida-e-obra-nas-biografias-de-lima-barreto.html>. Acesso em: 11 nov. 2020.

FIGUEIREDO, Carmen Lúcia Negreiros de. **Trincheiras e Sonhos**: ficção e cultura em Lima Barreto. Rio de Janeiro: Tempo Perdido, 1998.

FIGUEIREDO, Eurídice. Mulato. *In*: BERND, Zilá. (org.). **Dicionário de figuras e mitos literários das Américas**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2007. p. 455-61.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU, 1975.

FOUCAULT, Michel. **Aulas sobre a vontade do saber**. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREIRE, Zélia Nolasco. **Lima Barreto**: Imagem e linguagem. São Paulo: Annablume, 2005.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. São Paulo: Global, 2006.

GARCIA, Sylvia Gemignani; MARTINS, Heloísa Helena Teixeira de Souza. A sociologia como uma forma de arte, de Robert A. Nisbet. **Plural**, São Paulo, v. 7, p. 111-130, 2000.

GUEDES, Lino. **O canto do cisne preto**. Lisboa: Lello & Irmão, 1926.

HIDALGO, Luciana. **Literatura da urgência**: Lima Barreto no limite da loucura. São Paulo: Annablume, 2008.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

IANNI, Octavio. **A ideia de um Brasil Moderno**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

IANNI, Octavio. A Presença do Negro na Literatura. *In*: IANNI, Octavio. **Ensaio de Sociologia da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 141-157.

IANNI, Octavio. Entrevista. *In*: BASTOS, E. R. *et al.* (org.). **Conversas com sociólogos brasileiros**. 34. ed. São Paulo: 2006. p. 12-23.

IANNI, Octavio. **Pensamento social no Brasil**. Bauru: EdUSC, 2004.

KEHL, Maria Rita. O ressentimento camuflado na sociedade brasileira. **Revista Novos Estudos**, São Paulo, n. 07, mar. 2005. Disponível em: <https://docplayer.com.br/34593869-O-ressentimento-camuflado-da-sociedade-brasileira-1.html>. Acesso em: 09 set. 2020.

KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

LACERDA, João Batista de. **O Congresso Universal das Raças reunido em Londres (1911): apreciação e comentários**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1912.

LEONEL, Maria Célia; SEGATTO, José Antônio. **Ficção e ensaio: literatura e história no Brasil**. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

LIMA, Alceu Amoroso. **Quadro sintético da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Agir, 1958.

LIMA, Jorge de. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o Espaço Romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

LOBATO, José Bento Monteiro. **O Presidente Negro**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. *In*: DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 443-481.

LOYOLLA, Dirlenvalder do Nascimento. Considerações sobre ética e estética em Lima Barreto. **Revista Estação Literária**, Londrina, v. 21, p. 196-216, jun. 2018. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/30774>. Acesso em: 23 ago. 2020.

LUCAS, Fábio. Confissões e Fundamentos de Lima Barreto. *In*: LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. **O Cemitério dos Vivos**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004. p. 7-16.

LUCKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

LUCKÁCS, Georg. Narrar ou Descrever? *In*: LUCKÁCS, Georg. **Ensaaios Sobre Literatura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965. p. 43-94.

MACHADO, Maria Cristina Teixeira. **Lima Barreto: um pensador na Primeira República**. Goiânia: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. *In*: NOVAIS, Fernando A; SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil: da belle époque a era do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. v. 3. p. 368- 421.

MARINS, Álvaro. **Machado e Lima: da ironia à sátira**. Rio de Janeiro: Utópos, 2004.

MARX, Karl; ENGELS, Frederich. **O Manifesto Comunista**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. (Coleção leitura).

MATTOS, Rômulo Costa. As favelas na obra de Lima Barreto. **Revista Urbana**, Campinas, ano 02, n. 02, p.1-28, 2007. Dossiê: Cidade, Imagem, História e

Interdisciplinaridade. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/320600896_As_favelas_na_obra_de_Lima_Barreto/link/59eff01a0f7e9baeb26ad07c/download Acesso em: 24 jul. 2020.

MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MICELLI, Sérgio. Poder, Sexo e Letras na República Velha (Estudo Clínico dos Anatolianos). *In*: MICELLI, Sérgio. **Intelectuais à Brasileira**. São Paulo: Cia da Letras, 2001. p. 13-63.

MORAES, Régis de. **Lima Barreto**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MOURA, Clóvis. Brasil: **As raízes do protesto negro**. São Paulo: Global, 1983.

MOURA, Clóvis. Lima Barreto e a militância literária. **Revista Princípios**, São Paulo, n. 02, p. 42-48, jun. 1981. Disponível em: <http://revistaprincipios.com.br/artigos/2/cat/2361/lima-barreto-e-a-militancia-literaria.html>. Acesso em: 29 jun. 2020.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. 2015. Disponível em: <https://archive.org/stream/AntenorNascentesDicionarioEtimologicoDaLinguaPortuguesaTomoI/DicionarioEtimologicoDaLinguaPortuguesa#page/n385/mode/2up>. Acesso em: 31 jan. 2020.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NINA RODRIGUES, Raymundo. **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, [1894] 1933.²⁹

NINA RODRIGUES, Raymundo. **Os africanos no Brasil**. Revisão e prefácio de Homero Pires. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, [1932]1935. (Série V, Brasileira, v. 9).³⁰

OLIVEIRA VIANNA, Francisco José. **O idealismo da constituição**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

OLIVEIRA VIANNA, Francisco José. **Raça e assimilação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

OLIVEIRA, Irenísia Torres de. Viajando pelo Brasil, num conto de Lima Barreto. **Revista Moara**, Belém, n. 29, p. 82-98, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/3365/0>. Acesso em: 11 nov. 2020.

ORTEGA Y GASSET, José. **A desumanização da arte**. São Paulo: Cortês, 2008.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira & identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

²⁹A primeira edição é de 1894, a terceira de 1938 e a quarta de 1957.

³⁰A primeira edição é de 1932, a terceira de 1976, a quarta de 1982 e a quinta de 1988.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da literatura brasileira: prosa de ficção (1870 – 1920)**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1973.

PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo: colônia**. São Paulo: Brasiliense; Publifolha, 2000.

PRADO JUNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. 20. ed. São Paulo: Brasiliense, 1977.

PRADO, Antônio Arnoni. **Lima Barreto: o crítico e a crise**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

PRADO, Antônio Arnoni. **Literatura Comentada**. São Paulo: Abril, 1980.

PRADO, Antônio Arnoni. **Trincheira, palco e letras: crítica, literatura e utopia no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

PRADO, Paulo da Silva. **Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira**. Organização de Carlos Augusto Calil. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

PROENÇA, Domicio Filho. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estud. av.**, São Paulo, v.18, n. 50, jan./abr. 2004. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142004000100017>. Acesso em: 23 jun. 2020.

RAGO, M. **Do cabaré ao lar: A utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RAMA, Ángel. **A cidade e as letras**. Tradução de Emir Sader. São Paulo: Boitempo, 2015.

RAMOS, Arthur. **O negro brasileiro**. Rio de Janeiro: Graphia, 2001.

REIS, José de Oliveira. **O Rio de Janeiro e seus prefeitos: evolução urbanística da cidade**. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1977.

RESENDE, Beatriz. **Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos**. Rio de Janeiro: Autêntica, 2016.

RESENDE, Beatriz. **O Lima Barreto que nos olha**. 7 jan. 2016. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/o-lima-barreto-que-nos-olha/#ixzz4F06WF87Z>. Acesso em: 03 set. 2019.

ROCHA-COUTINHO, M. L. A mulher no Brasil. In: ROCHA-COUTINHO, M.L. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. cap. 4.

SAES, Décio. **A Formação do Estado Burguês no Brasil (1888-1891)**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A Mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.

SAID, Edward. **Representações do intelectual: As conferências Reith de 1993**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SAMPAIO JUNIOR, Plínio de Arruda. **Entre a nação e a barbárie**: os dilemas do capitalismo dependente em Caio Prado, Florestan Fernandes e Celso Furtado. Petrópolis: Vozes, 1999.

SANT'ANNA, Cristina Nunes de. **Marcas e metáforas do Rio de Janeiro escrito e vivido por Lima Barreto**. 2013. Tese (Doutorado em Ciências Sociais.) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino americano. *In*: SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**: ensaios sobre dependência cultural. São Paulo: Perspectiva Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978. p. 11-28.

SARTRE, Jean Paul. **O que é literatura?** São Paulo: Ática, 2004.

SCARTEZINI, Natália. Introdução ao método de Pierre Bourdieu. **Cadernos de Campo**: Revista de Ciências Sociais, São Paulo, n. 14/15, 2010/2011. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/5159/4224>. Acesso em: 12 jan. 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto**: triste visionário. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

SCHWARZ, Roberto. **Martinha versus Lucrecia**: ensaios e entrevistas. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SCHWARZ, Roberto. Prefácio com perguntas. *In*: OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à razão dualista/O ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo, 2003. p. 11-23.

SCHWARZ, Roberto. **Que horas são?** São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

SEVCENKO, Nicolau. **A Revolta da Vacina**: mentes insanas em corpos rebeldes. São Paulo: Scipione, 2003.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Daniel Antônio Coelho; CARVALHO, Danilo Nunes de. A Integração do Negro na Sociedade de Classes: a Resistência Negra sob Perspectiva Marxista. **Revista Brasileira de Educação e Cultura – Centro de Ensino Superior São Gotardo**, São Gotardo, n. 01, p. 08, 2010. Disponível em:

<http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura/article/view/38>. Acesso em: 13 maio 2020.

SOIHET, Raquel. **Condição feminina e formas de violência**: mulheres pobres e ordem urbana 1890-1920. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

SOUSA, Alina Silva. **A família na República**: imprensa e casamento civil em São Luís na década de 1890. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia Letras, Ciências humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-03062008-153417/publico/DISSERTACAO_ALINA_SILVA_SOUSA.pdf. Acesso em: 31 ago. 2020.

SOUZA, Fabiola Amaral Tomé de. A presença do negro no pensamento social brasileiro. **Educação Pública**, Rio de Janeiro, fev. 2013. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/13/7/a-presenccedila-do-negro-no-pensamento-social-brasileiro>. Acesso em: 02 out. 2019.

SOUZA, Luís Antônio Francisco de. **Lei, cotidiano e cidade**: Polícia Civil e práticas policiais na São Paulo republicana (1889-1930). São Paulo: IBCCRIM, 2009.

VASCONCELLOS, Eliane. A mulher na obra de Lima Barreto. Org. Fundação Casa Rui Barbosa. **Revista Travessia**, Florianópolis, n. 25, 1992. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17005>. Acesso em: 05 jun. 2020.

VIEIRA, Denise Adélia. **A literatura, a foice e o martelo**. 2004. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2004. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp108057.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2019.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Revisão técnica de Gabriel Cohn. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2005.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história da literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.